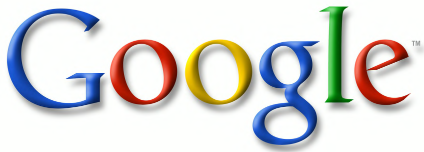


This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

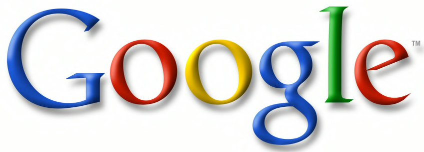
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

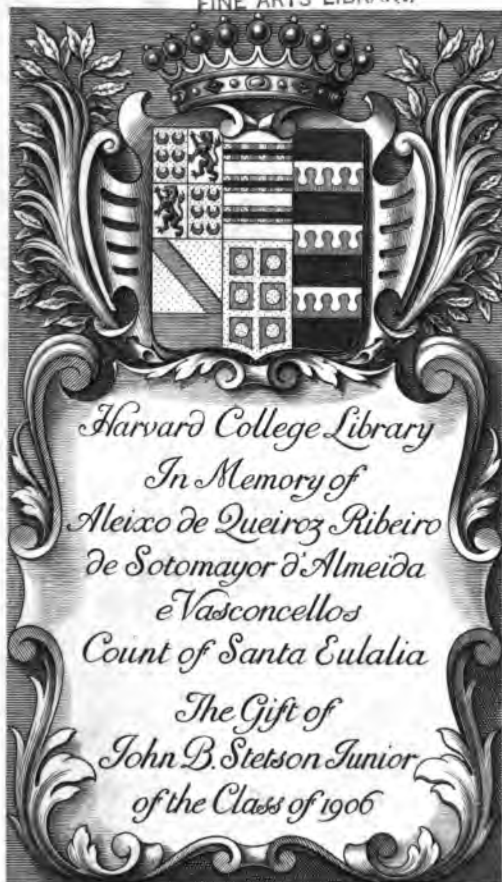
- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

FA 745.20

TRANSFERRED TO
FINE ARTS LIBRARY.



RIBEIRO ARTHUR

ARTE

E

ARTISTAS CONTEMPORANEOS



LISBOA
LIVRARIA FERIN
FORNECEDORES DA CASA REAL

M DCCC XCVI

92

ARTE

E

ARTISTAS CONTEMPORANEOS

LISBOA — Imprensa Nacional — 1896

RIBEIRO ARTHUR

ARTE

E

ARTISTAS CONTEMPORANEOS

ILLUSTRAÇÕES

DE

CASANOVA & RAMALHO

PREFACIO DE FIALHO DE ALMEIDA



LISBOA

LIVRARIA FERIN

FORNECEDORES DA CASA REAL

M DCCC XCVI

FA745.20
~~FA738.19~~

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

MAY 28 1924

A

JOAQUIM GUALDINO DE CARVALHO

AMIGO

A ti, caracter nobre, ainda impolluto, de quem tenho recebido provas da mais desinteressada e sincera amisade, offereço este livro.

Ribeiro Arthur.

Reunindo alguns artigos publicados em diversas epocas e em varios jornaes, é meu unico fim render mais uma homenagem aos distinctos artistas que os inspiraram. Homenagem humilde, mas sincera, de quem, considerando a arte a mais bella manifestação do espirito humano, sente pelos seus cultores profundo e incondicional respeito.

Fialho de Almeida, comprehendendo a intenção que me anima, presta a este pequeno livro, com algumas linhas da sua inimitavel e esplendida prosa, o valor que a minha obscura penna não poderia dar-lhe.

Os meus agradecimentos ao illustre escriptor.

PREFACIO

A historia do movimento artistico propulsado ao redor de Silva Porto, embora não de grande tomo, é comtudo tarefa para interessar um observador curioso e intelligente. Algumas risonhas exposições saíram d'elle, alguma curiosidade se fez em favor dos artistas que n'elle tomaram parte, e, quanto á pintura portugueza, se litteralmente se não póde dizer florescesse sob a egide inspirativa do mestre, deve-se attribuir o caso antes

aos instinctos gananciosos dos que o cercavam, do que propriamente á falta de preponderançia do seu talento na acção de contemporaneos e seguidores.

Silva Porto era apenas uma alma de contemplativo evocador d'aspectos neutros, poetisada pela misanthropia, e annotando honestamente o seu sonho incompleto da natura. A sua obra não tem talvez grandeza, mas, pela fidelidade das impressões, pela escrupulosa minusculeria dos themas, pela saudade monotona que exhala, aqui e alem, enternece, dando a impressão de haver sido vivida pelo artista. Personalidade absorvente, n'um meio mais largo, vou a dizer que Silva Porto não seria, mas a sua indole doce, a sua modestia receosa, a sua voz em fio no fundo da larynge, tudo concorria n'elle para duplicar o encanto dos seus quadros, que assim explicados eram como

a autobiographia sentimental do payzagista.

Na vida de intrigalha e ciumeira azeda, que é o fundo dramatico de todos os meios artistas, Silva Porto, com o seu caracter limpido, o seu geito conciliante, o seu tacto de guiar-se, era um caso moral de sensação, e o amor dos amigos e discipulos lhe concretou parte da lenda poetica, entre que a sua obra nos apparece ainda hoje, um pouco estragada pela oxydação das tintas e pela deificação incondicional dos exagerados.

O indiscutivel foi que essa obra, alem de um cunho de sinceridade representativo da identificação do homem com a arte, exerceu seducções estheticas em alguns espiritos contemporaneos, do que resultou formar-se um grupo de pintores empenhado em progredir, durante um certo tempo. O grupo chamou-se do *Leão,*

por causa de um café da rua do Principe, onde ás noites íam cavaquear e beber cerveja, artistas n'elle incorporados, e o seu advento nas exposições do *Commercio de Portugal* é trepidação de um hausto novo na maneira portugueza de pintar.

Annos depois de organisado o grupo do *Leão,* bolorencias inherentes á natureza pantanosa d'este genero de sociedades, levaram alguns artistas a se separarem d'elle, e a incorporarem-se-lhe outros, e a nova confraria a alargar-se n'um programma mais ingreme de letras e artes, com saraus, banquetes, exposições e regalos, que, pela vida periclitante da nova milicia, intitulada *Gremio Artistico,* não chegaram a cabal execução, á parte as exposições, decaídas, que o profissional hoje evita, e que a invasão do *furioso* amador quasi tornou fastidiosas.

Tal é, em quatro palavras, a historia evolucionada da pintura nacional dos ultimos quinze annos, cujo esqueleto deixo, rude e nuamente raspado de tecidos decoraes, para que o leitor, desencantado do meu secco discurso, veja surprezo a maneira fidalga, colorida, artistica e boa por que o meu amigo Ribeiro Arthur traça em largos e detalhados retratos o melhor da *melée* dos pintores que fundaram e propulsaram aquelle movimento artistico, para todos sympathico. Ribeiro Arthur é uma curiosa organisação de homem moderno, alliando a intelligencia ao methodo, e chegando por voluntariosas tentativas aos resultados de uma multiplicidade de aptidões. Como official do exercito, escolhem-no para missões de confiança; os seus quadrinhos recortam na silhueta do militar o quer que seja de um rosicler de artista, que

sente a côr e caça ao pittoresco; e do que elle seja como homem de letras, dil-o este livro, onde alguns pontos de critica fulguram, e impressionabilidades tão finas se revelam. Collega e intimo de quasi todos os pintores que retrata, e homem de coração fidalgo, antes de artista, nem sempre coragem lhe sobrou para dizer d'um ou d'outro a palavra terrivel, mas essa crueza desmontaria o livro, não é verdade? do seu engaste affectuoso, e confrangeria uma penna que, naturalmente sociavel, gosta mais de aperceber aspectos gratos e se molhar em tintas de sorrir. De mais, a obra de Ribeiro Arthur, mesmo assim benigna de criterio e no estado de notulas á margem dos individuos ou dos quadros, é quasi um roteiro completo da pintura portugueza, de Silva Porto até hontem, e não julgo pequeno serviço reunir noticias e

datas sobre um capitulo de actividade esthetica, que sem elle ficaria enterrado no banal noticiario das folhas, e litteralmente esquecido em poucos annos. Este o lado moral da obra, que entretanto tem outros aspectos, chegando como litteratura a produzir no leitor uma grande somma de prazer.

Ribeiro Arthur não é ainda o que se possa chamar um estylista, mas a sua penna de debutante tem o ar de ser já solidamente arcabouçada, e a claridade do sentido, a harmonia das construcções, a nitidez do vocabulo, o rythmo, o córte, dão-lhe uma physionomia adulta, cuja virilidade espanta tratando-se de um escritor inedito ainda hontem. Da leitura das suas paginas deprehende-se que é um esclarecido espirito, feito no estudo, e com decidida predilecção por themas de arte, e que entrando na publicidade

sem pretensões de espavorir a galeria pelo insolito, facil conquistará successo, por ser dos poucos que parece ter para dizer alguma cousa.

FIALHO DE ALMEIDA.

I

PERFIS

SILVA PORTO

A paisagem

Sunt lacrimae rerum, disse Virgilio, *et mentem mortalia tangunt.* Sim, a natureza tem as suas lagrimas e tem os seus sorrisos, e o seu aspecto sombrio, ou radioso, as suas linhas, tristes ou alegres, fallam ao nosso coração, e para participarmos da grandeza d'esses espectaculos basta que um artista sincero recolha piedosamente as suas emoções e saiba traduzil-as. Será talvez a mais solida gloria artistica do nosso tempo o ter sur-

prehendido á paisagem as suas harmonias intimas, o ter-lhe sentido toda a perturbadora eloquencia.

A impressão melancholica de um occaso no campo solitario e silencioso, onde, emquanto as encostas se carregam de sombras, os cimos reflectem a luz esbatida do sol que desappareceu, a rustica poesia da tarde na aldeia, quando a gente recolhe do trabalho, os bois mansos e os alegres rebanhos voltam aos curraes, o vivo sentimento que se desprende de uma simples arvore isolada, quer o outomno lhe tenha despido as folhas e o nevoeiro esfume o horisonte, quer a poeira luminosa do sol do estio lhe doure a folhagem virente n'um alegre dia de verão; o murmurio de um regato, o silencio de um rochedo, a magestade assombrosa do mar tempestuoso, ou a serenidade risonha das aguas tranquillas, a planicie illimitada, coberta pela vastidão radiante do céu infinito, o perfil de uma montanha, um canto de uma floresta, todas estas physionomias, tão

diversas, da vida universal, têem um caracter individual, uma entidade expressiva, espalham uma emoção subtil, que nos commove profundamente e nos encanta, nos entristece ou nos alegra, conforme o aspecto com que se apresenta ao nosso espirito. O artista que sentiu emoção igual á nossa e a traduziu na téla encontra rapidamente o caminho do nosso coração. Abençoado artista! E os animaes, cuja vida é tão intimamente ligada á vida dos campos, que doce e sympathica é a sua presença para o homem, que n'elles encontra companheiros, auxiliares e amigos!

Bem diversa é hoje da de outr'ora a interpretação da natureza na arte.

Quando em 1649, Paulo Potter pintou para Emilia de Nassau, condessa de Zolms, a sua obra prima, —*La vache qui pisse*—, a dama, indignada, recusou a obra como inconveniente e indecente. N'este quadro, n'uma vasta pastagem, em pleno sol, sem claro-escuro, onde apenas algumas arvores espalhadas dão sombra

a uma herdade e aos animaes que repousam, tinha o celebre pintor hollandez representado as suas admiraveis e predilectas vaccas, cavallos, carneiros, cabras, gallinhas, cão, gato, um grupo de bellos animaes, tratados amorosamente pelo seu pincel extraordinario.

O quadro, que uma princeza do seculo XVII recusou, faz hoje parte da preciosa collecção do imperador da Russia, e foi em 1814, quando existia na Malmaison, avaliado em 250:000 francos!

A escola italiana desprezou completamente a interpretação da natureza na paisagem; é ver os pueris fundos de Raphael e de todos os maravilhosos pintores d'aquella epocha. Annibal Carrache e o Dominiquino trataram com alguma felicidade este genero, mas empregando-o apenas como meio onde faziam mover as suas figuras. Os creadores da pintura de paisagem foram os hollandezes e o primeiro que ousou apresental-a, despida de figuras, Paulo Brill de Anvers.

Da pintura flamenga n'esta epocha, lê-se no manuscripto de Francisco de Hollanda (1549) a seguinte apreciação, posta pelo auctor na bocca de Miguel Angelo:

«Em Flandres pintam de preferencia objectos que vos encantem, ou dos quaes não podeis dizer mal, taes como santos, prophetas. De ordinario são cabanas, campos muito verdes, assombreados de arvores, ribeiras e pontes, o que se chama paisagem, e muitas figuras por aqui e por alli, o que, embora seja de bom effeito para certos olhos, não tem rasão, nem symetria, nem preparações, nenhum cuidado na escolha, nenhuma grandeza. Esta pintura é sem corpo e sem vigor; todavia pinta-se melhor em Flandres, que nos outros paizes fóra da Italia.»

Já não foi contemporaneo de Miguel Angelo, Ruysdaël, o sublime sonhador que exprimiu como ninguem a poesia da solidão, do silencio, do mysterio, e cujo nome faz, a par do de Rembrandt, a gloria artistica da Hollanda. Depois d'elle ainda a escola hollandeza tem notaveis

paisagistas, Hobbema, João Wynants, Decker, Van de Velde, Koning, Isac Van Ostade, Van der Neer, etc.

Como Carrache e Dominiquino, mas superiormente, Poussin, nos seus quadros historicos, tratava a paisagem como um verdadeiro comprehendedor da sua belleza e do seu valor na arte; mas o primeiro pintor francez, a quem verdadeiramente cabe o nome de paisagista é Claudio Loreno, o *Raphael da paisagem,* assim chamado, porque os seus quadros são uma idealisação da natureza.

Os inglezes têem tido distinctos paisagistas; póde-se citar Wilson, Thomas Gainsborough, Crôme, Morland, Nasmyth e o notabillissimo Constable, de quem a —*Ceifa*— e o —*Arco iris*— mereceram a admiração geral, e tiveram mesmo uma influencia notavel sobre a moderna escola franceza. A esta, porém, cabe a honra de possuir um glorioso grupo de paisagistas, obreiros revolucionarios da arte, que, luctando com a into-

lerancia do classicismo, abriram um novo caminho, onde foram seguidos com enthusiasmo ardente pelos contemporaneos, avidos de novos segredos, de novas emoções, de novos ideaes; mostraram a magestade deslumbrante dos campos, a personalidade ardente da natureza, cantaram-na, como poetas a amante adorada, idealisando-lhe os encantos. Cabat, Jules Drupé, Corot, Theodoro Rousseau, Millet, foram os primeiros entre estes adoradores da *alma mater;* as suas obras cheias de enthusiasmo ardente, synthetisam, subordinam o detalhe ao conjuncto; elles procuram acima de tudo a visão ideal que os illumina; os modernos, os nossos contemporaneos, parecem ver a natureza de um modo differente, não synthetisam, analysam, trocam o conjuncto pelo detalhe; em vez de mostrarem a natureza na sua sublimidade grandiosa, apontam-a na sua simplicidade commovedora e eloquente. A impressão que em nós produz não é menos intensa, se o artista não foi um copiador indifferente,

mas um poeta que soube exprimir a vibração que o commoveu.

O gosto pela paisagem tem-se desenvolvido em extremo, e não só a simples physionomia dos campos, mas tudo o que mais directamente se lhes prende, os animaes e os aldeões, que pela rustica simplicidade e pelo trabalho estão mais perto da natureza, tem sido o assumpto dos mais formosos quadros.

Entre novos e velhos que de illustres interpretes da vida dos campos, mesmo escolhendo ao acaso, a escola franceza nos offerece: Troyon, Vuillefroy Van Marcke, Barillot, Pelouse, Julien Dupré, Geofroy, Madame Dieterle, Roll, Lhermitte, Cazin, Zuber, Daubigny, Nozal, Bernier, e tantos outros. Mas para mim o mais adoravel poeta, que actualmente exprime pelo pincel a sublime poesia da simplicidade do campo, é Jules Breton, o pintor da —*Étoile du Berger*—, uma Ceres rustica, que a Grecia não desdenharia, do —*Soir dans les hameaux de Finesterre* —, das — *Communiantes* —, do

— *Chant de l'alouette* — e de tantas outras paginas, todas tão intimamente commovedoras, tão singelamente verdadeiras. N'esta pleiade brilhante dos poetas da paleta, ha, entre os que precocemente foram roubados pela morte, uma perda bem dolorosa para a moderna arte, Bastien-Lepage, outro loreno, cujo ideal era a sublime verdade, e que revelava a physionomia da sua provincia em télas maravilhosas como a — *Récolte des pommes de terre* —, — *Le père Jaques* —, — *La sieste dans les foins* —, etc.

O pequeno grupo de modernos pintores portuguezes tem, como verdadeiro filho da escola franceza, apaixonados cultores da paisagem; poucos ha entre os nossos que não sejam mais ou menos paisagistas; devemos, porém, orgulharnos de ter em Silva Porto um paisagista distincto, profundamente nacional, e que allia ao seu grande talento de pintor o de ser um professor meritissimo.

Caracter modesto e reservado, dotado de uma preciosa intuição artistica, as

suas obras, de uma delicada sobriedade, attingem a verdadeiros primores. As innumeraveis bellezas da rica paisagem patria, os costumes dos nossos campos, os formosos bois das nossas pastagens são os habituaes assumptos dos seus quadros, alguns dos quaes como —*A salmeja*— (arredores de Lisboa) —*Os campinos*—, —*A volta do mercado*—, —*A volta para a arribana*—, são verdadeiros quadros de mestre. As suas paisagens do Minho, tão frescas, têem um encanto inexcedivel; nenhum como elle nos dá a deliciosa frescura de uma manhã, o ar melancolico de um nevoento outomno. Trabalhando constantemente, são todos os annos, na exposição do Grupo do Leão, as suas numerosas télas acolhidas com geral enthusiasmo pelos amadores, que se apressam em adquiril-as.

É natural do Porto, onde muito novo começou a estudar na Academia, sendo discipulo de João Correia. Apresentou-se, com Loureiro, n'um concurso a fim de estudar paisagem em París, para onde par-

tiu em 1873; em 1877 seguiu para Roma a completar os seus estudos. Em París frequentou o atelier de Cabanel e o curso nocturno de Yvon; foi tambem discipulo dos paisagistas Daubigny, Grosseiller e Beauverie. Na volta a Portugal, em 1879, foi, pela morte de Assumpção, nomeado pelo conde de Almedina, professor da Escola de Bellas-Artes de Lisboa, ficando professor effectivo em 1883.

Durante a sua estada em París expoz, no *Salon* de 1876: —*Les bords de l'Oise à Anvers*— *(Seine et Oise)* no de 1878, a sua —*Italiana fiando*—, e no de 1879, o —*Petit voleur*—.

Silva Porto está no vigor da idade, com um talento amadurecido por largo estudo e incessante trabalho; deve enriquecer-nos ainda com muitas e valiosas obras, que nos augmentarão o orgulho de possuirmos este notavel artista.

13 de outubro de 1889.

ANTONIO CARVALHO DA SILVA PORTO

Quem me diria, quando em 1889 publiquei alguns traços biographicos do grande paisagista portuguez, exaltando-lhe as raras qualidades, que tão pouco tempo decorrido estaria aqui a prestar-lhe a ultima homenagem.

Quarenta e dois annos apenas, na força da vida, na pujança do talento, realisada essa affirmativa de merito especial e qualidades unicas que tornam um homem uma individualidade, um horisonte larguissimo de esperanças, toda uma prole em botão, os que amam a arte e anceiam para a sua terra glorias com os

olhos fitos n'elle, como n'um ponto luminoso de onde irradiam esplendores, e vem a morte, que, na sua carreira cega, passa distrahida por tanta miseria inutil, e tanto vicio funesto, pega em todas essas esperanças, em toda essa gloria e, arremessa-as violentamente para a sombria arca de pedra, em que a eternidade põe o inviolavel sêllo.

Pobre e querido grande artista! Vi-o pela ultima vez na gare do Rocio. «Até quando?» Até ás ferias, talvez. Irei, se podér ao Minho, e farei lá alguma cousa». E os seus olhos animavam-se ante a visão sorridente dos formosos campos que elle tanto amava, ao impulso d'essa febre de trabalho, que era toda a essencia do viver d'elle. Poucos dias depois dizia-me n'uma carta, que se sentia outra vez doente, a maldita colica não o deixava, e participava-me o nascimento de uma filhinha. Triste berço que se abria á beira da sepultura do pae!

Uma perda irreparavel para a arte portugueza, porque Silva Porto era um

artista na mais larga accepção da palavra, e um artista tão nosso! Juntára em estrophes repassadas de uma terna melancholia, que é a expressão mais intima da alma nacional, um poema vastissimo, em que cantam todas as harmonias dos cambiantes verdes dos nossos campos, os sorrisos das auroras, as lagrimas dos occasos, os murmurios das aguas, as scintillações deslumbrantes e as suaves caricias de uma atmosphera de luz. No seu olhar, concentrado, ou perdido no vago de uma abstracção profunda, existia permanente a imagem das cousas sympathicas que se tinham tornado como uma parte viva da sua alma, esses campos por ahi alem, pelo paiz fóra, essas figuras rusticas, que a gente lá avista de dia curvadas sob o trabalho, e á tardinha surgem, nas voltas dos caminhos, parecendo uma emanação da terra, os irmãos gemeos das arvores robustas, e esses mansos animaes, que, nas télas d'elle, nos fitam ás vezes com tão humana expressão.

A sua pintura era tão singela, mas tão sentida, que a todos fazia pensar, prendendo n'um encanto suave e indiscriptivel. Tinha, sem dar por isso, alcançado uma influencia enorme, e essa pleiade de paisagistas novos que irrompem, trasbordando sobre todos os outros generos de pintura, era tambem devida ao talento dominador de Silva Porto. A paisagem parecia mais formosa através das suas télas, e todos abalavam para o campo a buscar ali as emoções que a obra do mestre despertava. Era, porém, unico; até hoje ainda nenhum alcançou devassar segredos que a sua alma de poeta guardava, nem essa virtuosidade de pincel que o tornava um superior, um mestre.

Querido de todos, de uma bondade inexplicavel, marcando-se a mais severa linha de conducta, tinha para as fraquezas dos outros uma tolerancia sem igual. Todavia conhecia e avaliava bem as cousas e os homens, e essas miserias, pequenas e grandes, que nos fazem enojar tantas vezes da humanidade, olhava-as

elle compassivo, limitando-se a encerrar-se n'um estreito circulo, em que agrupava aquelles para quem a sua alma tinha expansões cariciosas de irmão.

Trabalhador incansavel, deixa uma obra enorme para os poucos annos que viveu. Os mais notaveis dos seus trabalhos representam paisagens e scenas rusticas da Extremadura e do Minho, que elle adorava, sentindo um prazer extremo em esconder-se n'um qualquer canto, bem rustico, da aldeia, e trabalhar lá incessantemente: de manhã, indo surprehender as alvoradas; ao meio dia, para espalhar nas télas a pulverisação dourada do sol; á tarde, para nos deixar a impressão dos ardores fugitivos do poente, e, nas poucas horas de descanso, entre o trabalho e uma frugal refeição campesina, ficava-se a scismar, quieto como um budhista, os olhos fitos na paisagem, que parecia conversar com elle n'uma linguagem mysteriosa e terna.

A arte era a sua preoccupação dominante; tentava fazel-a revigorar, florescer

e respeitar por todas as fórmas. As associações artisticas *Grupo do Leão* e *Gremio Artistico*, que tão vivamente impulsionaram a pintura entre nós nos ultimos annos, deveram muitissimo á sua iniciativa e aos seus desvelos. Nas cartas para os amigos, esse amor profissional revela-se a cada passo, na satisfação pelos triumphos de algum artista, pelo bom resultado de uma exposição, nos cuidados que todas as cousas de arte lhe mereciam, e nos sinceros e uteis conselhos que aos discipulos dava. Canceiras do presente, planos do futuro, e, sempre acima de tudo, a arte.

Depois a familia. Aquelles que imaginam todo o artista *doublé* de um bohemio, especie de ideal valdevinos, que corre o mundo sem freio, fustigado pelo desejo de sensações ardentes e novas, podiam estudar em Silva Porto um modelo de chefe de familia exemplar. Filho carinhoso, esposo e pae amantissimo. Nas suas excursões artisticas, soffrendo as privações e incommodos inherentes ao

internato pelas mais bravias aldeias, só uma cousa o maguava, as saudades dos seus; e na volta, com que silenciosos e doces sorrisos se deixava acariciar pelos filhos, todo embevecido na ternura paternal. Algumas vezes os vi agrupados, elle anediando os cabellos de Carlos, cherubimsito loiro, em quanto o Antonio, traquinas nervoso, lhe trepava ao pescoço em expansões joviaes. O amor pelos filhos fazia-o adorar as creanças, e todas lhe queriam. Em minha casa uma visita de Silva Porto era uma festa para os pequenos, á mesa queriam ficar sempre ao pé d'elle, e chegavam, n'uma familiaridade infantil, a jogar as escondidas pelos corredores. Commovia-me ver aquelle homem, de habitual tão reservado, abrir-se em larga communicação com as singelezas pueris da innocencia. Possuia o mais amoravel coração que tenho encontrado, e ao lamentar a perda que a arte nacional soffre com a morte de Silva Porto, choro tambem, com mágua profunda, a falta do meu melhor amigo.

Antonio Carvalho da Silva Porto, nasceu no Porto aos 11 de novembro de 1850. Começou cedo a dedicar-se á pintura, e completos os seus estudos em París e em Roma, realisou uma viagem de instrucção pela Belgica, Hollanda, Inglaterra e Hespanha. Concorrendo ás exposições do *Salon* de 1876 a 1878, já então os seus trabalhos mereceram na grande capital, onde o conheciam pelo nome de Antonio Porto, a attenção da critica. Em 1879 voltou a Portugal e foi nomeado para reger interinamente na escola de bellas-artes de Lisboa a cadeira de paisagem, então vaga pela morte de Annunciação. Desempenhou este logar até ao fim da vida, e a sua falta na escola é mais uma grande perda a lamentar.

Em 1880 concorreu á exposição da *Sociedade promotora de bellas artes,* onde a rica bagagem artistica que trouxera do estrangeiro e os trabalhos já executados em Portugal appareceram como a revelação de alguma cousa nova e inesperada. A —*Charneca de Bellas*—, hoje propriedade

de El-Rei, que a adquiriu no espolio de seu àvô D. Fernando, obteve então a Silva Porto uma medalha de prata.

Em 1881 expoz em Madrid alguns trabalhos, por occasião do centenario de Calderon e foi-lhe offerecido o habito de Carlos III.

N'este mesmo anno o *Grupo do Leão*, sociedade brilhante de artistas novos, abria nas salas do *Commercio de Portugal*, na rua de S. Francisco, em Lisboa, uma exposição, livre de toda a influencia official, que obteve um grande acolhimento, e foi ponto de partida para um certo desenvolvimento que o gosto pela pintura tomou entre nós. Silva Porto, um dos iniciadores mais influentes do *Grupo*, expoz n'este concurso uma das suas melhores télas—*Os cardos*—. Na segunda exposição, em 1882, apresentou Silva Porto vinte e uma télas de maiores ou menores dimensões, que indicavam um poderoso talento e um infatigavel braço. Entre estes quadros estava o retrato de sua esposa, e os outros eram quasi todos pai-

sagens, tocadas sentidamente, impregnadas de côr local, verdadeiras interpretações da paisagem portugueza, sinceras, sem *ficelles*. Do Minho lá estavam um —*Pôr do sol*—, em Santa Martha, e a —*Ponte do Bico*—; o mais notavel, porém d'estes trabalhos era—*Na arribana*—, em que Silva Porto manifestava as suas distinctas qualidades de animalista.

Na exposição do *Grupo,* em 1883, encontravam-se umas trinta télas de Silva Porto, encantadores pedaços do Minho, do Douro, da Extremadura e do Algarve, um trabalho febril. Chamavam a attenção especialmente—*Os bois*—, e o —*Campino*—. Na exposição de 1884 sobresáe a —*Salmeja*—, episodio da faina rural da Extremadura, cheio de verdade, de sentimento e de côr.

Silva Porto n'esta exposição confirmou-se um mestre e adquiriu indiscutivelmente o logar do primeiro, do mais completo, pintor portuguez do seu tempo. Alem da —*Salmeja*—, as —*Vaccas na arribana,*— —*A ceifa*—, figuras de cam-

ponezas, aspectos da Extremadura, impressões do Minho, deliciosas como a — *Manhã nas margens de Vizella* —, uma preciosa joiasinha da minha pequena collecção. Nenhum trabalho banal, toda a natureza viva de um paiz, idealisada pelo pincel.

Em 1885, a continuação com uma explendida téla — *Os campinos* —; em 1886 expõe menor numero de quadros, mas distinguem-se entre elles — *A volta do mercado* —, e um — *Effeito de luar no Tejo* —. Em 1887 e 1888 realisaram-se as ultimas exposições do *Grupo do Leão,* e n'esta avulta um bello trabalho de Silva Porto — *A volta para a arribana* —. N'este ultimo anno concorreu tambem á *Exposição industrial de Lisboa,* onde alcançou a medalha de oiro.

Dissolvido o *Grupo do Leão,* formou-se annos depois o *Gremio artistico,* organisado mais regularmente, e Silva Porto foi um dos seus principaes fundadores e o primeiro presidente. Inaugurou o *Gremio* as suas exposições em

1891, sendo na primeira a obra do mestre representada por grande numero de télas, algumas superiores, como—*Á porta da venda*—, o—*Moinho do Gregorio*— e —*Guardando o gado*—, estas duas do Minho.

Na seguinte exposição, a maior parte dos trabalhos de Silva Porto são inspirados pelas margens do Lima, como a sua magnifica —*Barca de passagem em Serreleis*—, e o—*Logar do Prado*—. Producto d'esta sua ultima excursão ao Minho, possuo eu um quadrosinho a —*Vacca na pastagem*— *(Quinta de Santa Thereza em Serreleis)*, memoria querida da minha convivencia intima, de algumas semanas, com o grande artista. Entre os quadros que n'esta exposição apresentou notava-se tambem uma—*Cabeça de camponeza*—, que é um soberbo trabalho. O *Gremio* conferiu então a Silva Porto a primeira medalha.

Na exposição de 1893, a ultima a que concorreu, Silva Porto foi mais do que nunca o mestre, —*Conduzindo o reba-*

nho —, e as —*Ceifeiras* –, vieram cerrar gloriosamente o cyclo do seu trabalho.

Todos os discipulos e admiradores do nosso grande paisagista esperavam d'elle uma obra que fosse a synthese das raras qualidades do seu enorme talento, um trabalho de largo folego, que ficasse como um monumento da sua gloria. Pensaria n'isso o artista? Pensava, mas as difficuldades do nosso acanhado meio adiaram, e a morte veiu cortar esse grandioso projecto. Silva Porto deixa, porém, dispersa em fragmentos, uma obra gloriosa para a sua memoria e para a arte nacional; é o pintor mais portuguez que tem existido, e as suas obras são, como as trovas de Bernardim Ribeiro, uma verdadeira expressão do que nós sentimos e amâmos na formosa patria nossa.

Apesar da quasi indifferença que em Portugal existe pelas cousas de arte, a morte de Silva Porto commoveu geralmente. Poucos ignoravam o seu valor e o seu prestigio vencêra a modestia em

que se occultava. Em Lisboa, apesar das noticias que corriam da grave doença de que soffria, a sua morte causou um certo assombro. Era tão novo ainda, esperava-se tanto d'elle, que custava a crer que tivesse morrido.

Viveu para a arte e sonhando com ella morreu. No delirio dos ultimos momentos, olhando os cortinados do quarto, Silva Porto murmurava: «Vejo ali uma figura e alem uma paisagem; com que vontade as desenharia». Foram as suas derradeiras palavras.

16 de julho de 1893.

SILVA PORTO

E A SUA

EXPOSIÇÃO POSTHUMA

Deve encerrar-se no dia 14 de junho a exposição Silva Porto; breve a obra do mestre, em grande parte reunida na galeria da escola de bellas artes, se dispersará pelos seus possuidores; os amigos e admiradores do mallogrado pintor não mais terão o prazer de contemplar reunidas as formosas télas que eram o enlevo das nossas exposições artisticas, mas o nome de Silva Porto, como o de Sequeira e o de Annunciação, encherá uma das raras paginas da historia da pintura em Portugal.

Mas que tristeza ver quasi desertas as salas, onde pela ultima vez se expõem essas paisagens unicas, que tão expressiva, sincera e docemente representam a formosa natureza da nossa terra, essas salas onde está reunida a maior parte dos trabalhos de um artista notavel, que n'um paiz culto, amante das artes, seria glorificado pelo publico, que accorreria a prestar-lhe a homenagem de admiral-o pela ultima vez. Chega-se a ter pena de que Silva Porto tivesse vivido em Portugal!

Na exposição estão representadas todas as phases da sua curta vida artistica; e desde o começo o talento do pintor revela-se indiscutivel, e os estudos e quadros executados em França, que elle firmava com o nome de *A. Porto,* pintados de uma maneira bem diversa da sua ultima, já têem o vigoroso traço, a largueza do desenho e um cunho de sentimento que lhe grangearam entre os mestres uma reputação merecida. Depois da sua volta a Portugal, Silva Porto, percorrendo cada anno alguma das nossas

provincias, encontrava em todas motivos para as suas admiraveis paisagens, mas foi o sorridente Minho a que mais o interessou, com a fresca atmosphera, os campos sempre verdejantes, e os costumes pittorescos, que em trinados alegres cantam a harmonia das côres. Como elle adorava a primavera! Vejam que de arvores em flor, que de papoulas entre os trigaes verdes; o seu ultimo quadro são ainda: —*Macieiras em flor*—. Tão suggestivos todos elles, que parece sentirmos a caricia tepida da atmosphera amoravel. Um mestre e um poeta, de coração meigo e de imaginação sonhadora, bucolico, e de um talento tão vasto que em todos os seus trabalhos se manifestava superior. Era um animalista primoroso: na —*Arribana*—, na —*Salmeja*—, nos —*Campinos*—, no bello quadro —*Conduzindo o rebanho*—, e em muitas outras télas de menores dimensões, os animaes pintados sábia e amorosamente, de uma anatomia cuidada, com uma graça natural de movimentos, vivem, e expri-

mem lados tão pittorescos da nossa vida rustica, que uma sympathia espontanea nos attrahe para elles. Porque veio a morte roubal-o tão cedo?

Os seus ultimos trabalhos revelam que chegára ao ponto em que o talento se manifesta pujante, livre de hesitações, de convencionalismos de qualquer ordem; as suas obras primas íam apparecer. N'aquelle cerebro agitava-se um mundo de elementos creadores, as suas phantasias de poeta, o seu ideal de artista, o peculio de segredos que lhe confiara a natureza, consorciavam-se para uma gestação suprema, e todo o ardente calor que o animava, no esforço incansavel de um trabalho constante, foi perder-se entre os infundiveis gelos de uma sepultura!

Na sua obra não ha saltos, intermittencias, desanimos, nem desleixos; vae progredindo á medida que os annos e o estudo o amadurecem, mas affirmando-se cada vez mais, sempre o mesmo, inalteravel, sereno, como quem logo de principio encontra o caminho que ha de leval-o

ao seu fim; avança sem receios, seguindo sempre, no olhar o enthusiasmo, no coração a bondade. Que de bocados adoraveis foi espalhando, roubados á natureza pela magia da sua paleta: grupos de arvores sob uma atmosphera de limpidez radiante, campos risonhos de frescura primaveral, deliciosos crepusculos matutinos á beira dos rios de que os humidos vapores se ennovelam, scenas rusticas vistas com os olhos de alma e traduzidas por um pincel sincero, figuras esboçadas com vigor e graça.

O seu ultimo grande quadro — *Conduzindo o rebanho* — é uma obra superior de um artista completo; censuram-lhe reproduzir com demasiada verdade a natureza, mas Silva Porto, concretisava as suas impressões, os seus trabalhos não têem o vago de um sonho, via justo, amava a realidade das cousas, e sinceramente reproduzia o que o impressionava.

A — *Barca de passagem* — é um dos mais bellos trabalhos do artista, um pedaço do pittoresco e alegre Minho, pintado

com a exactidão com que se pinta o retrato da mulher amada; ninguem assim surprehenderia os mais suaves encantos, ninguem poderia dar-lhe expressão e colorido igual.

—*A volta do mercado*—, —*As ceifeiras*—, —*Á porta da venda*— e tantos outros formam uma esplendida galeria, e nem um só é propriedade do nosso *Museu nacional,* onde todos os artistas illustres que temos possuido deviam estar representados.

Percorrendo a exposição, a cada passo se encontram bocados de pintura que nos attrahem irresistivelmente; algumas das suas paisagens transportam-nos a logares que já vimos, ou com que já sonhámos; ha figuras que nos encantam pela extraordinaria graça, como a admiravel —*Cabeça de camponeza*—, que pertence a Sua Magestade El-Rei, e o esboceto a —*Poveira*—, que caminha, rede ao hombro, avançando para o espectador com movimentos rapidos, e está admiravelmente desenhada.

Ha um retrato de senhora de um grande valor. Pena foi que viesse á exposição a photographia, colorida por Silva Porto, de uma pessoa de sua familia, trabalho feito n'alguma hora de comprazimento, mas que deslustra o conjuncto de primorosas obras de arte que a cercam. Como mais uma prova do merito de Silva Porto, retratista, está um pequeno retrato de Monteiro Ramalho, e a um canto um bustosinho de mulher, apenas apontado, mas tão mimoso e fresco que delicía vel-o.

A commissão que presta esta dupla homenagem ao mallogrado artista, dupla porque o producto das entradas é destinado á elevação do seu monumento, merece os maiores louvores pelos esforços feitos para juntar um numero de trabalhos de Silva Porto, que permittissem ao publico analysar a bella e vasta obra d'este grande pintor. Não conseguiu tudo o que desejava, pela difficuldade em reunir os quadros dispersos, uns pelo Brazil, e outros por differentes possuidores, que

não comprehenderam o alcance da exposição; mas ainda assim o conjuncto representa brilhantemente o mestre que tão poderoso influxo exerceu sobre os nossos pintores contemporaneos, e cujo nome ficará glorioso e amado.

16 de julho de 1893.



RAMALHO

Ha muito, visitando uma das exposições do *Grupo do Leão,* deparou-se-me, n'uma sala, posto sobre o càvallete, um quadro de genero que me chamou vivamente a attenção. Nas obras de arte, como nas pessoas, ha uma emanação sympathica, que attrahe a alma, que faz com que á simples vista nos affeiçoemos, e, antes de conhecermos as qualidades do sujeito, ou do objecto, nos sintâmos presos d'elle e dispostos, não só a amal-o

e admiral-o, mas até a perdoar-lhe todos os defeitos que a observàção ou a convivencia nos possam descobrir depois. Foi isto o que me succedeu com o — *Chez mon voisin* — de Ramalho. O juvenil talento do auctor scintillava tão fulgidamente n'aquelle quadro, que, desde logo, fiquei seu admirador incondicional e sincero.

Depois succederam-se as provas, e em nada desmentiram a opinião formada quando eu nem ainda conhecia o pintor, e sabia apenas que era um alumno da academia de Lisboa que um titular distincto subsidiava para o aperfeiçoamento dos seus estudos em París.

Na nossa utilitaria e democratica epocha, em que as distincções herdadas fazem sorrir uns e passam indifferentes a quasi todos, uma das mais bellas maneiras de cumprir o velho preceito — *noblesse oblige* — é ajudar a erguer com mão generosa o desherdado de nascimento, que recebeu da natureza as aspirações sublimes ao que é grande, mas que não póde elevar-se porque o prende a pobreza a

um baixo fundo, onde tantos ficam soterrados sob os seus sonhos desfeitos.

Ramalho nascêra para artista, como os passaros para voar e o destino, irrisão! parecia querer obrigal-o a rastejar sob um enorme peso como a tartaruga. Vou contar a sua historia curiosissima, um verdadeiro romance, o artista que me perdoe a indiscrição.

É trasmontano; ao vêl-o conhece-se logo a raça forte, alimentada pelo rijo ar das serras. Creança ainda, mandaram-no para o Porto, servir de marçano n'uma mercearia. O rapazinho fazia bonecos encostado ao balcão, o patrão, vejo-o, burguez boçal, arrastando os pesados soccos, erguer-se para castigar a murro o mandrião que assim malbaratava o tempo.

A final, ao cabo de quatro annos d'esta vida incomportavel, Ramalho fugiu de casa do tendeiro com um outro rapaz, procurando dirigir-se a Lisboa. A sua idéa fixa era fallar a El-Rei para que elle o mandasse estudar bellas artes!

A viagem foi uma verdadeira epopêa. Aproveitando, emquanto o dinheiro lh'o permittiu, o comboio, tiveram depois que viajar a pé. Chegaram a Coimbra famintos, e possuidores de trinta réis. Sabiam que vivia alli a mãe de um outro seu companheiro e procuraram-n'a.

Tiveram a fortuna de encontrar a pobre mulher, uma boa creatura, que os recebeu matando-lhes a fome, e, depois de os aconselhar a que voltassem para o Porto, deu-lhes dinheiro para a jornada. O companheiro assim fez, mas Ramalho, sentindo em si alguma cousa que o chamava para mais longe, não foi. Na estação do caminho de ferro, só, sem recursos, a pobre creança desprotegida, que se tinha lançado corajosamente na perseguição do seu ideal, foi dominada pela amargura da sua situação e poz-se a chorar. Alguns passageiros, impressionados pela dor do rapazinho, interrogaram-no e elle contou ingenuamente as suas circumstancias; conseguiu interessar, e, alli mesmo uma subscripção, feita

entre os circumstantes, lhe permittiu seguir jornada para Lisboa.

N'esta cidade foi retido pela policia, apresentado ao commissario, que se riu do pobre garoto e dos seus sonhos de apresentação a El-Rei, resolvendo que fosse enviado para a terra da sua naturalidade.

No pateo do governo civil, junto dos policias, o pequeno, dominado pela sua idéa absorvente, começou logo a desenhar bonecos que fizeram as delicias dos seus guardas. Começaram a conversar com elle, acharam-lhe graça, affeiçoaram-se alguns ao extraordinario rapaz e levaram-no a ver Lisboa. Mostraram-lhe o arco da rua Augusta e Ramalho desenhou-o logo; esse incorrecto esboço do seu lapis ignorante ía decidir o seu futuro, a sorte da sua vida. Lembraram-se os policias de mostral-o ao commissario, D. Diogo de Sousa, o qual, ante aquella prova, prestou mais attenção ao futuro artista. Isto chegou aos ouvidos do, então governador civil, Augusto Cesar Cau da Costa, e ambos começaram a interessar-se

devéras pelo rapaz, resolvendo que ficasse addido á policia para poder ganhar o ordenado de 400 réis diarios, e com este auxilio começar a estudar. Frequentou então a Escola de Bellas-Artes de Lisboa, e, concluidos com distincção aqui os seus estudos, apresentou-se a um concurso que a escola do Porto abriu para enviar um alumno de pintura ao estrangeiro. O seu concorrente, o mallogrado Pousão, era, alem de alumno da Academia do Porto, uma grande alma de artista; a escolha era difficil e foi Pousão o preferido.

Ramalho tornara-se sympathico, e o seu talento era tão innegavel, que pouco depois seguia para París, pensionista do conde da Praia.

Certas acções confirmam um nobre caracter, e fazem-me a mim, sectario da mais plebeia democracia, mas enthusiastico admirador de tudo quanto é verdadeiramente bello e grande, prestar ao desconhecido fidalgo, que protege nobremente o talento e a arte, a ideal figura

de um cavalleiro da renascença, de um contemporaneo dos Medicis, do aureo seculo de Julio II ou de Leão X.

Ramalho esteve quatro annos em París; alli estudou com Cabanel, o glorioso artista que a França ainda ha pouco perdeu. Recebeu lições do mestre que teve por discipulos Henri Regnault, Bastien-Lepage, Cormon, Benjamin Constant, François Flameng e tantos outros que occupam ou occuparam os primeiros logares entre os artistas da moderna geração, e que, professor liberalissimo, soube fazer dos seus discipulos, não servis imitadores do seu genio, mas artistas completos.

A primeira prova dos seus progressos, que Ramalho enviou para Portugal, firmou logo a sua reputação. —*Chez mon voisin*—, que já tinha apparecido no *Salon* de 1883, era o trabalho de um artista consummado. Cada anno, nas exposições do *Grupo do Leão,* appareceram trabalhos de Ramalho, occupando um logar distincto; retratos, paisagens, cabeças de estudo, etc. Dos primeiros expostos re-

cordam-me os retratos de Malhôa e de Vieira; —*Uma nesga de París*—, deliciosa; uma bella —*Paisagem em Poissy*—, —*No jardim de Luxembourg*—, —*Paisagem em Fontenay-aux-roses*—, tres delicados retratos de creança, expostos em 1886, o —*Atelier de Esculptura*—, trabalho de notavel merito, e muitos mais, que têem feito do seu auctor um dos nossos artistas mais considerados.

A delicada elegancia do seu pincel indica-o como um fino retratista de creanças e mulheres, de mulheres principalmente. É ver as suas cabeças de estudo femininas e os retratos que tem exposto.

No *Salon* de 1885 expoz Ramalho dois retratos de senhora; n'um d'elles, o de madame Olivier Metrá, já as especiaes qualidades do artista, que o tempo tem desenvolvido e aperfeiçoado, se manifestavam potentes. A ultima obra, que vi, de Ramalho, o retrato de Mademoiselle Dulac, mais me confirma na opinião de que

elle é um pintor destinado a realçar na téla as graças e a elegancia femininas.

Mademoiselle Dulac é uma joven de cabellos fulvos, com uma carnação de marfim e uma distincção de duqueza. O pintor traduziu primorosamente na téla toda a graça do seu modelo. No fundo rosa-pallido, de uma preciosa colcha indiana bordada a matiz, sobresáe suavemente a figura, que veste de setim branco e caminha sobre um tapete persa. O busto está tratado com primor pelo artista; o peito tem vida, o sangue circula. De uma das mãos pende-lhe naturalmente um leque, e os dedos finos e aristocraticos da outra apertam uma rosa e umas flores de lilaz, que têem perfume. A pureza de linhas, a suavidade de tons, a expressão tão suavemente feminil d'este retrato encantaram-me.

Sou um admirador da arte, não um critico d'arte; extasio-me ante uma bella obra que me attrahe; outros que escalpellem e analysem. Sinto uma satisfação intima quando posso dizer: bravo!

a algum d'esses valentes artistas, que têem a coragem de trabalhar, de se dedicar ao aperfeiçoamento do seu ideal, fortes da sua propria força, sorrindo á indifferença, á frieza, ao desdem de um publico ignorante que os desconhece.

Conhecendo o valor de todas as obras de Ramalho, gósto sobretudo dos seus retratos.

O retrato está sendo uma das glorias da moderna escola franceza; os primeiros dos seus mestres são eminentes retratistas que legarão á posteridade não só as physionomias, mas o espirito, o caracter, os sentimentos, toda a personalidade viva dos seus contemporaneos. Ramalho, admirador de Bastien-Lepage, um dos grandes talentos que a morte ceifou na juventude e que deu á arte de retratar o vigoroso impulso do seu genio perscrutador, discipulo de Cabanel, o mestre, a quem ninguem excedeu em reproduzir a soberana belleza, a graça desaffectada e a superior elegancia da mulher, mostra, pelas especiaes qualidades

do seu pincel, idealisador sem pieguice, delicado, mimoso, ter n'este caminho aberto uma larga carreira.

Ramalho não tem completos trinta annos; o seu talento, por muito que tenha dado, permitte que ainda muito esperemos. Compete-lhe um dos primeiros logares entre os nossos artistas, e temos a certeza de que o seu nome continuará a cobrir-se de applausos merecidos.

Lisboa, 25 de abril de 1889.

O RETRATO DE SUA MAGESTADE EL-REI NA CAMARA DOS DEPUTADOS

Depois de correrem versões varias sobre quem deveria pintar o retrato de Sua Magestade para as duas casas do parlamento, resolvêra-se por fim incumbir esse trabalho a Felix da Costa e ao pintor Ramalho, pertencendo a este ultimo o da camara dos deputados.

Todos quantos conhecem o valor artistico e o talento de Ramalho presumiram logo que a téla que devia substituir o retrato do rei fallecido seria mais um trophéu para o pintor e uma satisfação para a arte nacional. O praso era curto para a execução do trabalho; as camaras breve

deviam abrir-se com a assistencia do novo rei; o artista foi, portanto, forçado a fazer uma obra de occasião, á pressa, que foi apresentada no praso marcado.

Foram as *Novidades* quem primeiro me deu noticia da obra de Ramalho, mas com grande surpreza minha o jornal do sr. Navarro, em vez do justo elogio que eu esperava para o artista, dizia-nos que o retrato parecia pintado pelo sr. Magalhães Lima! Em vista d'esta opinião era de imaginar que feia ou ridicula catadura apresentaria o joven monarcha retratado, para que podesse satisfazer á idéa que um caudilho republicano é obrigado a fazer dos retratos reaes.

A curiosidade levou-me logo a S. Bento, e, em presença da obra, na realidade acima do vulgar, tive a satisfação de poder conscienciosamente dar os parabens ao seu auctor, que, por um feliz acaso, encontrei alli. Restava-me saber por que motivo as *Novidades* se tinham assim lançado a depreciar um trabalho de merito, o que me admirava, porque o sr. Na-

varro, quando ministro, bastante fizera pela futura arte nacional, procurando espalhar pelo povo o conhecimento do desenho e auxiliando emprezas artisticas de valor. O que motivára a fereza injusta de s. ex.ª para com um artista intelligente e digno, cuja obra era mais merecedora de elogio do que de tão aspera censura? Constou-me que s. ex.ª fôra influenciado pela opinião dos senhores deputados, que, todos á uma, pediam nada menos que a *abolição do poder moderador,* exigindo que fosse apeado o retrato de D. Carlos!

Não sabia da competencia dos senhores deputados do meu paiz em cousas de arte; nunca, que eu saiba, se tratou nas camaras de tal assumpto; salvo algumas raras e honrosissimas excepções, não creio mesmo que os senhores deputados portuguezes, tirando os seus negocios particulares, saibam tratar de cousa alguma que não seja mexericos politicos e intrigas de galopinagem nas suas terreolas. De arte, de pintura, sobretudo, que occupa

tão seriamente outras nações, onde os mestres são objecto de geral veneração e enthusiasmo, onde se procura animar todos os novos artistas de merecimento, adquirindo o estado as suas obras de valor, é cousa de que nunca ouvi nas camaras ninguem fallar. Os parlamentos n'esses illustrados paizes, onde geralmente se julga necessaria a existencia de um ministerio exclusivamente ao serviço das bellas artes, entendem d'estes assumptos, são unanimes em votar largos recursos para o fomento da arte nacional, sabem enthusiasmar-se por um bello quadro, por uma bella estatua, por uma bella partitura, como por uma gloria sua, e podem, portanto, admittir-se como censores em assumptos artisticos; mas em a nossa patria, aos seus representantes, não me parece que possa conceder-selhes esse direito, porque, se exceptuarmos a arte dramatica, unica que tem merecido certa attenção de alguns membros das camaras e dos governos, ninguem alli jámais fallou ou pensou em cousa

que com a arte propriamente dita se prenda. O que de louvavel o governo ultimamente n'esse sentido tem feito devemol-o ao proprio sr. Navarro, o qual, completando a idéa do fallecido ministro Aguiar, creou no paiz as escolas industriaes de desenho.

Quem serão os criticos d'arte na camara? Será porventura um deputado, meu condiscipulo n'uma escola militar, e que lá vi algumas vezes aguarellar com um lenço? Sendo este um dos menos ignorantes no assumpto, é possivel que fosse quem suggestionou os seus collegas, levando-os a impôr a sua opinião ao ministro, redactor das *Novidades*.

Nós possuimos um pequeno grupo de artistas de real merito, e um d'esses é Ramalho; pouco devem ao paiz e muito ao seu talento e á sua energia, rasão demais para se orgulharem. Se os senhores deputados entendessem de arte, nem um só quando chega a Lisboa deixaria de visitar os ateliers de Silva Porto, de Simões de Almeida, artistas de primeira

ordem e de um credito consummado; o de Columbano, talento tão fóra do vulgar, que os senhores deputados nem sequer lhe sonham o valor. Todos procurariam conhecer Malhôa, cujas qualidades cada vez mais se affirmam; Vaz, que pinta umas deliciosas marinhas. Se tivessem visto quadros de Sousa Pinto, de Marques de Oliveira, de Salgado, um rapaz que é uma surprehendente esperança, se, emfim, completassem os seus conhecimentos da capital com umas pequenas romarias artisticas, já que infelizmente nas provincias a ignorancia sobre estes assumptos parece completa, os senhores deputados não pediriam que se apeasse o retrato do senhor D. Carlos, antes, durante as sessões, se occupariam alguns instantes a admirar-lhe o merecimento.

Haviam de admirar a segura *pose* que o artista imprimiu á nobre figura do rei, embora lhe exagerasse um tanto as proporções, que não é grave defeito augmentar um pouco a grandeza á magestade.

Tinham tambem que admirar o escorço d'aquella mão que tanto lhes pareceu censuravel, e que o rei apoia com firmeza sobre a carta constitucional; os pannejamentos, a cortina do fundo, boa de côr e de impressão, que attrahe agradavelmente a vista. O retrato, cujos accessorios são de uma perfeita justeza para um quadro d'aquella ordem, é tratado largamente; talvez que essa maneira assombrasse suas senhorias, habituadas ao fino lambido dos retabulos das suas igrejas parochiaes. Se é um exagero de imponencia que censuram ao retrato, é preciso notarem que nas camaras, posto o manto e a corôa, D. Carlos —rei— está acima de D. Carlos —homem—, e como tal o artista procurou retratal-o.

Sabem os senhores qual é o defeito essencial dos nossos artistas? É uma excessiva modestia. Um alumno de *atelier* em París escreve nos seus cartões *artiste peintre,* mais orgulhosamente do que se atreveria a fazel-o o primeiro dos nossos mestres. Cremos mesmo que esse alu-

mno não teria a delicada moderação que um pintor nosso teve em frente da brusca e grosseira recepção que nos consta lhe fizera um ex-ministro.

Mas não é necessario ir a París para que encontremos considerados e amados pelo publico os artistas de merito; o que podemos affirmar é que em parte alguma são desconhecidos como em Portugal.

Artistas como Silva Porto e Columbano só entre nós se escondem em tão modesta obscuridade, e um esculptor genial como o que ha pouco, não podendo supportar as contrariedades da vida, caíu na allucinação do suicidio, viveria n'outra parte como um principe.

É como principes que vivem em París os grandes artistas, e um senhor deputado considera alta honra o ser recebido amavelmente por qualquer d'elles nos seus luxuosos *ateliers*.

Quando Cabanel trabalhava no seu celebre retrato de Napoleão III, a imperatriz Eugenia, muito interessada, assistia ás sessões e atrevia-se a expor uma opi-

nião, a dar um conselho; Cabanel, porém, impassivel, seguia o seu trabalho sem lhe importar com os conselhos imperiaes, apresentando mesmo energica opposição á vontade da imperatriz quando esta se manifestava mais vivamente. Não penso, com isto em comparar Ramalho a Cabanel; limito-me a manifestar a indifferença que a opinião dos leigos na arte deve ter para os artistas conscios de seu valor.

O sr. Navarro é de opinião que o retrato se conserve na sala da camara para vergonha do artista; eu gostava que podesse collocar-se-lhe ao lado o artigo das *Novidades,* e ante as apreciações que a um e a outro seriam feitas, veriamos para quaes faces passaria a côr que dizem excessiva no rosto de Sua Magestade.

O que é verdade é que os echos das acclamações aos artistas estrangeiros chegam até nós, envolvendo-os n'um prestigio lendario, e tenho como certo que se um qualquer artista de mediocre merecimento, cujo nome não fosse portuguez viesse fazer um mau retrato de Sua Ma-

gestade, ninguem com receio de errar, se atreveria a fazer-lhe censuras; mas como o retrato real, apesar de muito superior no merecimento aos que anteriormente occuparam o mesmo logar, é firmado por um artista portuguez, a critica lança-se a elle de olhos fechados, depreciando uma obra, que, sem ser irreprehensivel, tem comtudo um grande merecimento.

Bem diz Raphael Bordallo Pinheiro no seu relatorio sobre o pavilhão portuguez do Quai-d'Orsay:

«Nós queremos que os nossos sitios de verão estejam cobertos de *chalets* suissos. Nós queremos que as nossas industrias percam os restos de caracter nacional que ainda possuem, e passem a copiar cegamente os typos das industrias francezas, inglezas e allemãs. Nós queremos tudo, nas nossas cidades, nas nossas casas, nas nossas mesas, nos nossos theatros, na nossa arte, na nossa litteratura e nas nossas industrias, tudo quanto não seja *portuguez*, e tudo quanto cheire

a *estrangeirismo*. Nós temos horror ás nossas touradas, e só suspirâmos por uma insignificante corrida de cavallos, ou pela semsaboria de um tiro aos pombos. O que nós temos vergonha de ser—é portuguezes!...»

14 de janeiro de 1890.



SOARES DOS REIS

«Levanta-se a cortina e passa-se para o outro lado, eis tudo.» Diz o Werter. Mas que dolorosos dramas precedem o levantar da cortina, se o mais estupido ou o mais banal dos suicidios é sempre o epilogo tragico da lucta com a miseria, o desalento, ou o remorso. É só quando a esperança se acaba que o homem resolve voluntariamente morrer—*lasciate ogni speranza*— gravou o Dante na porta do inferno; para alem o deses-

pero, a dor sem limites, a tortura incontavel, a treva eterna. O reprobo anceia o aniquilamento, e nos variados circulos do inferno da vida, levantar a cortina e passar para o outro lado, procurando refugio, occorre aos desesperados.

É sempre penoso ver alguem ir procurar nos abysmos da morte consolo para as amarguras da vida, mas quando esse alguem pertence ao numero dos privilegiados, a que existencia acena com hymnos de amor e applausos gloriosos, mais se confrange o coração, porque o drama attingiu então profundezas insondaveis, que nos enchem de terror. Que duros golpes ha que assim abatem os fortes, ou que estranhas sensibilidades amollecem as almas de elite?...

É sempre sob esta impressão de magua que penso em Soares dos Reis. No vigor da vida, quando occupava já o logar eminente, que o fazia sobresahir no grupo dos escolhidos, e provára que sabia luctar e vencer, quando nos parecia

que um horisonte largo e azul se lhe rasgava, radioso de esperanças, elle, o coração despedaçado por inconfessaveis dores, desfeitos os seus mais queridos sonhos de felicidade, achando o mundo pequeno para a sua alma, n'um desespero atroz de incomprehendido, levantou a cortina e desappareceu, deixando-nos assombrados. Pobre artista, que foste uma gloria nossa, e não encontraste mão carinhosa que tivesse força para suster o teu desalento!

Soares dos Reis foi um dos raros artistas cujo nome os annos conservarão aureolado da gloria de que os contemporaneos o cercaram, e as poucas, mas admiraveis, obras que nos legou, farão sempre lamentar a desgraça que o arrojou tão cedo ao sepulchro, e quebrou de encontro ás funebres lages o seu cinzel maravilhoso.

Natural do Porto, creara-se junto ao Douro, e a sua alma parecia reflectir-se n'esse rio profundo, apertado por estreitas margens, que se revolta em tempes-

tades, e se desentranha em verduras opulentas. Filho de um modesto commerciante, que o destinava ao commercio, ao dar as primeiras provas do seu talento, teve de luctar com a vontade paterna que, não comprehendendo a sua vocação para a arte, a contrariava. Obstinava-se seu pae, principalmente, em não consentir que fosse estudar para o estrangeiro. Emquanto Soares dos Reis frequentou, sem abandonar os estudos que o habilitavam para o commercio, as aulas nocturnas da academia de bellas artes, tudo foi bem, mas quando quiz entregar-se exclusivamente á arte começou a viva opposição do velho negociante. Só ás repetidas instancias dos professores, e já então admiradores do talento de Soares dos Reis, Fonseca e Rezende, elle consentiu que o filho partisse para París, onde, subsidiado pelo estado, continuou o estudo da esculptura.

—Foi renhida a batalha, dizia o artista, mas o velhote sempre cedeu . . . Melhor o não fizesse.

Em París esteve até 1870; sobrevindo a guerra, partiu para Roma, onde começou os estudos para a sua obra prima. É n'um penedo de Capri que o —*Desterrado*— se assenta, mas foi já em Villa Nova de Gaia, dois annos depois, que Soares dos Reis deu os ultimos toques n'essa bella estatua que, destinada á academia de bellas-artes como prova do aproveitamento do artista no estrangeiro, devia ficar como seu padrão de gloria.

O apparecimento de uma prova tão fóra do vulgar produziu um ruido em que se misturavam brados de admiração, uivos de criticos invejosos, applausos ao artista e insultos ao mesmo, a quem muitos, que não podiam negar o merito da obra, accusavam de plagiario.

Começaram já aqui para Soares dos Reis os desgostos que deviam azedar-lhe o caracter, e tornal-o descrente dos homens. Um dos seus maiores detractores então, foi o mestre e amigo que mais influiu para que o artista estudasse no es-

trangeiro, sendo-lhe esta decepção bem amarga.

Fatigado da lucta, retirou-se para o seu atelier em Villa Nova de Gaia, e na companhia de sua mãe, a quem amava extremosamente, alli viveu algum tempo em silencio, occupando-se em trabalhos de ganha-pão; foi ainda o affecto filial quem lhe impediu que, desalentado pela maneira como aqui se tratava a arte, procurasse no estrangeiro a larga vida pelo seu espirito sonhada.

Algumas obras, porém, admiravelmente executadas, pozeram-n'o em evidencia de tal modo, que ninguem já pensava em contestar-lhe os meritos de grande artista. Affluiram-lhe trabalhos de importancia, viu-se respeitado por todos e amado por muitos, apesar das irascibilidades do seu caracter, talvez mesmo por ellas, originadas dos melindres de uma alma enthusiasta e delicada, fervorosa do bem. Parecia que o futuro lhe reservava uma longa vida feliz, mas faltas de saude e crueis desgostos intimos

o foram levando, n'uma concentrada melancolia, até ao exaspero do suicidio.

Em 1881 acceitára, muito instado, a regencia da cadeira de esculptura na academia de bellas artes do Porto, onde teve que supportar viva opposição dos seus collegas, aferrados a rotineiros methodos de ensino, contrariando-o no seu empenho de reformar o systema usado na academia. Rejeitou-lhe o conselho escolar um projecto de *Reforma do ensino de esculptura,* mas, apesar d'esta derrota, Soares dos Reis, a quem as questões de ensino sobremaneira interessavam, não deixou de manifestar sempre o maior zêlo por todos os melhoramentos que lhe diziam respeito. Deve-se-lhe a construcção da nova aula de esculptura da academia de bellas artes do Porto, e o premio annual para o curso de architectura, premio que tem o seu nome, e cujo fundo proveiu de uma gratificação que o artista recebeu, de um amigo, por uma obra que se propozera fazer gratuitamente.

Proporcionava no atelier lições aos alumnos que desejassem aproveital-as, mas não conseguiu realisar o seu empenho de formar algum notavel artista; faltavam as vocações. De entre esses discipulos, um foi o seu mais fiel e dedicado amigo, e conserva pelo mestre uma veneração que chega ao culto. Nunca a um amigo de outro amigo ouvi fallar com tão intensa saudade como Seraphim de Sousa Neves falla de Soares dos Reis.

É pequena a obra que o esculptor legou; não viveu muitos annos e o desalento e faltas de saude afastaram-n'o muitas vezes do trabalho. Uma das suas aspirações, não realisadas, foi dar um *pendant* ao *—Desterrado—*, mas alem da falta de tempo, difficuldades pecuniarias não lh'o permittiram. Não sabia negociar com a arte e d'ahi os seus parcos meios.

São de Soares dos Reis a bella estatua em marmore do *—Conde de Ferreira—*, que está no cemiterio de Agramonte, a estatua de *—D. Affonso Henriques—*, do monumento de Guimarães, em que colla-

boraram os seus discipulos Sousa Neves e Marques Guimarães, e a estatua de —*Felix Avellar Brotero*—, do jardim botanico de Coimbra. A do —*Conde de Ferreira*— é uma das mais notaveis obras do artista.

—*O artista na infancia*—, que foi exposto em París em 1878, é uma graciosa estatua, de um rigoroso desenho e encantadora de expressão. —*A saudade*—, impregnada de um suave sentimento, é admiravelmente executada. —*O abandonado*—, pungente na sua dolorosa expressão infantil, foi expressamente modelada para um bazar promovido em favor dos orphãos do architecto Soller. —*Narciso*—, estatua em gesso, que lhe serviu de prova para o logar de professor. O —*Retrato em corpo inteiro da filha dos condes de Almedina*—, executado em 1883, representa uma fina e graciosissima creança, que de pé se entretem a brincar com umas flores. O modelado, a delicadeza das roupas, toda a gracil expressão que anima a estatua a tornam

um trabalho primoroso e encantador. As estatuas em granito de —*S. Joaquim*— e —*S. José*—, na fachada de uma capella particular do Porto.

Este grupo de estatuas, alem do —*Desterrado*—, um grande numero de bustos e alguns baixos-relevos, compõem toda a obra de Soares dos Reis.

Alguns dos bustos são de admiravel belleza como a —*Flor agreste*—, os bustos da —*Viscondessa de Moser*—, de —*Hintze Ribeiro*—, o de —*Marques de Oliveira*—, de —*Domingos de Almeida Ribeiro*—, que esteve no *Salon* de 1878, e o de —*Fontes Pereira de Mello*—, a que o artista estava dando os ultimos toques quando morreu.



Um momento de desespero, na exacerbação cruel de magua profunda, lançou-lhe na orphandade os filhos, e a arte nacional

lamentou a prematura perda de um cultor insigne, de um artista de alma, extraordinario, grande.

Fevereiro de 1889.

COLUMBANO

Quando ao entrar no atelier de Columbano, lá encontrâmos em espirituoso cavaco uma sociedade eleita de artistas, Lopes de Mendonça, Villaça, Augusto Rosa, Bulhão Pato, Fernando Leal, entre outros, cercados da atmosphera de arte que se desprende da disposição do atelier, das obras que elle encerra, dos assumptos da conversação, parece-nos que de repente somos transportados para fóra da burgueza Lisboa, e nos achâmos

n'um d'esses recantos privilegiados do Parc Monceau, das vizinhanças do Luxembourg, seducções attrahentes da Athenas moderna, onde a arte scintilla com as vivas iriações do fulgido diamante.

Columbano é um artista notabilissimo, distingue-o o seu profundo talento, a sua originalidade e a sua educação artistica, que se póde dizer começou no berço. Seu pae, Manuel Maria Bordallo Pinheiro, era já um pintor de merito, seus irmãos, cultores apaixonados da arte, mesmo sem fallar em Raphael, cujo talento tem scintillações de genio, que orgulhariam um d'esses paizes onde ella vigorosamente floresce.

Pela sua independente originalidade, pelo desprezo das convenções e pela indifferença que tem por todo o ouropel que seduz as multidões ignaras, tem sido o mais criticado de todos os nossos pintores. É isto um titulo de gloria.

Fernando Leal, o sympathico bohemio de coração de oiro, dirige-lhe n'uma dedicatoria, offerecendo-lhe o seu ultimo

livro, traducção de Michelet, *Os soldados da revolução*, o mais exacto elogio que lhe tem sido feito:

«Ao meu estimavel Columbano Bordallo Pinheiro, incomparavel artista do traço e da côr, tão sobrio, tão delicado e verdadeiro; e igualmente desdenhoso (como todo o grande e sincero artista) do embasbacante e do basbaque, isto é: de sua omnipotencia o sr. Maior Numero. Ao artista e ao amigo tão nobre na sua arte como no seu caracter.»

Outros desconhecem-n'o a ponto de lhe fazerem criticas absurdas, não distinguindo mesmo os seus defeitos das suas qualidades. Recordo a que um articulista do *Reporter* fez ao esboceto para o quadro —*A partida de Vasco da Gama para a India*—, apresentado nó concurso proposto pela camara municipal de Lisboa em 1887.

O artista apresentou o que em technica se chama um esboceto, todas as figuras apontadas, nenhuma desenhada, apenas viva a acção, a idéa, a expressão geral do assumpto. Escolheu o momento culmi-

nante da partida, quando os bateis dos expedicionarios vogam para os navios, que os esperam ao longe. Na multidão inquieta sente-se a anciedade d'aquella despedida dos que partem para o perigo ignoto, entre os quaes vão os parentes, os amigos, que talvez não tornem a ver.

Mas um velho d'aspeito venerando
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
....

É o legendario *velho do Restello,* em cujas palavras Camões synthetisa a opinião popular, mais affeiçoada ás velhas guerras de Africa de que ás navegações largas e perigosas.

Deixas crear ás portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça, e se vá deitando a longe!
....

Pela propria critica que o censurou se póde ver que Columbano, inspirando-se nos Lusiadas, deu a mais elevada interpre-

tação á verdade historica; mas o articulista do *Reporter* parecia não o comprehender assim, não foi certamente como Camões a descreve que elle imaginou a partida de Vasco Gama, e não era a critica de um esboceto, mas a de um quadro que parecia fazer. Muito póde o *parti pris.*

Columbano foi alumno da academia de Lisboa e preterido em dois concursos, paisagem e pintura historica, nos quaes lhe foram preferidos Loureiro e Condeixa, em 1878 e 1879; só em 1881, auxiliado pela condessa d'Edla, pôde ir concluir os seus estudos em París, onde esteve tres annos.

Em 1882, apresentando-se como discipulo de Carolus Duran, expoz o seu quadro —*Soirée chez lui*—, e este quadro de um pintor novo, estrangeiro, desconhecido, perdido entre os milhares de obras que o *Salon* expõe, e em que a superioridade dos quadros de mestre, o deslumbramento das obras primas, a multidão enorme de trabalhos accumulados, esmagam forçosamente todas as mediocri-

dades, conseguiu despertar a attenção da critica parisiense. Fourcaud, no *Gaulois,* censurando despiedadamente todos os defeitos do trabalho, assignala no pintor um merito não vulgar, extraordinario.

O curiosissimo é que este quadro, acceite pelo numeroso, illustrado e meticuloso jury do *Salon* de París, foi rejeitado pela nossa *Sociedade promotora de bellas artes,* que lhe recusou a entrada nas suas salas!

O —*Soirée chez lui*— pertence á condessa d'Edla.

No *Salon* de 1883 expoz Columbano um retrato de Marianno Pina, ao qual Rochefort, no *Intransigent,* fez uma severa e elevada critica, prophetisando que no futuro aquelle artista deveria espantar París. O *Salon comique* publicou tambem uma *charge* a esse retrato.

Ao largo futuro que lhe prophetisavam na capital do mundo, preferiu Columbano vir supportar as injustiças dos seus concidadãos, pois, se muitos encontrou que saibam apreciar o elevado valor do seu

merito, um grande numero, mesmo entre os que pela sua illustração deviam saber apreciaI-o, o desconhecem, ou, o que será mais certo, affectam desconhecel-o. E isto porquê? Porque Columbano é um intransigente, e, como todos aquelles que em si sentem alguma cousa, tem o innato orgulho que se não curva ante os caprichos da ignorancia, as teimas da rotina ou os desdens risiveis da multidão. É bem incoherente, porém, a critica quando se encarniça sobre tal ou tal defeito de um artista, sem attender a que a sombra de um defeito se perde na luz fulgurante do talento incontestavel. Wolff, o brilhante critico do *Figaro Salon,* diz-nos que devemos acceitar os artistas taes como são e não insistir em pedir-lhes o que pela mesma natureza do seu talento são incapazes de nos dar.

É notavel nos retratos de Columbano o cunho de personalidade que elle imprime á physionomia e figura do modelo, que está ali todo vivo; em alguns d'esses retratos, os mais descuidosamente trata-

dos, a personalidade exagera-se, frisando ao de leve pela caricatura. Este defeito revela a exuberancia de uma força que o artista por vezes se esquece de conter. São de uma notavel superioridade os retratos de sua irmã D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, de Marianno Pina, de Bulhão Pato; recordo-me tambem, entre outros, dos de Luiz Guimarães, Gustavo Bordallo Pinheiro, Lopes de Mendonça. Feitos primorosamente a pastel, os retratos de Ramalho Ortigão e de sua filha D. Bertha, de Eça de Queiroz e de um filho de Bernardo Pindella.

Na decoração tem sobresaído o seu talento; este genero permitte ao artista uma execução mais larga, mas exige especiaes qualidades. Entre nós, onde era velha a indifferença absoluta pela pintura, uma renascença benefica se faz; uma corrente favoravel, trazida por aquelles que lá fóra vão receber as influencias de uma civilisação apurada, que lhe dirige o gosto, ou lhe impulsiona a vaidade para o lado do bello, tem ajudado a

transformar o espirito publico, e o fervor pela ornamentação artistica cresce. Os pequenos quadros e os retratos artisticos começam a entrar no ideal do *ménage* burguez, penetrando, quando falta o gosto, pela brecha da vaidade; a decoração, porém, é um capricho de millionario, exige um palacio esplendido, e não é dado a todos o poder transformar em formosas galerias os tectos e as paredes das suas habitações.

Todavia já deixou de ser rara entre nós essa rica ornamentação. N'um outro artigo fallâmos sobre as decorações do palacio Burnay, e dos aposentos do infante D. Affonso, por Malhôa. Columbano tem sido encarregado de numerosos trabalhos decorativos, e podemos mencionar os das sobre-portas da sala de recepção do palacio de Belem, os aposentos da senhora D. Amelia, estylo Luiz XV, as sobre-portas da camara de dormir da princeza, um tecto em casa da condessa de Ficalho, o da sala de Bernardo Pindella, outro em casa do marquez da Foz,

que já lhe encommendou tambem umas sobre-portas. Este tecto é em claro escuro, imitando baixo relevo, e representa um baile de creanças no seculo passado. Para a camara municipal de Lisboa pintou em 1879 os tectos do vestibulo e escadaria, e em 1888 uns medalhões para ornamentação. Depois encarregou-se de decorar a sala de baile do conde de Valenças.

Emmoldurado em ornatos a estuque de estylo renascença, o *plafond* de $5^m \times 3^m$ representa uma varanda, onde se vêem musicos e cantores de ambos os sexos e de differentes epochas. Um toldo de damasco vermelho deixa a descoberto uns pedaços de céu azul, onde esvoaçam algumas pombas. As figuras, muito bem pintadas, são delicadamente escolhidas, ha em tudo uma grande harmonia de tons. Nas paredes sete *panneaux* representam as danças desde a renascença até á actualidade. Este admiravel trabalho firmará a reputação de Columbano, e mesmo aquelles que mais implacaveis se agarram aos defeitos do pintor devem

fazer justiça ao elevadissimo merito do artista, á alta concepção das suas obras, á maneira superior por que elle interpreta os assumptos. Ha muito quem censure Columbano de falta de colorido, mas igual censura tem sido feita a Puvis de Chavannes, que é por muitos considerado o maior pintor da actualidade. E as suas maravilhosas decorações no Pantheon e na Sorbonne, primarão entre as obras primas da arte moderna.

O colorido das decorações da sala do conde de Valenças é de uma suavidade encantadora, que delicía a vista sem a fatigar; as figuras, vestidas com trajos proprios e tocando instrumentos da epocha que representam, correspondem no *plafond* ás figuras que dançam nos *panneaux*. É um dos mais bellos trabalhos que tenho visto emprehendidos por um artista nosso, e, quando esteja concluido, uma bella prova do elevado talento de Columbano.

10 de junho de 1889.

A EXPOSIÇÃO COLUMBANO

No salão de uma livraria em Lisboa foram expostas algumas das obras mais notaveis do pintor Columbano. É uma exposição grandiosa, bastante superior ao nivel de comprehensão da maioria do nosso publico, e um acontecimento na arte nacional.

Suas Magestades El-Rei e a Rainha, alli estiveram a abrilhantar o acto da inauguração a que tambem assistiram raros pintores, alguns litteratos e limitado numero de admiradores de Columbano.

Columbano é já um pintor extraordinario, um dos raros que comprehen-

dem a grandiosidade da arte. O que elle pinta é profundo, vivo, sentido e individual. Ha na sua alma alguma cousa acima do vulgar, um ideal soberbo, um orgulho de raça e de caracter que fazem d'elle um dos mais notaveis pintores peninsulares. A sua maneira de desenhar é por manchas largas, nenhumas durezas nos contornos, e um vigor surprehendente. Columbano faz a sua arte com uncção, religiosamente, como o sacerdote erguendo a patena que cobre o calix sagrado. É altivo e independente; passa affectuoso por entre os applausos dos que o comprehendem, e indifferente por entre a chusma dos ignorantes e invejosos.

Porque não? Que lhe importa a critica malevola, ou a apreciação dos estupidos, a elle, alma nobre e concentrada, que reflexiona, cerebro pujante que indaga e cogita?

A exposição compõe-se de retratos, da grande téla —*Camões evocando as Tagides*—, e do delicioso esboceto —*A virgem da Conceição*—.

Os retratos não são *fac-similes* de anonymos burguezes, mas uma collecção de verdadeiros retratos de alguns dos homens notaveis da nossa actual geração. Em todos elles o que Columbano procura reproduzir com maior intensidade é a expressão moral, e realisa-o assombrosamente. São tão suggestivos, que ao ver a atormentada fronte de Anthero de Quental, a expressão dolorida e suave do pensador poeta, parece que assistimos ao drama que termina com a morte tragica.

Na esphera do invisivel, do intangivel,
Sobre desertos, vacuos, soledade,
Vôa e paira o espirito impossivel.

Esse espirito impossivel, ancioso por alcançar o intangivel ideal sobrehumano, está alli na téla, com a tez eburnea de um Christo de marfim, fitando-nos e parecendo que vae revelar-nos alguma cousa do ineffavel grandioso que o assoberba.

Ao lado, Guerra Junqueiro, sorri-nos, cravando o seu olhar penetrante que nos

analysa, deixando entrever ao mesmo tempo as meiguices extraordinarias da sua alma de athleta.

O perfil grave de Oliveira Martins defronta com o ar expressivo do artista Leandro Braga. A fina cabeça de Batalha Reis, a extraordinaria fronte de Silva Pinto, a justa expressão de concentrada energia de Fialho de Almeida, o vago olhar scismador de Eugenio de Castro, tudo o pincel de Columbano nos apresenta de uma maneira original, grande. A modelação das cabeças é de um vigor unico, parece querer desvendar-nos o eu que cada uma encerra.

O retrato em corpo inteiro de Taborda, soberbo, faz *pendant* ao de João Rosa, desenhado com primor inexcedivel.

O retrato da viscondessa de Sacavem, que a oleo tem a frescura e avelludado do pastel, é adoravel; o busto delicado e gentil destaca finamente da téla, e a cabeça, sob o grande chapéu, tem uma expressão animada, encantadora.

É um retrato de superior elegancia com a sobria correcção de uma obra de arte, que mais tarde deve ser guardada, joia preciosa, n'um museu.

Os retratos de D. João da Camara, de Lopes de Mendonça, Antonio Feijó, Lino de Assumpção, Coelho de Carvalho, completam esta collecção soberba, e se algum, como o de Antonio Feijo, é menos expressivo, outros, como o de Coelho de Carvalho, empolgam-nos com a attracção irresistivel de uma téla de Zurbaram.

O Camões é obra de um artista de alma profunda, que sente a aspiração ideal que fazia levantar o peito do grande poeta portuguez. As nymphas que o poeta evoca escutam-no; maravilha-as a voz inspirada, que, n'um canto sublime e supremo, vae immortalisal-as. O mar é bem o *salso mar* de infinita volupia, de brumas que acariciam os sentidos como um beijo de ondina; é o vasto lençol de agua espumante e glauco, em que brincam as nymphas, e que embala os sonhos do

poeta. De uma singular belleza o dorso de mulher que está no primeiro plano, e a figura de Camões, n'uma attitude larga e inspirada, domina todo o quadro e desperta no espectador uma commoção vibrante.

Não acho porém isenta de algum defeito esta bella obra; a nympha que está de perfil faz lembrar umas figuras de Goia, que não representam as gentis habitantes das aguas, e são um tanto pesadas as nuvens que pairam na atmosphera.

A Virgem da Conceição é um esboceto feito com largueza e simplicidade, e tão idealmente tocado, que deveria ser aproveitado para o retabulo de uma capella.

Quando entrâmos na exposição Columbano sentimos uma impressão profunda, deliciosa, mixto de respeito, de orgulho e de alegria. Sáe-se com pezar do pequeno recinto. É que na obra de Columbano ha uma porção tão grande de ideal, e de alma, que só um espirito em demasia frivolo se não apaixona por ella.

Saudemos o illustre artista, não esperando que o futuro tenha de fazer justiça a um talento que é uma gloria para a nossa pobre arte nacional.

Lisboa, junho de 1894.



CASANOVA

A aguarella

De quem deverei fallar-lhes primeiro, da arte ou do artista? Da aguarella ou de Casanova? Fallar-lhes-hei de ambos ao mesmo tempo, associo-os sempre na imaginação, não só porque Casanova é um distincto aguarellista, mas porque é a elle, mais do que a ninguem, que entre nós se deve o gosto por este delicado genero de pintura.

Como definirei a aguarella? A aguarella não é uma grande arte, mas uma arte

encantadora; não se presta como o oleo a glorificar através dos seculos artistas como Raphael ou Rubens, e menos ainda a assombrar, como o fresco, as futuras idades com figuras em tudo colossaes como as de Miguel Angelo. Não a julguem porém um fragil e delicado producto da moderna arte; é antiga, cultivaram-na os artistas da Renascença. Lembra-me a proposito uma soberba Judith de Mantegna, umas pinceladas a dois tons, sobre fragil papel velino, que rivalisam, se não excedem, os preciosos quadros d'este artista.

A aguarella é encantadora, porque é ligeira, intima, facil e agradavel. Exige porém, alem dos meritos communs a todos os generos de pintura, como a escolha de assumpto, a ordem da composição, a correcção do desenho, a harmonia das côres, a belleza do conjuncto, o ser limpida e feita de uma só vez; é isto o que constitue a sua technica especial.

Tentar por meio do guacho, do pastel, ou do oleo alcançar as aereas ligeirezas da aguarella é tão chimerico, como pensar em

obter por ella o vigor do oleo, a solidez do guacho ou o avelludado do pastel.

Chamei a aguarella facil, mas não o é tanto como realmente parece, e na verdade, depois do fresco cousa alguma exige a mão mais segura. É um trabalho em que tudo deve ser feito simples e largamente, á primeira pincelada, reservando os brancos, sendo apenas permittido dar uns leves toques para certos tons vigorosos. De contrario perderá toda a frescura, a sua graça deliciosa, e tornar-se-ha uma cousa pesada e sem merecimento.

A aguarella tem sido superiormente cultivada na Italia, e é mais ou menos tratada em todos os paizes. Ha no Japão eximios aguarellistas. Na Inglaterra, este genero de pintura, não só é cultivado pelos artistas, mas um requisito indispensavel na fina educação ingleza. Em Hespanha os pintores dedicam-se muito á aguarella, em que são distinctissimos, e nada para mim iguala o encanto de uma aguarella de Fortuny, ou do incomparavel Villegas. Em França ha uma sociedade de

aguarellistas, que já conta um grande numero de exposições, e á qual pertencem dos mais distinctos pintores, como Adam, Beraud, Detaille, Worms, Laurens, e madame Madeleine Lemaire, de quem pude apreciar algumas aguarellas delicadissimas, na, hoje dispersa, galeria do conde de Daupias. Em Lisboa organisou-se ha pouco uma sociedade de aguarellistas, e foi ahi n'uns deliciosos serões, que conheci Casanova, esse sympathico rapaz, talentoso e activo, quasi portuguez pelo que se interessa pelas cousas de Portugal, a quem peço licença para transcrever alguns periodos de uma sua carta, em que espirituosamente se descreve.

«Com respeito ás notas que me pede sobre a minha biographia só posso dizerlhe que tenho trinta e oito annos, sou natural de Saragoça, a nobre cidade onde se fabricavam os famosos pannos do seculo xv, e que, na guerra da independencia, soube morrer com o inimigo debaixo dos seus escombros. Tenho uma pequena estatura, a côr azeitonada, e um

bom nariz. Para fallar correctamente, preciso de musica, de outra maneira não se me desenvolve a lingua; e póde acrescentar que já estou farto de trabalhar por enthusiasmo, o que agora só faço por causa do estomago, muito arruinado. Pinto aguarella, oleo, guacho, e quantos processos e systemas tem esta boa arte de fazer monos.»

Pois n'esta arte de *fazer monos* é Casanova um mimoso, um delicado, um privilegiado. É um primoroso aguarellista; recorda-me de uma aguarella preciosa que vi um dia no seu *atelier* da rua de S. Francisco, —*Recordações de Toledo*—, inspirada pela bella capital gothica da Hespanha, tão antiga, poetica e soberba, com a sua cathedral, primor da Renascença, as suas armarias, os toldos de grandes listrões de côres vivas, os pateos, os craveiros, os azulejos arabes; terra cheia de luz, onde ha olhares que queimam, canticos melancolicos, e um não sei que de oriental embalsamado pela fragancia da laranjeira; a terra que ins-

pirou os cantos de Garcilaso de la Vega e as télas de Blas de Pedro. A aguarella traduzia a impressão que a vetusta e pittoresca cidade deixou na alma do artista. Sob um céu de cobalto, verdadeiro céu de Hespanha, destaca a torre de quatro faces, alto *mirador* formado de tijolos vermelhos, miudinhos, onde se rasgam elegantes janellas arabes; em volta os telhados, as frestas, as ameias e as agulhas de todo um bairro antigo. Para cá entrevê-se um pedaço de igreja com portico ogival, mas em cujas paredes ajustam ainda os admiraveis azulejos tão caracteristicos da esplendida civilisação que que dominára a peninsula. No primeiro plano um terraço com o seu alpendre, sustentado por bellas columnas mouriscas e assombreado por um amplo toldo de grandes fachas vermelhas, amarellas e azues, que abriga todo um jardim aerio, onde por entre uns cambiantes verdes cantam as manchas vivas e quentes das flores e sorriem os tons azulados das faianças dos vasos.

Todo este conjuncto, simples, justo, vibrante e harmonioso é feito com tal verdade, que nos transporta para ali, á tardinha, sob uma atmosphera calida, a viver aquella antiga vida a surprehender o formoso perfil da ardente *señorita* dona do encantado jardim.

É esta aguarella uma das mais bellas producções que tenho visto de Casanova, primorosa entre as muitas que fazem as delicias dos admiradores do mimoso aguarellista, a quem podem censurar-se ligeirezas no desenho mas que é inimitavel na sua maneira graciosa e fina.



Casanova é tambem um illustrador distincto, e em um grande numero das melhores publicações portuguezas, podem admirar-se delicadissimos trabalhos seus.

Emprehendendo a publicação do esplendido jornal *A arte portugueza,* presta-nos um grande serviço, se esta publicação, bella e util, não estiolar sob a frieza da frivolidade publica, e viver apenas o tempo que vivem as rosas.

Fevereiro de 1895.



M. DE OLIVEIRA

Da pittoresca aldeia de Ponte de Este recebi uma carta em que Marques de Oliveira me convidava para uma excursão artistica até Ponte do Lima. Com saudosa magua me recordei de Silva Porto, com quem, na ultima vez que nos viramos, fizera um igual ajuste, que a morte veiu tão rudemente quebrar. Consolar-me-ía a convivencia do seu collega e particular amigo, fallariamos d'elle, seriamos dois a lasti-

mar a ausencia d'aquella alma tão boa e tão grande.

Fomos alojar-nos n'um velho palacio do arrabalde, quasi á beira do Lima, senhorial habitação, da qual o rijo travejamento de castanho guarda tradições de nobreza, e seguimos a procurar emoções pelos arredores da formosa e antiga villa.

Não conhecia Marques de Oliveira intimamente como conhecêra Silva Porto, esse adoravel pantheista, para quem o ciciar de uma folha era uma voz da alma, o preludio de uma canção, que elle imprimia na téla, transformando-a n'um poema, que o seu culto pela natureza engrandecia.

Se Silva Porto póde ter um successor é de certo Marques de Oliveira quem occupará esse logar, embora a sua maneira de interpretação seja bem diversa e outro o modo por que a sua sensibilidade é emocionada.

Silva Porto amava a natureza tal como ella é, na sua simplicidade rustica, sob qualquer aspecto que se lhe apresentasse,

viva e nitida, a sorrir-se, sempre candida, sempre bella. Marques de Oliveira ama o vago, o nebuloso onde o espirito póde perder-se n'uma atmosphera de illusões, crear e ampliar na incerteza do real. É, porém, um seductor paisagista, e os seus trabalhos prendem-nos, levam-nos comsigo para o paiz dos sonhos, e deixamnos a divagar pelas risonhas regiões da phantasia. Dizia uma vez d'elle Fialho de Ameida:

«Ora o que me dizem dos quadros de Marques de Oliveira, da sensibilidade e cosmogonia psychica do paisagista? Cousas reconditas e finamente insolitas de emoção, harmonias de um symphonismo tão raro quanto inverosimil, ápartes de interpretação pictural, emfim, que não existem fóra do artista, mas que, observadas em globo, fazem da obra d'elle um verdadeiro tratado da alma côr de rosa na paisagem.»

E que bem casa o caracter de Marques de Oliveira com o seu pronunciado typo de arabe: a face tostada pelo sol,

as maçãs do rosto salientes, as narinas dilatadas, o olhar negro, vivo e penetrante, que se vela de uma expressão sonhadora nos momentos de concentração. Deve ter impetos leoninos, que vão quebrar-se n'uma timidez vagamente supersticiosa; é um naturalista idealisador que tem de certo em si alguma cousa das raças que conceberam os soberbos mythos de Allah e de Jehovah.

Um dia manifestei a Marques de Oliveira a impressão que me produzia o seu typo, e elle, sorrindo, contou-me um caso que lhe succedêra em París quando frequentava as lições de Cabanel. Durante alguns dias o mestre observava attentamente o portuguez, perseguia-o com o olhar, até que lhe pediu uma entrevista no atelier. Cabanel andava n'esse tempo compondo o esplendido quadro, hoje existente no Luxembourg —*Thamar*— e que representa a filha de David quando, depois de ultrajada por seu irmão Amnon, veiu, louca de dor, pedir vingança a seu irmão Absalão. Este quadro despertou a mais

viva critica contra Cabanel, por se ter deixado seduzir pelos esplendores do orientalismo. Todavia é uma das suas mais notaveis obras, e a figura de Absalão um bello pedaço de pintura.

Cabanel chamára Marques de Oliveira, cuja figura de joven arabe o tinha impressionado, pedindo-lhe que *pousasse* para o Absalão. O nosso artista annuiu, mas quando o quadro appareceu no *Salon* de 1875, os companheiros reconheceram-no lá, e por muito tempo o alcunharam de *Thamar*.

Marques de Oliveira possue uma solida educação artistica. É filho do Porto e cursou alli a academia de bellas artes desde 1864 a 1873, indo a concurso n'este mesmo anno para pensionista do estado como pintor historico. Em companhia de Silva Porto, que ia estudar paisagem, partiu logo para París. Ahi foi seu mestre Cabanel, e frequentou tambem o curso nocturno d'Yvon. Expoz no *Salon* de 1876 um bello retrato de senhora, partindo n'esse mesmo anno para a Italia, ainda

em companhia do seu mallogrado amigo, percorrendo n'essa occasião juntos a Belgica, a Hollanda, a Inglaterra e a Hespanha. Regressando de Roma, expoz, em 1878, no *Salon,* o retrato de um seu collega, que lhe mereceu justos elogios. No regresso á patria, em 1881, foi logo nomeado professor interino da cadeira de desenho, na academia portuense, em substituição de Thaddeu Maria de Almeida Furtado. Em 1882 fez o seu concurso e foi nomeado professor effectivo, logar que hoje ainda desempenha com a maior distincção.

Entre os numerosos trabalhos de Marques de Oliveira alguns ha de notavel merecimento, como —*Entre o almoço e o jantar*—, que existe no museu da Restauração no Porto e a —*Lição*— outro encantador quadro de genero, que foi bastante applaudido.

Nas exposições do *Atheneu commercial* do Porto e do *Gremio Artistico* de Lisboa tem sido sempre dos primeiros, conquistando com o seu talento alta considera-

ção e a reputação de artista inspirado e consciencioso. Os seus quadros —*Graças a Deus*—, exposto em 1890, e —*Esperando os barcos*—, em 1892, bastam para lhe obter um logar proeminente entre os seus collegas.

Na companhia de Marques de Oliveira passei, pois, uns dias despreoccupados, felizes, no esquecimento de todas as miserias em que habitualmente se arrasta a vida social, vaidades inuteis, interesses e ambições mesquinhas, semsaborias de amor proprio ferido. De manhã contemplando os tons nacarados das aguas do Lima, sentindo a vida a despertar no arvoredo, prescrutando a profundeza do valle onde as brumas se desvaneciam n'uma pulverisação de oiro; de tarde percorrendo as velhas ruas da villa, tortuosas, irregulares, de picante e original effeito, os alpendres incendiados pelas faiscas do poente, um poema de côr que deslumbra quem sabe decifrar-lhe as estrophes. O convivio ao de leve com a gente rustica, ouvir as cantigas dos que tra-

balham ao longe, escutar as conversas dos que passam pelos caminhos. Tudo isto refaz o espirito fatigado, é como uma volta a um lar primitivo onde se repousa bem á sombra.

Uma manhã quando trabalhavamos parou uma lavradeira um momento a espreitar-nos e seguiu murmurando:—já é preciso cabeça para assim *escrever* os campos no papel!

Oh! o bello tempo passado n'essas ridentes veigas do Minho, tão alegres, tão pittorescas, os milharaes viçosos ondeando ao vento, as encostas vestidas de pinheiral cerrado, as fitas prateadas dos rios serpenteando entre massiços de verdura, e as montanhas, muito ao longe, esbatendo-se em violeta sob o azul do céu!



Maio de 1894.



J. DE BRITO

Podia contar-lhes uma historia, singela e commovente como muitas, como as historias de tantos homens illustres que, nascendo pobres filhos do povo, aldeões destinados ao cultivo da terra, ou operarios condemnados ao trabalho manual, sentindo em si a chamma vivida de uma vocação ingenita reclamal-os para mais largos destinos, conseguiram, luctando com a pobreza, com o abandono, com a ignorancia, com a in-

differença dos felizes e o orgulho dos privilegiados, elevar-se, subir, ascender até aos mais elevados cimos da arte, das sciencias, das honras ou do poder; mas parece-se com tantas outras a historia de José de Brito!...

Saíu da pittoresca aldeia de Santa Martha, no Minho, e entrou na lucta pela vida sem outros recursos mais que a sua intelligencia e a sua força de vontade, e luctando, soffrendo, trabalhando sem desanimo, conseguiu realisar o seu sonho, ser um artista e estimado pelo valor dos seus trabalhos.

Ha muito conhecia de nome o joven pintor viannense, quando tive occasião de poder, tratando-o, apreciar as suas amaveis qualidades e reconhecer-lhe innegavel merito. O primeiro trabalho que vi de José de Brito foi o retrato do dr. José Alfredo da Camara Leme, um dos amigos e protectores que lhe auxiliaram os difficeis começos da sua carreira. Sabia que tinha já exposto no *Salon* um retrato do nosso addido militar em París, o vis-

conde de Pernes, e o retrato do dr. Camara Leme, representando tão vivamente a physionomia do retratado, mostrava-me que o pintor tinha verdadeira vocação para este genero.

José de Brito fôra sempre premiado na escola do Porto, e em París, recebendo as lições de Boulanger, de Lefebvre, Bouguereau, de Robert Fleury, tornára-se um pintor de qualidades solidas, manifestando sempre uns grandes desejos de aperfeiçoamento, e procurando imprimir aos seus trabalhos um cunho de sinceridade que os torna sympathicos.

Foi em 1888 que o conheci, estava elle então na sua aldeia, dos arredores de Vianna, fazendo estudos para um quadro de genero —*A Paschoa na aldeia*—, que expoz no *Salon* em 1889. Este quadro, embora não fosse isento de graves defeitos, revelava no artista qualidades dignas de attenção.

Desde então tem-se conservado em París, trabalhando, estudando, aperfei-

çoando-se, mandando para o *Salon* dos Campos Elysios, todos os annos, ou algum retrato, ou algum quadro de genero, que, apparecendo depois nas nossas exposições do *Gremio artistico,* nos tem permittido avaliar a quão proficuo estudo consagra o seu tempo, o nosso estimavel artista, na grande capital.

Entre estes quadros distingue-se notavelmente o —*Retrato de D. Anselmo de Sousa Botelho*—, de um superior merecimento, exposto no *Gremio artistico,* em 1893. N'esta mesma exposição figurava um gracioso quadro de genero —*Où es-tu Lili*—, que já fôra exposto em París, em 1891. Em 1892 tinha exposto, tambem no *Gremio artistico,* uma —*Dançarina*—, que Sua Magestade El-Rei adquiriu. Ás seguintes exposições concorreu ainda José de Brito com outros quadros de genero. —*Á lareira*— e uma —*Scena de familia*—, e varios retratos.

Era um trabalhador serio e modesto, que avançava serenamente a passos re-

gulares e seguros. A sua pintura de uma agradavel sobriedade de colorido, o desenho firme, notando-se-lhe a ausencia de processos ruidosos, tendentes a attrahir a attenção.

Este anno, porém, José de Brito apresenta no *Salon* um trabalho que me surprehende pelo arrojo, habituado a vel-o, occupar-se de pequenos assumptos. Levantou um audacioso vôo para a pintura historica e —*Um martyr do fanatismo*—, trabalho que ainda apenas conheço pela reproducção que d'elle traz a *Illustração franceza,* eleva José de Brito á altura de pintor de nome. É uma grande gloria para o artista, que conheci tão modesto e simples, mas pensando com tanto ardor na sua arte, o conseguir que olhos habituados a admirar as soberbas composições de Jean Paul Laurens, e as extraordinarias télas de Rochegrosse, fixassem com attenção o seu trabalho e o applaudissem; é a consagração de um grande publico, que, honrando-o, nos orgulha por elle ser nosso.

Ao traçar nas paginas d'este livro o sympathico perfil de José de Brito alegra-me o poder n'elle consignar o seu triumpho.

Abril de 1895.





SOUSA PINTO

É este um artista que conseguiu conquistar um logar distincto, não simplesmente entre nós, onde seria facil porque as notabilidades não abundam, mas em París, no centro intellectual onde a arte moderna brilha em todo o seu explendor, onde se acotovelam ambições devoradoras, a mediocridade tem necessariamente de passar desapercebida e o fraco de ser esmagado. Sousa Pinto não é só talentoso, é um forte; observa-se ao

tratal-o que deve estar rijamente temperado para a lucta, revestido da couraça que ha de resguardal-o dos golpes traiçoeiros e permittir-lhe chegar á eminencia que a sua ambição e o seu talento anhelam.

Ainda muito novo, tendo em frente um largo futuro, vê o seu nome citado com applauso, e a escola do Porto, que tantos artistas de merecimento nos tem dado, deve orgulhar-se com este seu filho.

José Julio de Sousa Pinto nasceu na ilha Terceira, onde então occupava o logar de delegado seu pae, o dr. Lino Antonio de Sousa Pinto, que depois veiu desempenhar no Porto o de juiz da terceira vara. José Julio, tendo então uns onze annos, começou a frequentar a academia portuense de bellas artes. Completou aqui os seus estudos, e sendo preferido n'um concurso com Condeixa, foi para París em 1881, e logo n'esse anno entrou no *Salon* com o retrato de um —*Concierge*—. No anno seguinte expoz um retrato de senhora, e de então para cá, n'aquelle

esplendido certamen annual, sempre os seus trabalhos têem merecido o mais lisonjeiro acolhimento.

Sousa Pinto é verdadeiramente um francez, discipulo de Cabanel, apaixonado admirador de Dagnam Bouveret, moço pintor que com o seu quadro —*Bretonnes au pardon*— conquistou a geral admiração, as qualidades da sua pintura são as d'essa admiravel escola, que é em o nosso seculo a dominadora na arte. As suas tendencias para um delicado realismo tornam deliciosamente agradaveis os seus quadros de genero, e a suave gamma de tons do seu colorido é um prazer para a vista.

Em a nossa epocha, de um realismo por vezes excessivo, as altas concepções ideaes occupam raramente a imaginação; e se os grandes problemas historicos nos interessam, é isso devido ao impulso da escalpellisadora curiosidade que nos leva a analysar profundamente o que mais recondito existe na psycologia humana. Mas estas investigações occupam apenas os

espiritos superiores, a maioria compraz-se simplesmente observando os aspectos phisiologicos dos seres e das cousas.

A arte tem dado a mais larga e variada interpretação aos mil aspectos da paisagem, e, com sempre crescente acolhimento é recebida a vasta pintura de genero, que penetra em todos os interiores, desvenda todas as bellezas, todas as fealdades, todo o gracioso, todo o ridiculo e ao mesmo tempo todo o commovente dos pequenos dramas da vida, e os episodios da sua variada comedia.

A arte antiga e a arte italiana desconheceram a pintura de genero; crearam-na os hollandezes, primando n'ella Teniers. Na moderna escola franceza a pintura de genero occupa um logar eminente; quasi todos os grandes mestres a têem cultivado.

Os nossos artistas, talvez por influencia do caracter contemplativo da raça, dedicam-se mais á paisagem; pelas nossas exposições poucos quadros de genero apparecem, e é pena que as va-

liosas télas de Sousa Pinto não venham mais repetidas vezes servir-lhe de ornamento.

É já vasta a collecção que, desde 1881, tem exposto no *Salon* de París. Em 1883 a —*Culotte déchirée*—, gracioso quadro em que uma avó, n'um interior rustico, trata de dar uns pontos nas calças do inquieto garotinho, que espera a um canto, semi-nu e choroso, a peça de vestuario que na brincadeira rasgára. Este quadro, apresentado nos primeiros annos da sua carreira, foi uma brilhante affirmativa do seu talento.

No anno seguinte expoz —*Un hôte inconsolable*— e —*Après l'ouragan*—. Em 1885 —*Avant l'école*—.

Em 1886 o retrato de mr. Périvier e —*Egarée*—, formoso quadro representando uma pequenita que, ao voltar da escola, se extraviou nos campos. Um bom velhote, que retira para casa carregado com os instrumentos do trabalho, indica á rapariguinha o trilho perdido. Tem um grande tom de verdade este bello quadro, uma

graça natural nas attitudes. É a hora melancolia do anoitecer; o sol desapparece n'um rasto luminoso, e o crescente surge no vago pardacento das sombras.

Em 1887 —*L'enfant malade*—, que passeia pelos campos vivificadores com a fraca cabecinha encostada ao hombro da mãe. Em 1888 —*Trempé jusqu'au os*—, em que as travessuras da infancia e as inquietações das avós lhe forneceram mais uma vez assumpto. Em 1889 a —*Boudeuse*— e o —*Bateau disparu*—, commovente quadrinho em que duas pobres mulheres, sentadas n'uma pedra, lamentam a barca perdida; a joven chora, talvez perdidas as esperanças do seu coração, e a velha, endurecida na desgraça, contempla com melancolia o horisonte. Em 1891 expoz —*Le retour des bateaux*— e —*La forge*—. Em 1892 —*La reparation du bateau*—, em que um garotinho segue com toda a attenção o trabalho do pae, rude marinheiro que pacientemente lhe concerta o barquinho de cortiça. Apresentou tambem n'este anno

a —*Rêverie*—. Em 1893 —*Dans les champs*— e —*Au coin du feu*—. Em 1894 —*Les mousses*— e —*Le rendez-vous*—, e 1895 —*Sur le pont d'Etaple*— e —*La petite sœur*—.

Esta simples resenha dos trabalhos expostos por Sousa Pinto basta para que se faça uma idéa do valor da sua obra. A vida dos pescadores, tão cheia de pittorescos e commoventes episodios, interessa-o; encontram-se nos seus quadros deliciosos pedaços de beira-mar, figuras rusticas de uma naturalidade flagrante. A infancia e a velhice, na affectuosa communidade dos dois extremos da vida, occupam sempre o melhor logar nas suas télas; com certeza o artista teve junto a si, a aturar-lhe as travessuras dos primeiros annos, uma d'essas boas velhinhas de cabellos grisalhos, que, effectando uma grande severidade de palavras, deixam sempre escapar nos olhos sorrisos de indulgencia para as diabruras dos netos.

A maneira de pintar de Sousa Pinto é realmente seductora, delicada sem pie-

guice, e no colorido umas *nuances* violaceas de uma suavidade que encanta.

Amavel, alegre, de fino trato, este artista é um *charmeur;* mas ha no seu caracter durezas contra as quaes as difficuldades hão de forçosamente quebrar. Tem vencido com a força do seu grande talento, mas embora o não possuisse em tão elevado grau venceria *quand même.* E a multidão brada sempre: gloria ao vencedor!

Maio de 1895.





JOSÉ MALHOA

Quando encontrâmos um artista festejado, victoriado e feliz, afigura-se-nos que elle seguiria sempre á vontade pelo caminho do triumpho, formosa alameda atapetada de flores, ao fim da qual se encontra a maravilhosa deusa de magicas fórmas, que o convida ao festim do Parnaso. Não é porém assim. Que de coragem, que de esforços não são necessarios para alcançar o desejado ponto, ao longo d'essa estrada, bella sim, mas tão

semeada de ardis e difficuldades! Quantos, fatigados de correr após um ideal, que parece afastar-se cada vez mais e perder-se entre brumas, não cáem exhaustos de forças. São poucos os que vencem. Entregar-se á arte por amor da arte, desprezar as minuciosas miserias do viver quotidiano, fechar os olhos ás tentações da vida commoda e tranquilla, proseguir na sua idéa, luctando sempre, através de tantos obstaculos que o pintor encontra em si e nos outros, só o fazem aquelles em quem se accendeu, vivida e ardente, scentelha divina.

Eis por que eu venero o verdadeiro artista assim como adoro a arte.

Quando vejo uma d'essas esplendidas télas para as quaes o artista arrancou o segredo de crear á natureza, assim como quando leio alguma d'essas soberbas paginas em que o poeta substanciou a alma humana, o enthusiasmo faz vibrar todo o meu ser, e curvo-me respeitoso ante o genio.

Entre os nossos, que têem sabido luctar vencendo, alcançando a realisação do seu

sonhō, distingue-se José Malhôa, um bello rapaz, notavel de talento e de amor ao trabalho, franco, intelligente, dotado de qualidades brilhantes e solidas. Temperamento meridional, comprehende como ninguem um dia cheio de sol, um céu de azul immaculado, um crepusculo ardente. Ama as côres vivas, cantantes, e os seus trabalhos são, como elle, alegres e cheios de calor.

Malhôa nasceu na formosa villa das Caldas da Rainha aos 28 de abril de 1855, e entrou aos doze annos para a escola de bellas artes; destinavam-no para entalhador, tinham-lhe até escolhido para mestre o distinctissimo artista Leandro de Sousa Braga. O rapazito ganhava porém logo no primeiro anno o primeiro premio, e Leandro Braga disse para um irmão e protector de Malhôa: — «Homem, visto o rapaz ter disposição para o estudo deixa-o continuar, que a todo o tempo é tempo d'elle vir cortar madeira.» E o rapaz continuou, tornando-se o distincto artista que hoje conhecemos. Mas

não foi sem contrariedades e desgostos, que seguiu a sua carreira; uma dura prova lhe estava reservada logo no começo.

Terminára o curso da escola, alcançando em todos os annos o primeiro premio; concluido pensou em completar a sua educação artistica no estrangeiro e entrou em dois concursos para pensionista do estado. Mas na escola de bellas artes, como em toda a parte, os empenhos e protecções vencem muitas vezes a justiça, e o subsidio foi adjudicado a outro concorrente, tão injustamente, que, pelas reclamações feitas, a academia viu-se forçada, para não descontentar ninguem, a não mandar nenhum.

Esta injustiça feria duplamente Malhôa, no seu orgulho de trabalhador a quem preteriam o merito, e na esperança de poder completar os seus estudos com os primeiros mestres da arte moderna, pois não tendo meios de fortuna que lhe permittissem ir viver independentemente no estrangeiro, só com aquelle auxilio o conseguiria.

Desesperado com este contratempo, quebrou pinceis e paleta, jurando de não mais pintar, e fez-se caixeiro de seu irmão n'uma loja de modas.

Malhôa, um artista de raça, não podia assim quebrar as suas relações com a arte, era um simples amuo; a deusa estava muito acima das injustiças dos homens e chamava-o com fagueiros sorrisos. Mal tinham passado seis mezes e já elle aproveitava as horas que tinha para jantar em pintar um quadro, —*A ceara invadida*—, que enviou á exposição de Madrid, onde foi tão bem recebido que a sua noticia chegou até cá, e fallou-se com certa admiração n'um caixeiro que pintava quadros, que as exposições admittiam e o louvor apregoava.

As semsaborias inherentes á profissão que escolhêra para ganhar a vida desgostavam-no, e a miragem da arte fascinava-o de tal modo, que, embora já com encargos de familia e sem nenhuns recursos, deixou a loja para dedicar-se-lhe, esperando d'ella tudo. O resultado correspon-

deu á sua esperança, sendo o primeiro trabalho que lhe offereceram o de pintar o tecto da sala de concertos no real conservatorio de Lisboa. Algum tempo depois pintou o tecto da sala do supremo tribunal de justiça de Lisboa, um bello trabalho que muito honra o talento do artista.

Trabalhando sempre, incansavel, febril e irrequieto, tem-se occupado de tudo. Na pintura decorativa, alem dos trabalhos que citámos já, e que foram por assim dizer a sua estreia, tem o magnifico tecto da casa de jantar do conde de Burnay e os dos aposentos do infante D. Affonso. Na pintura historica ha o seu grande quadro — *O ultimo interrogatorio do marquez de Pombal* — e o esboceto apresentado no concurso que a camara municipal de Lisboa abriu em 1887 para um quadro representando — *A partida de Vasco da Gama para a India* —, esboceto que recebeu a primeira classificação entre os concorrentes, sendo n'essa occasião Malhôa agraciado com o habito de Chris-

to. São de Malhôa os retratos de El-Rei D. Carlos que estão nas salas do tribunal do commercio e do tribunal de contas. Um delicioso retrato do Principe real, o esplendido retrato da filha de Henrique Sauvinet, que póde considerar-se a obra prima de Malhôa, n'este genero, os bellos retratos de D. Luiza de Almedina e do menino Isaac Abecassis, distinguem-se entre os muitos que têem sido encarregados ao seu pincel.

Numerosas paisagens, algumas realmente bellas, todas de um intenso colorido, avivado pelas cruezas do sol meridional, scenas rusticas, cuidadosamente estudadas, pittorescos costumes de aldeia, como o — *Viatico ao termo* — e a — *Missa das seis* —, alguns outros quadros de genero, como o — *Primeiro cigarro* —, que pertence ao infante D. Affonso, e um grupo de veteranos fazendo a — *Descripção da batalha de Asseiceira* —, têem occupado um distincto logar em todas as nossas exposições de pintura, desde as da *Sociedade promotora de bellas artes*

até ás actuaes do *Gremio artistico*, em que, alem de varios retratos, do —*Ultimo interrogatorio do marquez de Pombal*—, tem exposto alguns bellos trabalhos, como o —*Crepusculo*—, em 1893, e em 1894 dois quadros de nu, —*Antes da sessão*— e —*Descanso*—, que marcam mais uma nota do seu talento.

Malhôa é, pois, um talentoso artista, que deve merecer-nos a mais elevada consideração; aos naturaes dotes e á sua corajosa persisteneia deve o que vale; formando-se n'um meio tão limitado, tendo apenas recebido em pequenas viagens de estudo as lições indispensaveis para o perfeito conhecimento da arte moderna, tem com a sua elevada intuição artistica conseguido tornar-se superior a um grande numero dos seus collegas que receberam mais larga e melhor dirigida educação profissional. A sua facilidade de assimilação faz com que alguns dos seus trabalhos imitem as qualidades dos mestres cujas obras mais tem admirado, mas a sua pintura tem, apesar

d'isso, um cunho de vivacidade que a torna inconfundivel.

Se as recompensas lhe não têem faltado, pois todas as exposições a que tem concorrido lhe conferiram premios, tambem a critica o não tem poupado, assim como a malquerença de muitos.

Elle porém, alegre, impassivel, um pouco mais reservado desde que o feriram, tirando forças do ataque, trabalha sempre, colhendo os assumptos ao sabor da sua phantasia, communicando-nos a alegria do seu bom humor e impellindo-nos a applaudil-o calorosamente, tanto as suas bellas qualidades resaltam sobre os defeitos que lhe são attribuidos.



Maio de 1895.

S. DE ALMEIDA

Mestre e amigo, Simões de Almeida é, por este duplo titulo, um artista por mim venerado e querido. Um grande talento, um caracter severo e nobilissimo, admirado pelas suas obras do mais elevado valor artistico, acatado pelo seu muito saber, é em o nosso meio uma figura preponderante e respeitada; devem-lhe os modernos artistas a sciencia do desenho e os mais seguros conselhos do começo da sua carreira.

Desde 1881, anno em que foi nomeado professor do curso geral de desenho da escola de bellas artes de Lisboa, elle dirige a moderna geração de artistas portuguezes e de entre os seus discipulos têem saído os mais bellos talentos da actualidade.

Nasceu este illustre esculptor na villa de Figueiró dos Vinhos em 1844, cursou a escola de bellas artes de Lisboa desde 1856 a 1865, tendo como professores Assiz Rodrigues e Victor Bastos. Em 1866 foi estudar para París, cursando ali a escola imperial de bellas artes até 1870, sendo discipulo do professor de esculptura Jouffroy. Fez um curso distincto, recebendo durante elle cinco medalhas de prata, uma menção e o premio de 200 francos na exposição de trabalhos escolares de 1868 a 1869. Foi depois para Roma, onde esteve desde outubro de 1870 até fevereiro de 1872, estudando com o professor Giulio Monteverde. De volta a Portugal foi nomeado professor interino da aula de desenho da escola de

bellas artes, logar que occupou durante tres annos, resignando-o depois; sendo nomeado professor effectivo em março de 1881.

O ultimo trabalho que apresentou como pensionista do estado, e que existe na escola de bellas artes, —*Joven grego vencedor nas corridas olympicas*—, mereceu-lhe uma medalha de bronze na exposição de Madrid em 1871.

A sua —*Puberdade*—, exposta em París em 1878, obteve igual premio. Esta formosissima estatua, que pertence ao sr. Francisco Barahona, é um dos mais bellos estudos de mulher feitos por Simões de Almeida. De uma nudez admiravel, tem um gesto pudico de uma graça encantadora; a correcção do desenho e os primores da execução concorrem para tornar a —*Puberdade*— uma delicada obra de mestre.

—*D. Sebastião lendo os Lusiadas*—, é tambem uma das bellas obras de Simões de Almeida. —*O Saltimbanco*—, —*D. Ignez de Castro*—, —*Judith*—,

—*Sapho*—, —*A Agricultura*—, —*A Superstição*—; as estatuas destinadas ao gabinete de leitura do Rio de Janeiro: —*Vasco da Gama*—, —*Camões*—, —*D. Nuno Alvares Pereira*—, —*Infante D. Henrique*—, a estatua monumental em bronze do —*Duque da Terceira*—, de uma tão simples e nobre attitude, a formosa estatua da —*Victoria*—, que faz parte do monumento aos Restauradores de 1640, o tumulo do maestro Cossoul, no cemiterio dos Prazeres, as estatuas de *Luz Soriano,* e de *Julio Cesar Machado,* o famoso —*Christo*— para a capella onde repousam os restos mortaes de Alexandre Herculano, o busto do estadista *Fontes Pereira de Mello,* para a camara dos pares, e muitos outros bustos e estatuas formam uma vasta galeria em que se admira a grande sciencia do esculptor, e a privilegiada imaginação do artista.

A estatua da —*Agricultura*—, expressamente encommendada para a exposição industrial de Lisboa de 1888, e feita

muito á pressa, é uma figura vigorosa e magistral, exprimindo admiravelmente a poesia do campo, e como que desafiando ao trabalho. Recordo-me de que foi em companhia de Manini, que pela primeira vez visitei essa exposição; parámos ambos encantados por aquella nobre figura de mulher representando o trabalho rural, que de entre a verdura de umas palmeiras se erguia sobre um pedestal simples, admiravelmente modeladas as fórmas robustas, o perfil grego, a bella cabeça emmoldurada no lenço tradicional; parecia uma gentil lavradeira do Minho ao voltar do trabalho n'um dia de julho. A physionomia graciosa e energica mostrando a confiança no seu braço, a mão direita segurando o cabo da enxada em que se apoia e na esquerda um mólho de espigas. Aos pés opulentos cachos de uvas, embellezam o pedestal, completando a allegoria. Levantada um pouco ao lado a sáia, de elegantes pregas, descobre um pedaço de perna sobre que a figura descansa n'uma soberba attitude.

Felicitei n'essa occasião Simões de Almeida por tão bello trabalho, manifestando-lhe a minha profunda admiração pelo seu grande talento, e o mestre, com a soberana modestia que caracterisa os verdadeiros homens de merito, commovido, respondeu-me — obrigado.

O *Gremio artistico,* por occasião da exposição de 1894, que Simões de Almeida honrou com a sua primorosa estatua — *A Superstição* —, conferiu ao mestre a medalha de honra, prestando assim o devido preito ao illustre artista querido e estimado por todos nós.

Os portuguezes do Rio de Janeiro mandaram-lhe d'ali uma medalha de oiro, exaltando os valiosos trabalhos com que n'aquelle paiz tem honrado a arte nacional.

É um trabalhador infatigavel e energico, e devêra ser filho de um paiz florescente em que a arte vivesse com desafogo; apesar da sua resistencia, o desanimo já o tem ferido, mas não vencido, nem o vencerá, por fortuna nossa.

Sob o seu aspecto severo occulta-se um fervor enthusiastico, assim como a bondade innata de uma alma de fina tempera. Cercada da affeição e do respeito, a sua figura, sobre o pedestal erguido pelo seu trabalho, será uma das que melhor ficarão representando a arte em Portugal no nosso tempo.

Junho de 1895.



J. V. SALGADO

José Velloso Salgado é um artista *hors ligne*, um pintor que promette dar brilho ao nome portuguez; o seu talento vae muito para alem dos talentos vulgares, e as largas aspirações do seu espirito superior hão de ser plenamente satisfeitas.

A fortuna sorri-lhe. Durante o curso não lhe faltaram recompensas a incital-o ao trabalho; na escola de bellas artes de París obteve mesmo um dos primeiros

premios pecuniarios. O *Salon* concedeu-lhe já a 3.ª e 2.ª medalhas, e a honra de o considerar *hors concours* como artista consagrado. Na ultima exposição universal de Anvers, obteve uma 2.ª medalha, outra em Munich; o *Gremio artistico de Lisboa* premiou o seu esplendido retrato de Braamcamp Freire com a 1.ª medalha em 1894 e o nosso governo, tão avaro geralmente de attenções para com os artistas, condecorou-o com o habito de S. Thiago.

Charles Yriarte, fazendo no *Figaro-Salon* a critica dos trabalhos expostos este anno em París, colloca Salgado no grupo dos primeiros retratistas francezes da actualidade.

É effectivamente ao retrato que mais se tem dedicado ultimamente; leva-o a essa preferencia o desejo de estudar fundamente a personalidade humana, para assim melhor comprehender as grandes figuras historicas a cujo caracter as linhas physionomicas podem dar o verdadeiro relevo.

A pintura historica, tão complexa, que exige para o artista que a tenta qualidades superiores e raras, e uma larga cultura de espirito, seduz o animo de Salgado, que na sua prova academica —*A morte de Catão*— revelou que tinha para se lhe dedicar com exito. Mas, a não forças ser que Salgado se conserve em París, preferindo ser considerado como um pintor francez, as suas aspirações grandiosas serão fatalmente abafadas pelas acanhadas circumstancias do paiz que escolheu para patria.

Velloso Salgado é de origem hespanhola, naturalisado portuguez; fez na escola de bellas artes de Lisboa os seus primeiros estudos artisticos com o professor Chaves, depois em París, pensionista do estado, foi na escola de bellas artes discipulo de Cabanel e de Delaunay. Esteve um anno na Italia, onde estudou especialmente os artistas primitivos. O seu grande quadro —*Jesus*—, foi executado em Florença durante esse periodo, e embora esta valiosa téla não tenha agra-

dado geralmente, revela profundo estudo e preciosas qualidades de sentimento.

Expoz pela primeira vez em París em 1889, em 1891 foi já distincta a sua exposição com o —*Amor e Psyche*— e o *Retrato* do —*Dr. Wenceslau de Lima*—, premiado com a terceira medalha. Em 1892 expoz: —*Jesus*—, o qual, como toda a obra que de algum modo se impõe, soffreu as investidas da critica, e um bello retrato do pintor francez —*Adrien Demont*—, que obteve a segunda medalha. Nas seguintes exposições tem confirmado a sua reputação com magnificos retratos, apresentando n'esta ultima o de —*Sua Magestade, a Rainha de Portugal, a senhora D. Amelia*—, a cavallo, e um bello retrato de —*Madame Demont-Breton*—, que tem recebido os maiores elogios da critica franceza, e está considerado como uma das melhores obras que este anno se encontram no *Salon* dos Campos Elysios.

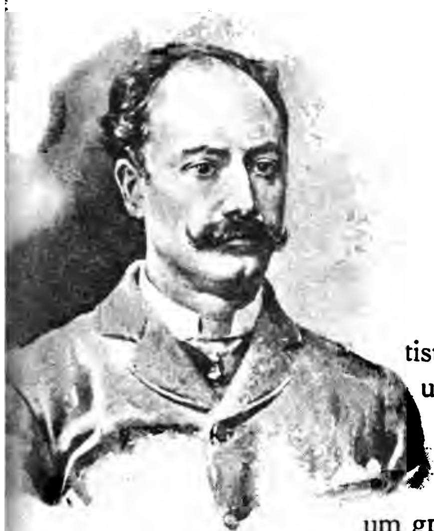
Ás exposições do nosso *Gremio artistico* tem enviado, alem dos principaes

quadros expostos em París, varios retratos, uma valiosa collecção de cabeças de estudo, algumas de extraordinario valor, e varias paisagens, bastante originaes phantasistas mesmo, como —*Noir et Rose*—, exposta em 1893, bellas de emoção como —*Noite de Leça* —, que fez parte da exposição do corrente anno.

É curta a biographia artistica de Salgado, mas bem importante se attendermos aos seus poucos annos, e dá-nos a consoladora esperança de que elle será um dos que hão de continuar gloriosamente o impulso para a arte que nos ultimos annos se tem desenvolvido em Portugal, onde o sentimento artistico por tanto tempo amortecido parecia não mais reviver, apesar da sua gloriosa expansão em todos os paizes cultos.



Junho de 1895.



R. HOGAN

Não era um artista de profissão, mas um amador distinctissimo, e a morte, roubando-o tão cedo ainda, deixou um grande pezar entre os seus amigos e admiradores, que eram muitos.

Conheci Ricardo Hogan em 1883, n'uns agradaveis serões, organisados em Lisboa e dedicados á aguarella. Alli, artistas e amadores, alcançavamos a pratica do *métier,* estreitavamos relações e

adquiriamos amigos inolvidaveis. Era um d'elles Hogan, que possuia uma nobreza de caracter sem igual e um talento pouco vulgar de artista. Affavel, generoso e dedicado, grangeou em pouco tempo o respeito e sympathia de todos os que o tratavam de perto. Muito trabalhador, sentia a ancia do incessante aperfeiçoamento; conseguiu ser por mais de uma vez inexcedivel na frescura e *coquetterie*. dos seus trabalhos.

Nascido em Lisboa, recebeu na Inglaterra uma esmerada educação, trazendo já d'ahi o gosto pela aguarella. Estudando depois com Casanova, adquiriu a delicadeza que admiravamos nas suas ultimas obras.

Vi aguarellas suas deliciosas, e algumas possuo até de bastante merito. Apaixonado pelos costumes do seculo XVIII e pelas *coquettes* elegancias do directorio, fazia saltar do papel, com uma graça requintada, os tons das velhas sedas e os setins luminosos das casacas dos seus *antiquarios*, os reflexos brilhantes do ver-

niz dos sapatos afivellados, e as cabelleiras empoadas dos seus *galans*. *Merveilleuses,* cheias de perfume, requebravam-se nas suas gazes vaporosas.

Fortuny era a sua paixão, Kaemmerer o seu enlevo. Sabia dar vida aos *incroyables,* que ostentavam ridiculamente os seus grandes chapéus, as colossaes gravatas *écronéliques* e as grossas bengalas *plombées*.

Trabalhou sem descanço, sempre com a mesma febre, sempre com esperança no futuro, que lhe foi falso e cruel.

Hogan gosava da consideração dos nossos melhores artistas, e d'elle ouvimos fallar com calor a Malhôa e lisonjeiramente a Columbano, que é justo no seu juizo, e pouco dado a tecer elogios a quem os não merece.

Casanova tinha uma especial predilecção por este seu discipulo, e orgulhava-se d'elle.

A sua casa era um encanto, um verdadeiro ninho de artista; alli íamos encontral-o abrigado por um biombo japo-

nez, sempre occupado com o pincel. Era sorrindo que nos recebia e nos apertava a mão.

São muitos os trabalhos do mallogrado aguarellista, sempre festivamente acolhido em todas as exposições a que concorria, entre nós, onde era muito apreciado pelos amadores de aguarellas, e em Madrid, onde os seus trabalhos obtiveram um grande exito.

Hogan era incansavel, e o seu desejo de tornar mais conhecida e apreciada a aguarella em Portugal levou-o, de accordo com Casanova e outros amigos, á idéa de crear em Lisboa uma sociedade de aguarellistas, como existe em França e na Hespanha. Preparava com grande enthusiasmo a primeira exposição de aguarellas, que devia realisar-se na livraria Gomes, quando uma doença pertinaz e cruel veiu acommettel-o. Nem os cuidados da familia nem a dedicação dos amigos poderam salval-o, a morte empolgou-o na plena exuberancia da vida.

Seguiu-o um longo cortejo de saudades, e em volta da sua memoria ergueu-se um altar de affectuosas sympathias, que a acompanharão sempre emquanto existirem aquelles que poderam apreciar a par do seu talento de artista as suas bellas qualidades de homem.

Setembro de 1891.



II

NOTAS E IMPRESSÕES

A PINTURA MILITAR

Ao meu coronel e amigo
Julio Augusto de Oliveira Pires

A guerra, esse grande flagello assolador dos povos, que tão combatido é pelos sectarios do levantado e santo ideal da fraternidade, não póde ser banida da face da terra emquanto os homens forem constituidos tal qual são. Minorar os seus males, acabar com as grandes devastações e represalias, é quanto póde caber nas aspirações dos humanitarios, porque a lucta é instinctiva no homem e a guerra começou logo que se organisaram as mais rudimentares sociedades. Mas no meio das agruras, das calamitosas desgraças que ella traz comsigo, ha uma grandiosa

e sublime poesia, nascida dos mais nobres sentimentos moraes: o dever, o patriotismo, a honra, a abnegação e a coragem. Quem póde, por exemplo, olhar para a bella composição de Eduardo Detaille — *Saída da guarnição de Huningue* — sem que lhe estremeça no coração a ultima fibra? Nos olhos dos que sentem surge uma lagrima de commoção e de enthusiasmo por esse punhado de valentes que marcham mutilados, desordenados e arrogantes, por entre as fileiras respeitosas dos seus generosos vencedores! Mas para isso é necessario comprehender-se o valor da disciplina, sentir-se no peito o orgulho de classe, e olhar para o soldado como para um symbolo augusto e sagrado, comprehender que n'um boçal e simples typo de caserna póde estar um heroe ignorado, para quem a patria quasi sempre tem uma paga de ingratidão.

É o desinteresse, é a singeleza da vida militar, são as virtudes civicas que d'ella dimanam que nos fazem venerar o exercito e consideral-o o primeiro represen-

tante da nação, apesar da opinião, por vezes facciosa, de alguns escriptores abalisados que lhe são adversos. Memorar pela poesia, pela pintura e pela esculptura os grandes heroismos do soldado, encarnal-os, dar-lhe a fórma artistica e superior que faz perpetuarem-se as tradições através dos seculos, engrandecendo e arreigando em as novas gerações o amor pela gloria e pelo querido torrão patrio, é idéa que occupa o primeiro logar no cerebro das nações vivas, que, como a França, a Hespanha, a Italia e a Allemanha sabem qual o papel que têem a desempenhar na communhão social. É verdade que a critica tem por vezes severidades e desdens crueis para com as obras de arte que se inspiram em assumptos guerreiros, mas o *grande critico*, o povo, acolhe sempre com enthusiasmo essas preciosas manifestações que lhe fallam á alma, rude, mas impregnada da simples e verdadeira poesia, e as suas ovações fazem calar a minoria effeminada e piegas.

Apesar de quẽ nunca como na actualidade se maldisse a guerra, nunca as forças armadas attingiram tão espantoso poder, poder que se mantem, pavorosa ameaça, sobre a Europa toda, como nuvem condensadora da mais horrivel das tempestades. Nunca assim o receio da guerra tremenda assoberbou as nações. Os philosophos bradam contra os exercitos, que absorvem as forças vivas dos povos, mas a educação e elevação do soldado preoccupa constantemente aquelles que os governam. D'esta preoccupação guerreira resulta que os proprios artistas pensam, como nunca, no soldado, e a pintura militar tomou um desenvolvimento extraordinario.

A Allemanha, que já possuia a — *Carga de cavallaria de Floing,* — e outros trabalhos de Eugenio Adam, as télas em que Werner celebrava as campanhas do primeiro Frederico, e mais alguns pintores militares de merito, apresenta-nos na actualidade varios outros, que embóra não attinjam as culminancias da arte, se

distinguem por obras de valor, como o —*Gravelotte,*— de Ernesto Crofts, a —*Capitulação de Sedan,*— de Bleibtzen, e alguns quadros de Koch, como —*A bandeira dos Wandebourguezes em Vionville*—.

A Italia celebra as suas passadas. luctas, preparando-se para as do porvir, e uma pleiade de artistas surgiu celebrando os fastos patrioticos: Grimaldi enaltece as infelizes campanhas do exercito piemontez, Induno pinta a sua celebrada —*Partida dos recrutados em 1866,*— e muitos outros, como Fattori, Bertolini, Rossi-Scotti, Cerutti, occupam-se quasi exclusivamente de assumptos militares.

Na Russia, esse estranho e grande paiz, em que os ultimos extremos da civilisação se tocam, cuja influencia no futuro da Europa será, talvez, suprema; n'esse imperio onde vamos admirar um autocrata soberbo, que paira sobre a multidão dos povos agglomerados, com um ar de serena a grandiosa magestade,

e onde vive o mais estranho philosopho d'este fim de seculo, aquelle singular Tolstoï, apostolo de um evangelho que parece novo, mas é velho como velhas são as queixas da humanidade opprimida, n'esse estranho paiz vamos tambem encontrar um originalissimo pintor militar, Basilio Vereschaguim, a quem a guerra turco-russa e as campanhas da Asia inspiraram bem formosas télas. Um dos seus quadros, — *O festim dos corvos* —, poderia illustrar dignamente uma pagina de Tolstoï, o mystico philosopho.

Onde a pintura militar tem florescido com maior desenvolvimento é na França. Já no seculo XVII Callot celebrava as campanhas de Luiz XIII, mas a parte mais bella da sua obra é a larga serie de gravuras em que elle representa as *miserias da guerra,* começando no alistamento de vadios, descrevendo as luctas, a pilhagem, as malfeitorias, e os castigos dos bandidos que infestavam as mercenarias tropas. No reinado de Luiz XIV, Lebrun, o flamengo Van der Meulen e o

Martin das Batalhas exaltaram em numerosas télas as victorias do *rei sol*. Jacques Courtois, o *Borguignon*, inspirado na escola de Salvador Rosa, pintou pelo mesmo tempo imaginarias batalhas, e seu discipulo José Parrocel, que *nunca em sua vida assistiu á mais pequena refrega*, pintava tambem no atelier medonhas e endiabradas pelejas, entoando canticos inspirados das escripturas sagradas, e que elle mesmo compunha.

No seculo XVIII Carlos Parrocel, filho de José, pintava tambem batalhas, mas batalhas de uma suavidade á Watteau, onde se não viam mortos nem feridos, e Casanova e Pierre Lenfant continuaram com applauso a celebrar na téla as victorias do seu tempo. O mais curioso, o mais seculo XVIII d'estes pintores de batalhas é Blarembergue, um flamengo, que de 1770 a 1790, pintou a guacho uma collecção de miniaturas, em que figuram os mais bellos feitos de armas dos reinados de Luiz XV e Luiz XVI.

11

A revolução tambem teve os seus pintores militares, Duplessi Bertaux, gravador de talento, que muitos comparam a Callot e Swebach, e que depois foi mais um pregoeiro das glorias de Napoleão, distinguiu-se n'esse tempo. A verdadeira pintura militar moderna começa, porém, com a escola de David. —*A distribuição das aguias*—, d'este epico pintor, assim como a grandiosa —*Batalha de Eylau*—, de Gros, são dignas da soberba epopêa napoleonica, e uma das mais bellas pinturas que assumptos guerreiros têem inspirado. Era um classico David, antes de Napoleão pintou os —*Horacios*—, —*Bruto*—, as —*Sabinas*—; os seus soldados francezes têem uns ares de romanos, mas a sua maneira grandiosa era a mais bella para representar a lenda do imperio, de que Gros nos representou o drama. Dos discipulos de David distinguem-se Gérard com a sua —*Batalha de Austerlitz*—, Girodet com a —*Revolta do Cairo*—, e Carlos Vernet com os seus espirituosos typos militares.

Gros teve uma brilhante serie de discipulos, como: Bellangé, Charlet, Couture, Paulo Delaroche, Raffet, Robert-Fleury e o illustre Eugenio Delacroix. Inspirados ambos nas tradições classicas, os dois grandes pintores do imperio, differiam profundamente; se Gros, levado pelo seu fogoso temperamento, foi, sem o pensar, um chefe da escola romantica, David, pelo seu rigoroso desenho e exacta observação, era talvez o primeiro mestre de outra moderna escola.

Entre os discipulos de Gros, Charlet, Raffet e Bellangé dedicaram-se, os dois primeiros pela gravura, e o ultimo pela pintura, a memorar, sob todos os aspectos, os lendarios soldados de Napoleão. Alguns dos quadros de Bellangé adquiriram bastante celebridade; em 1834, —*Napoleão voltando da ilha de Elba*—, deu-lhe a Legião de Honra; mas é considerado como o seu melhor trabalho o que pintou nos ultimos dias da sua vida —*A guarda morre*—! Charlet foi popularissimo, as suas lithographias e aguarellas,

tratando quasi sempre dos soldados e dos veteranos do imperio, ainda hoje têem bons admiradores. Tambem pintou alguns quadros, sendo o mais notavel a —*Retirada da Russia*—.

Raffet, não obstante occupar-se quasi exclusivamente da gravura, é hoje considerado um dos melhores pintores militares da França, tão maravilhosamente os seus desenhos cantam o poema guerreiro do imperio; foi o successor de Charlet. Que esplendida composição a sua —*Revista nocturna*—.

C'est la grande revue
Qu'aux Champs-Elysées
A l'heure de minuit
Tient César décédé.

—*O despertar*—, é não menos admiravel. Estes dois trabalhos bastariam para immortalisar o seu nome.

Horacio Vernet tambem se tornou celebre na primeira metade d'este seculo. Os seus soldados não têem a grandeza epica dos guerreiros de Gros, mas têem

movimento e vida, e no seu tempo este pintor gosou de grande popularidade.

Um dos maiores artistas modernos se occupou tambem de Napoleão e das suas glorias. Quem não conhece os admiraveis quadros de Meissonnier, —*A retirada da Russia* —, — *1814* —, — *Friendland* —, — *Solferino* —, — *O retrato do sargento* —? Messonnier foi tambem um grande mestre, e bastaria para engrandecel-o o ter sabido formar discipulos como Detaille.

Antes da guerra de 1870 mais alguns pintores militares apresentaram obras dignas de menção; mas a chegada do *anno terrivel* veiu dar um extraordinario impulso á pintura militar na França. Os artistas fizeram-se soldados, Henri Regnault, joven e enthusiasta, foi prostrado pelas balas allemãs, Falguière entretinha os ocios de campanha esculpindo em neve um grupo da —*Resistencia*— e Moulin com o mesmo material modelava a estatua da—*Republica*—. Na setima companhia do 19.º batalhão serviam Brion, Français,

Glaise, Filippoteaux, Toulmouche, Chappu, Delaplanche, Leroux, etc. Era atirador do Sena, Berne-Bellecour, Armand Dumaresq, capitão ajudante do batalhão de moveis de Yvonne, Meissonnier tenente coronel do estado maior na guarda nacional e Neuville e Detaille, officiaes ás ordens dos generaes do exercito de París.

Póde avaliar-se a impressão que sobre o espirito d'estes artistas produziriam os tragicos espectaculos de que aquella desastrosa guerra os fez testemunhas. A todos inspirou sentidas obras que hão de ficar como monumento patriotico de uma geração; alguns encontraram ali uma vocação decisiva, e depois da guerra só se occuparam da pintura militar.

De todos estes artistas o que mais intensamente soube exprimir a emoção dolorosa que na alma da França deixou aquella tremenda lucta, foi Affonso de Neuville. É com estranha e apaixonada violencia que elle representa a pungente impressão que no seu intimo deixaram as scenas da guerra. — O *Bourget*—, — O

cemiterio de St. Privat—, —*O ataque de Villersexel*—, —*Os ultimos cartuchos*—, —*O portador de despachos*— são capitulos de um drama que nunca poderá ser lido sem commoção.

Neuville pintou os desastres da França, aureolando-os com a bravura dos francezes, e o seu nome será sempre querido na sua patria.

Um escriptor francez diz que se Neuville foi o pintor dos desastres, Detaille é o pintor da esperança; um representou o exercito esmagado, outro representa nos seus bellos quadros o exercito renascente. —O *Rêve*— e a —*Saída da guarnição de Huningue*— são talvez as mais emocionantes das suas obras. Do ultimo disse Charles Yriarte: «Nous inaugurons le Salon de 1892 en présentant au lecteur une œuvre de M. Detaille, d'un caractère si patriotique et d'une telle tenue, qu'elle réunira à la fois tous les suffrages; les artistes en admireront la conception, la composition et la facture, ceux auxquels échappent ces qualités, qui ne voient que

le but, l'intention et les caractères des types et la pensée qu'elle exprime, sentiront battre leur cœur au souvenir des grandes journées qu'elle évoque.»

A grande publicação *L'Armée française,* illustrada por Detaille, é tambem uma immortal obra do illustre auctor das —*Victimas do dever*—, de —*Em bateria*—, dos —*Vencedores*—, da —*Saudação aos feridos*—, de —*Bonaparte no Egypto*— e de tantas outras admiraveis télas.

No Salon de 1895 expoz Detaille —*O principe de Galles* e *O duque de Connaugt nas manobras*—, acompanha-os o seu estado maior, e este quadro, a que serve de fundo o campo de manobras de Aldershot onde Higlanders de fardas vermelhas avançam, é alem de um importante retrato historico uma bella pagina de pintura militar.

Se póde considerar-se Detaille como o melhor pintor militar da actualidade, muitos outros possue a França que se distinguem n'este genero, como: Berne-Belle-

cour, que se lhe dedicou depois da guerra, obtendo uma medalha com o seu primeiro quadro militar — *Um tiro de peça* —, Aimé Morot com as suas bellas cargas de cavallaria, — *Rezonville* — e a — *Batalha de Reischoffen* —, pintada para a sala de honra do 3.º de couraceiros; Dufnay que já antes da guerra expozera o seu — *Couraceiro* —; Bertrand que tem um quadro commovente — *Patria* —; Grolleron, que pintou um emocionante — *Comboio de feridos* —; Couturier, Jazet, Sergent, que descreve os numerosos episodios da guerra de 1870 por elle observados, e outros.

O grande abalo produzido pela guerra franco-prussiana vae serenando, uma nova geração de artistas começa a surgir, a França ergue-se das ruinas mais bella e mais forte e a confiança no futuro renasceu; todavia a ferida ainda lhe sangra e a guerra paira como uma atroz ameaça sobre as nações. *Ai dos vencidos!* Os que colheram os louros não podem descansar sobre elles, e os que só obtiveram a

palma do martyrio anceiam transformal-a na palma da victoria. O exercito francez renasceu dos desastres, o serviço obrigatorio torna familiares a todos as intimas particularidades da vida militar, e esse exercito é hoje mais que nunca a alma da nação.

Escriptores de todas as categorias occupam-se de assumptos guerreiros, desde os pequenos contos heroicos ou picarescos que pullulam por todas as publicações francezas, das memorias evocadas pelos contemporaneos das guerras gloriosas, até aos vibrantes *Récits de guerre,* de Halévi, até essa pungente descripção das miserias que conduziram á catastrophe de Sedan, que Zola faz na *Débâcle.* Os pintores militares augmentam tambem de numero; uns occupam-se das glorias ou dos desastres do passado, outros pensam no presente, pintando episodios de quartel, alguns espirituosos como a — *Toilette dos reservistas —,* de Aublet, ou preoccupam-se do futuro, como Roll no seu bello quadro — *Marcha de frente* —.

Em todas as exposições do *Salon* se encontram numerosos quadros militares; na de 1892, alem do grande quadro de Detaille, que recorda a admiravel resistencia da guarnição de Huningue, viam-se ainda entre outros —*O acampamento francez em Veneza*—, de Clairin, a — *Tarde de batalha*—, de Gardet, a —*A surpreza*—, de Grolleron, —*A volta do regimento*—, de Blant, —*Viva a França!*— de Moreau de Tours, —*Apresentação do estandarte aos recrutas*—, de Loustanneau. Em 1893 os —*Irmãos de armas* —, de Grolleron, a —*Bandeira*—, de Bloch, a —*Partida do recruta*—, de Moreau de Tours. Começam tambem a dominar as recordações do imperio: um pinta a —*Retirada de Moscou*—, outro os — *Granadeiros de Essling*—. Sergent apresenta —*Kleber no assalto de S. João d'Acre*—; em 1894 encontra-se por toda a parte Napoleão. No *Egypto*, em *Wagram*, *No monte de S. Bernardo*, em *Tilsitt*, na *Ceia de Beaucaire*. Jean Paul Laurens apresenta-o arrogante no seu quadro — *O papa e*

o Imperador —; Boutigny, commovido, junto do moribundo —*Lannes em Essling*—; outro quadro tambem inspirado nas tradições do imperio apresenta a — *Musica em Iena*—, Grolleron recorda, porém, n'esse *Salon* memorias mais recentes em o heroico episodio do —*Sargento Tanviray*—; em 1895 ainda vamos encontrar Napoleão irritado com os —*Revoltosos de Pavia*—; uma bella composição de Boutigny; Orange mostra-nos — *Bonaparte no Egypto* —, pensativo ante a mumia de algum Pharaó; Cain recorda as suas primeiras glorias no — *Boletim da victoria do exercito de Italia*—; Chartier a epica figura de —*Murat em Iena*—.

Vê-se que a França, a primeira das nações da Europa pelo espirito, é tambem o paiz do enthusiasmo guerreiro; ali o sonho das glorias do passado confunde-se com o sonho de esperanças do futuro, e a pintura militar, exprimindo uma das grandes idéas dominantes, occupa na arte franceza um logar superior.

Na vizinha Hespanha, fidalgo paiz tão cheio de heroicas glorias, que a engrandecem desde os mais remotos tempos, a celebração dos feitos de armas pela pintura não é nova; para não fallarmos senão dos mais illustres, recordaremos a —*Rendição de Breda*— e —*As lanças*—, de Velasquez, e algumas famosas télas de Goya. Entre os artistas hespanhoes d'este seculo o grande Fortuny, Casado, Castellanos, Palmarolli, Sanz, Esteban e outros se occuparam mais ou menos de assumptos militares, e dos nossos contemporaneos, que têem cultivado particularmente este genero, apontam-se distinctamente Ricardo Balaca, Marcellino Unceta e José Cusachs.

De Balaca devem citar-se entre outros quadros, a —*Carga de cavallaria na batalha de Tetuan*—, —*A revista militar*—, —*A batalha das Navas de Tolosa*—, —*Uma avançada de cavallaria*—; de Unceta a sua bella composição, —*Nos campos de Gráa*—. De Cusachs possuia El-Rei D. Luiz dois quadrosi-

nhos, — *Manobras de cavallaria* — e — *Manobras de infanteria*. Cusachs pinta habitualmente pequenas télas, e entre outras de verdadeiro merecimento apontam-se — *Affonso XII e o seu estado maior* —, propriedade da rainha regente de Hespanha. — *O Bivaque* —, — *Bateria de montanha* —, — *Embarque de recrutas* —, — *Tarragona* —.

Para perpetuar a memoria de Cusachs bastariam as illustrações da *Vida militar em Hespanha,* que este artista, official do exercito hespanhol, tendo tomado parte activa nas guerras de partidos que por tantos annos agitaram a Hespanha, conhece intimamente. Divide-se o livro em duas partes, *Vida de guarnição* e *Vida de campanha,* e em ambas ellas, composições, figuras isoladas, desenhos soltos, são de tão elevado merito, que bastam para fazer considerar o seu auctor como o primeiro pintor militar da Hespanha contemporanea.

Terminaremos esta rapida exposição affirmando que a pintura militar tem uma

missão elevadissima. Perpetuar a lembrança dos feitos heroicos representando-os na téla é uma grande maneira de conservar vivas as tradições patrioticas de um povo. Tornar conhecidos os deveres do soldado, fazer valer pelos episodios guerreiros os grandes heroismos obscuros, que se perdem nos campos de batalha, leva o espirito publico a identificar-se com o exercito, e o cumprimento dos deveres militares tornar-se-ha menos repugnante, porque estes serão melhor comprehendidos.

As nações que devéras se interessam por esse poderoso organismo, em volta do qual se agrupam todos os elementos da sua existencia, occupam-se por todos os modos em levantar o nivel moral e intellectual do soldado. Cada regimento tem a sua historia, padrão de honra ao qual cada novo recruta deseja juntar mais uma pedra. A tradição das nobres acções passadas é promessa de futuros feitos. A pintura militar, celebrando os heroismos gloriosos, ou recordando os

trabalhos nobremente soffridos pela patria, é um elemento de educação que os grandes paizes aproveitam.

Aquelles que olham com desdem para a pintura militar devem comprehender que historica e patrioticamente ella occupa um eminente logar na grande arte.

Junho de 1895.

A GALERIA DE S. LAZARO

A Luiz Trigueiros

Deve recordar-se, meu caro amigo, das circumstancias que motivaram a minha ultima visita ao Porto; não eram agradaveis, bem sabe, e a primeira noite que alli passei, no isolamento do hotel, mau grado meu o aborrecimento e uma surda irritação dominavam-me; procurei distrair-me lendo as *Cartas de soror Marianna,* a ardente freirinha do convento da Conceição de Beja, e a leitura varreu-me n'um prompto da imaginação os cuidados e todas as incommodativas idéas.

Como me recordei do velho convento, com a sua fachada manuelina, e dos doces

e appetitosos *morgados,* que, nas minhas visitas á grade; me offerecia a madre Felizarda, uma freira já a esse tempo madura, de buço carregado e olhos negros, que certamente nas suas verduras não desgostaria de trocar o amor mystico de Santa Thereza pelos audaciosos transportes de algum garboso official do 17 de linha.

Eram bem bons tempos esses, os da minha primeira mocidade! Por alli me ficaram presas as mais gratas recordações da minha vida. Bella gente, a do Alemtejo! Rude e franca, isenta de todo o servilismo no trato, altiva e generosa, desprezando preconceitos e formulas, e deixando-se arrastar pelo coração. Bem boa gente! Tenho até saududes da aridez d'aquelles descampados bravios, do ar picante, impregnado do cheiro da esteva, das vastas superficies ondulantes dos trigaes maduros e d'aquelle céu quente de um vibrante azul, que o vôo da cegonha corta. Bem boa gente a do Alemtejo.

Adormeci sonhando deliciosamente; quando accordei, manhã alta, resolvi continuar distraindo-me e, procurando o convivio da arte, fui até á galeria de S. Lazaro.

Silva Porto tinha-me apresentado a galeria como um symbolo do desprezo que em nosso paiz os poderes publicos têem pelas cousas de arte, eu, porém, não a imaginava, ainda assim, n'um estado tão desprezivel. Sob a aboboda humida, ao longo de um corredor musgoso accumulam-se tumultuariamente as télas. Ao centro, em fileira, as estatuas, os bustos e o chapéu armado do Imperador. A luz vem de umas janellas lateraes, engradadas, roubando todo o effeito ás bellas obras que alli se guardam. E é lá que temos de ir admirar o —*Desterrado*—, a obra prima de Soares dos Reis, o mais genial pedaço de marmore que cinzel portuguez esculpiu! A memoria do glorioso suicida deve ser adorada pelos seus patricios, e o —*Desterrado*— merecia aos portuenses a veneração de um mais condigno

templo. É para a cidade um padrão de gloria, que nunca deve deixar saír dos seus muros. O Porto tem bellas tradições heroicas, que fazem o seu orgulho, mas a honra de ter sido a patria d'aquelle grande artista deve acima de tudo orgulhal-o.

Que sublimidade de genio e de sentimento são necessarios para se concentrar n'um bloco de marmore uma tão profunda expressão de dolorosa saudade! Oh! grande artista, é o filho de um soldado do Mindello, que bastantes annos chorou longe da patria, e que dentro dos muros da tua cidade natal cem vezes arriscou a vida em defeza da liberdade, que de joelhos sauda a tua memoria!

Soares dos Reis tem alli alguns outros magnificos trabalhos como os esbocetos das estatuas de —*S. José*— e de —*S. Joaquim*—, e o da estatua monumental do benemerito —*Conde de Ferreira*—, mas confrange o coração ver taes joias encerradas n'um tão medonho casebre. Pobre paiz que em tão pouca consideração tem o sentimento da arte!

Dos modernos esculptores, Teixeira Lopes, ainda estudando em París, revela-se-nos alli como um notavel talento. Lá vimos a sua — *Ophelia* —, a suave louca, em cujo olhar desvairado brilha ainda a chamma de um innocente e mal comprehendido amor. A — *Infancia de Caím* — é tambem um formoso trabalho; a desconfiada e sombria expressão da juvenil cabeça evoca já a idéa do futuro criminoso, que Victor Hugo nos descreve pavído, fugindo ao remorso.

....

Puis il descendit seul sous cette voûte sombre;
Quand il se fut assis sur sa chaise dans l'ombre
Et qu'on eut sur son front fermé le souterrain
L'œil était dans la tombe et regardait Caïn.

A galeria possue bastantes quadros antigos, modernos distinguem-se os dos notaveis discipulos da academia portuense Pousão, Silva Porto, Sousa Pinto e Marques de Oliveira.

Pousão, tão cedo roubado pela morte, que nem tempo deu a que lhe desabro-

chasse o talento, seria um brilhante artista. É com pezar que se vêem as bellas promessas de futuro que offereciam os seus originaes e as copias que tambem deixou de Vernier e de Manani. A d'este ultimo representa uma tempestade, com grande riqueza de colorido e comprehensão de verdade. O céu é plumbeo, o vendaval sente-se, sentem-se as violentas rajadas que fazem estalar o arvoredo. Como que instinctivamente segue-se uma figura que, á direita, parece fugir ao raio.

Os originaes de Pousão são ricos de colorido, as suas atmospheras de um vivo *ultramar,* por vezes crú, fizeram-me lembrar Benjamim Constant. N'um d'esses quadros, o céu ardente, o esbranquiçado dos muros, as grandes piteiras, e as bellas mulheres respirando sobre os eirados a viração da tarde, trazem á idéa a descripção que Loti nos faz do paiz dos crentes, aonde se invoca Allah. É delicioso um outro quadro de Pousão, em que um rapaz italiano, no *atelier* do pintor, sentado no seu banco

de trabalho, tentou um primeiro ensaio artistico, e nos mostra um boneco de uma ingenuidade infantil. De Pousão ha tambem em S. Lazaro aguarellas de uma frescura e graça singulares.

Aqui vi pela primeira vez alguns dos primitivos trabalhos de Silva Porto. Os que conhecem as ultimas télas do nosso grande paisagista quasi lhes custa a crer a transformação que elle imprimiu á sua maneira. Correcto sempre no desenho, Silva Porto, não se satisfazia ao principio com a impressão incisiva que nos dá a observação da natureza, procurava e detalhava com minuciosidade, tornando mais duros os contornos e menos exactos os valores. As suas —*Ruinas*— ainda assim indicam já as qualidades do artista na maneira por que a luz é diffundida e na justeza de côr dos pinheiraes. Os seguintes quadros, influenciados pela escola franceza, revelam com precisão o talento de Silva Porto. —*A ceifa* — é admiravel de tons. Entre as messes douradas agitam-se as ceifeiras; no primeiro plano, dão uma

nota viva as manchas sanguineas das papoulas, e no céu, muito de longe, accumulam-se umas nuvens, prenuncios de trovoada. Muito bem feita a sua —*Paisagem de Anvers*—. O céu é pardacento e a atmosphera tem a fria humidade do norte. —*As lavadeiras*— que occupam o primeiro plano de uma outra téla, são um detalhe primoroso na vasta paisagem, ainda de um acabamento pertinaz, mas de magnifica execução. É dos seus primeiros trabalhos, o que mais me agrada, pelo estudo dos planos, escolha do assumpto, suavidade dos longes e transparencia das aguas.

Ha ainda uma praia, onde estão uns barcos e rêdes estendidas, erguendo-se sobranceiro um pequeno forte sobre as penedias. Como é singelo e attrahente aquelle bocadinho do nosso formoso littoral. Tambem aqui tem uma figurinha interessante a — *Pequena italiana* — que deplora o cantaro partido.

Recorda-se meu caro Luiz d'aquella robusta lavradeira que guiava o carro de milho, e de como Silva Porto a fez viver

na téla? Pois nos começos da sua carreira artistica elle já mostrava que devia ser o que hoje é.

O primeiro trabalho de Sousa Pinto com que deparei foi a sua copia da —*Nayade*— de Henner, que é deliciosa. De Chaplin, que foi um delicado retratista de mulheres finas, tambem Sousa Pinto tem uma copia, que embora tenha qualidades, me agrada muito menos do que a de Henner. Entre os seus originaes notei uma cabeça de estudo, physionomia expressiva e sympathica de boa velhota e as grandes télas —*Ismael e Agar*— e —*Depois da tempestade*— que foi exposta em París em 1884 e é muito superior á primeira, que julgo ser alguma das provas academicas de Sousa Pinto. A figura da abandonada escrava de Abrahão ergue-se sobre um arido e desolado outeiro e tem uma grande expressão de dôr, mas não me agrada o *nu* de Ismael que se recorta duramente sobre a areia do deserto, onde ainda vejetam asperas e raras moitas de juncos.

—*Depois da tempestade*— é já um trabalho de merito, que mostra o muito talento de Sousa Pinto. Uma velha, gorda e frescalhota, contempla com afflictiva resignação os destroços do temporal. Um raio fendeu de meio a meio a sua melhor macieira, e lá estão caídos pelo chão os rosados pomos. Que baixa de cidra não haverá na adega! E o seu homem, o seu bom companheiro, que tanta festa faz ás espumantes canecas, como ficará triste! O fundo da paisagem perde-se muito ao longe, para a direita; raras arvores e uma carroça desatrellada; na terra vêem-se ainda os sulcos do arado. Admira-se ante este quadro o artista e ao mesmo tempo a ardileza com que nos sabe enfeitiçar.

Concluo por Marques de Oliveira, que possue dotes e saber de um notavel pintor. Citarei apenas uma das suas télas —*Céphalo e Prochris.* Representa o apaixonado rei da Thessalia quando depois de ter involuntariamente morto na caça a adorada e formosa esposa se dá a si proprio a morte. É uma bella composi-

ção, bom o desenho e magnificas as attitudes. O colorido, fraco mas harmonioso, seria bem apropriado á pintura decorativa.

A maneira porque vi tratadas tão apreciaveis obras de arte, fez com que da minha visita a S. Lazaro me ficasse uma impressão triste; para fugir-lhe fui, Boa Vista acima, até á feira de S. Miguel. Estava alegre e ruidosa de movimento popular, mas esse movimento em vez de me distrahir fatigava-me, e voltei até á ponte sobre o Douro, onde, vendo lá em baixo as aguas barrentas do rio fugir arrastadas pela rapidez da corrente, me esqueci por largo tempo.

Oh a natureza e a arte, as grandes fontes de onde jorram para as nossas almas cançadas caudaes de emoções consoladoras!...

Porto, 21 de outubro de 1891.

A SEGUNDA EXPOSIÇÃO

DO

GREMIO ARTISTICO

I

Este anno, na minha qualidade de socio do *Gremio Artistico,* tive o prazer de assistir á abertura da sua segunda exposição, e o caso é que me encantou, não só a disposição magnifica das obras, mas, sobretudo, o progresso notavel que apresentam os nossos artistas.

A concorrencia era enorme, explendidas as *toilettes,* e formosissimas muitas das damas que as ostentavam, deliciosa a musica que nos deu o maestro Gaspar; mas, talvez por suggestão do magro thesouro nacional, o favor publico não tem correspondido ao grande esforço dos ar-

tistas. *Nem só de pão vive o homem,* mas tambem é certo que não vive só de ideal, uma vez que essa bella essencia, que se chama a alma, está encerrada na pobre e fragil urna do corpo.

Ha quem supponha que só nos paizes em que é rica a realeza e forte a aristocracia as artes podem florescer; e citam-se a proposito a côrte de Francisco I, a grande epocha de Luiz XIV e as delicias do Trianon; mas vê-se pela historia da arte que em qualquer sociedade democratica ou aristocratica ella póde desenvolver-se igualmente; depende apenas de uma educação geral bem dirigida, que encaminhe as idéas para o gosto do bello, da prosperidade publica, do engrandecimento material e moral de todas as cousas e de uma nobre comprehensão do trabalho.

No fim do seculo XIV já os flamengos davam lições de fino gosto, e Liège era um grande centro de actividade industrial e intellectual. Haverão poucos paizes na Europa onde como ali, ao abrigo

de instituições verdadeiramente democraticas, reinasse, a par da riqueza e do gosto, maior ordem e justiça. As artes lá floresciam representadas pelos monumentos religiosos e pelos trabalhos de illuminura, de cinzeladura, esculptura e ourivesaria. O que nos falta a nós, pobre nação desmantelada, é, alem do amor pelo trabalho que gera a riqueza, o estudo proficuo e o criterio artistico. Fazemos depender tudo das altas regiões, sem nos lembrarmos de que um edificio elevado e aereo tem a sua solidez nas columnas que o sustentam. Faltando-nos iniciativa para tudo, exigimos que a tenham aquelles a quem só devia ser exigido o auxiliar-nos. Apenas sabemos fazer alguma cousa por imitação ou por vaidade; portanto, se Suas Magestades compram quadros, o burguez faz o mesmo, mas não porque lhe importe a pintura; tornou-se moda. Se Suas Magestades os não comprarem ou faltarem nas exposições, ninguem mais os compra nem ninguem lá vae.

Os governos, pela sua parte, preferem fazer eleições a occupar-se da arte. De que serve a arte á beira da bancarrota? Que o diga o ex-director geral, que andou esbaforido para obter o adiamento da sua exposição internacional com um pomposo programma e uns 5 contos hypotheticos, que deviam fazer a fortuna dos artistas.

Mas como não é possivel endireitar o mundo, vou ao menos apresentar aos meus leitores as obras de arte que na exposição me pareceram mais dignas de mencionar-se.

A de maior vulto, e que logo á entrada nos prende os olhos, é o quadro de Malhôa, — *O ultimo interrogatorio do marquez de Pombal*—, uma téla de grandes dimensões, com figuras de tamanho natural, e que, pela sua importancia historica e boa execução, representa um trabalho extraordinario para o nosso pequeno meio.

Todos conhecem este facto da nossa historia nos fins do seculo passado. O

grande ministro que com braço de ferro esmágara os seus numerosos inimigos, quebrado pelos annos, deixa-se abater pelo cansaço em frente das togas inquisitoriaes de José Luiz da França e Bruno Manuel Monteiro, que são, por servilismo ou inconsciencia, instrumentos de vingança. Como muitos outros, esses juizes diziam servir a justiça, mas eram apenas servos do fanatismo, que tinha então por chefes os reis herdeiros de D. José.

Prolongavam os tartufos horas e horas o interrogatorio de cada dia sem attenção alguma pelos muitos annos e pelos soffrimentos physicos do marquez, que chegou a desmaiar na cadeira. Elle proprio pinta a sua amargurada situação n'uma carta que escreve ao filho.

«Agora me acho, dizia elle, em uma crise que faz com que eu, sem ser cruel, te não possa deixar na ignorancia do estado em que fico. Havendo mais de dois annos e meio que padeço tantos insultos e tantos vexames n'aquella honra de que sempre fiz idolo, sem outro desa-

fogo mais de que o de estar perdoando caritativamente, não faltou aquella resignação christã para que a sensibilidade da natureza deixasse de formar a congestão... que me tem causado tantas e tão penosas molestias.»

É debaixo d'este peso enorme de fadiga e de odio impotente que Malhôa nos apresenta o grande ministro.

Um nosso illustre artista acha o quadro ridiculo e diz, no seu jornal, que só tem de bom alguns detalhes; achâmos, porém, que não avalia com justiça aquelle grande trabalho. A verdade é que elle não está isento de defeitos, mas que Malhôa se houve como artista de sentimento e coragem.

A composição geral é boa, a figura do marquez, que descansa bem, podia estar um pouco mais dissecada attendendo á idade, e ter uma expressão menos contraída; mas as figuras das sobrinhas que o amparam e consolam são de uma bella execução e as roupas magnificas. Dos juizes é que não gosto; mas acho boa a attitude um tanto comica do escrivão,

que olha de soslaio para a victima. Produzem mau effeito umas figuras que estão ao fundo e á direita entre portas. Quem olha de repente parece-lhe ver um homem que se analysa ao espelho levantando o reposteiro a medo; é ver a igualdade de movimentos dados pela reflexão n'aquella larga abertura. Todavia, estes defeitos não impedem o valor do conjuncto.

Malhôa apresenta-nos outros trabalhos e de entre elles preferimos o retrato, ainda incompleto, de Sua Alteza Real o Principe D. Luiz. A linda creança está de pé, vestida de azul, e a afaga um bello cão da Terra Nova. A cabecinha do Principe está feita com uma grande delicadeza, faz lembrar uma téla flamenga do seculo XVI; é uma cabeça adoravel, que dá vontade de cobrir de beijos.

Não foi tão feliz o pintor com o retrato de El-Rei, que é mediocre e com erros notaveis de desenho.

Expõe Malhôa tambem uns quadros de genero, simples pastoraes, que parecem

ter sido feitas de collaboração com o seu collega Henrique Pinto, tanto a factura d'elles se assemelha á d'este artista. Houve quem chamasse áquella serie *Escola de Figueiró dos Vinhos*. Em toda ella se distinguem as mesmas qualidades, e avultam os mesmos defeitos. Excluiremos d'este numero o seu quadro — *A ultima gota* —, que é de uma execução larga e bella. Um garotinho nu, sentado n'um interior de cabana, emborca a malga para lhe escorropichar a ultima gota de caldo. Uma panella de ferro está na trempe, sob a qual ardem uns troços; o lume crepita e uns pequenos accessorios, taes como uns grandes sóccos, dão áquelle meio rustico uma pitoresca realidade. É uma formosa téla digna do nome do artista.

É explendido o seu — *Crepusculo* —. Desce o véu da noite, a penumbra esfuma os objectos. Á direita uns clarões afogueados do occaso, á esquerda um pequeno arbusto torcido quebra a monotonia do horisonte. Dois aldeões no primeiro plano apanham as ultimas batatas. N'um car-

reiro tortuoso uma figurita, ao longe, tambem curvada sobre o solo. São justos os tons, e a melancolia da hora espalha uma uncção tocante; esquece se a gente a ver os pennachos de fumo esbranquiçado que sobem de umas fogueirinhas e são brandamente levados pela aragem.

II

Uma téla verdadeiramente grande, bem nacional, e de uma belleza incontestavel, é a *—Barca de passagem em Serreleis—*, do grande paisagista Silva Porto.

Um flagrante bocado dos virentes campos do nosso Minho. Conheço bem o logar; foi mesmo ao meu lado que Silva Porto fez o seu esboceto, largo, magistral, e de uma palpitante verdade! Era a Rosa do Lajoso quem pousava, uma barqueira agil e adestrada no seu rude mister.

—Que estão elles ahi a fazer? Dizia para a Rosa um escanzelado minhoto que guiava o carro abarrotado de milho.

—A tirar-me o retrato.

—Ora... e soltou uma phrase pouco delicada, que nos fez rir a bandeiras despregadas. E a barca impellida pela vara começou a deslisar em direcção á outra margem.

De Silva Porto, uma gloria nacional, já nada póde dizer-se que vá exaltar-lhe o talento. Tenho por elle uma veneração enorme como a têem todos os que sabem apecial-o devidamente.

Um outro bello quadro é a —*Azenha*—. Estamos na margem direita do Lima, o rio poetico e risonho; é no outono, o tempo das vindimas, á hora do calor, quando começam a accumular-se umas nuvemsinhas esbranquiçadas, pouco espessas, que se desvanecem. Canta a cigarra por entre o arvoredo, e o coachar das rãs marca o compasso n'esta grande orchestra. Esvoaça um melro, e os dorsos prateados das bogas apontam á tona de agua, deixando-a revolvida em circulos concentricos; raparigas ao longe cantam melancolicas toadas... O artista

impregnou a sua téla do encanto d'essa hora deliciosa.

O paisagista é um poeta; é o collaborador de Virgilio e de Bernardim Ribeiro... Um poeta que conhece as regras da perspectiva, e esse conhecimento é profundo em Silva Porto. Como os bastidores das montanhas vão pouco a pouco adquirindo os tons violaceos, que as vestem nos climas em que a agua é abundante. Casinhas brancas entre o verde dos pinheiros, á esquerda um grupo de carvalheiras com o seu verde tenro suavisa o conjuncto, depois o ocre do areal que se estende até nós. A rapariga, de uma forte plastica, tem a cabeça finamente modelada, destacando no dourado feixe de milho, e através da saia grosseira adivinham-se-lhe os flancos de uma Eva procreadora. Os bois, uma perfeição. Silva Porto é tambem um grande animalista. É ver como está bem estudada essa raça barrosã, tão util á lavoura, nos pacificos ruminantes que na téla fitam docemente o espelho das aguas!

Silva Porto ainda apresenta mais onze télas, na maior parte pedaços e costumes do alegre Minho, sendo um dos melhores o —*Logar do Prado*— (Santa Martha). Só quem conhece esta nossa provincia póde avaliar como essas télas reproduzem o encanto, a frescura e a variedade da paisagem minhota. E o melhor é que nem todos os artistas podem tirar partido d'aquella abundante vegetação, tão cheia de seiva e brilho, porque o Minho é na verdade mais agradavel para se gosar de que bom para transportar á téla. É de uma belleza sorridente, pacifica e serena, mas monotona como uma physionomia de mulher que não conhece a paixão. Sempre os mesmos tons de verdes, uma constancia de assumpto que chega a fatigar. A figura é que anima esta paisagem pela intuição de pittoresco dos habitantes. A nota vermelha do vestuario das mulheres casa divinamente com o verde dos carvalhos, dos milharaes viçosos, das parreiras sustentadas pelos musgosos esteios de granito. O artista empregou esta nota

com felicidade na —*Casa minhota*—, arredores de Braga que é um verdadeiro encanto.

É ainda primorosa a sua —*Cabeça de camponeza*—. N'esta physionomia de mulher beirôa ha uma expressão tão sincera e real que prende. A modelação é admiravel e uns toques luminosos nas saliencias da face fazem palpitar a carne, parece que o sangue circula, a cabeça anima-se sobre os robustos hombros. Na bôca e no olhar um ar *hébété,* de sensualidade inconsciente. É um trabalho que póde considerar-se como um primor de realismo e de observação, e seria bem acolhido no mais rico museu.

Felicitâmos com enthusiasmo o grande artista portuguez.

III

José Velloso Salgado, pensionista do estado, em París, manifesta-se tão talentoso que nos faz esperar teremos n'elle um grande artista. Expõe seis télas, a

mais importante —*Amor e Psyche*—, já no anno passado figurou no *Salon* dos Campos Elysios.

O pintor escolheu um assumpto mythologico de grande effeito, que lhe permittiu atacar com felicidade um dos mais bellos e mais difficeis generos de pintura, o do nu. Psyché, personificação da alma humana possuida pelo amor, é a escrava dos seus tormentos e delicias; os poetas imaginaram-n'a um ser alado com azas de mariposa. Este delicioso e casto mytho veiu do Oriente, a patria das nebulosas e douradas lendas. Mas foi sobre a fórma mais real com que a representa Apuleio, que o nosso artista a reproduz.

O Burro de Oiro conta-nos assim a poetica lenda:

«N'um pequeno reino governava um soberano que tinha tres filhas formosissimas, mas a mais nova era tão encantadora, tão bella, que toda a cidade corria em tropel para admirar aquella maravilha, e, possuidos já de um fervor religioso,

adoravam-n'a de joelhos. Havia mesmo quem dissesse não podia ser da terra formosura assim, e de certo era Venus em pessoa, que com fórmas mortaes descêra do Olympo para confundir os homens. E todos lhe lançavam flores, lhe dirigiam votos e começavam a offerecer-lhe victimas.

«Venus, que não podia reprimir a sua colera e o seu despeito, descendo do Olympo exclamou: «É possivel que sendo «eu Aphrodite, a alma primitiva da natu-«reza, origem e germen de todos os ele-«mentos; eu que fecundo o universo, tenha «que repartir com uma mortal as honras «devidas á minha suprema magestade?! «Venerada no Olympo, vejo na terra aban-«donados os meus altares por causa de «uma mulher! Que a insolente formosura «receba o castigo de tão grande culpa!»

«Então chamou seu filho Cupido, o causador de tantos males e excessos, e disse-lhe carinhosamente, cobrindo-o de beijos: «Meu filho, pelo amor que nos «liga vinga tua mãe ultrajada, faz com que

«Psyché arda de amor por um monstro, «pelo ultimo dos homens, por um ser tão «degradante que não haja outro igual em «todo o mundo.»

«Casaram com reis as irmãs de Psyché, e ella, a mais formosa, não encontrou marido!

«Suspeitou então o pae que fosse uma divindade que se oppozesse ao hymeneu, e consultou o oraculo de Apollo; mas o deus, sem se commover, mandou que a princeza fosse levada a um logar aspero e deserto, e ali casasse com um monstro alado, de uma atroz ferocidade.

«Rodeada de funebre e desolado cortejo, chegou Psyché ao sopé do escarpado monte, em cujo cimo a devia esperar o terrivel esposo. Seu pae disse-lhe um doloroso adeus, e sua mãe, coberta de pranto, estreitou-a nos braços pela ultima vez. Subiu Psyché a muito custo e quando chegou ao alto ficou assombrada dos enormes precipicios que a cercavam, esperando a cada momento ver surgir o monstro.

«A angustia cedeu ao cansaço, e, cerrando as palpebras, caíu adormecida. Os zephiros transportaram-na então amorosamente para um sumptuoso jardim e deixaram na sobre a relva, junto a uma fonte crystallina. Ao despertar Psyché ficou cheia de espanto por achar-se n'aquelle logar delicioso, perfumado por exquisita fragancia, exhalada pelas flores mais preciosas. Arvores frondosas davam uma sombra fresca e embalsamada. A pouca distancia um palacio sumptuoso se erguia, não parecendo construido por mão de mortaes, mas obra da divina arte, tanta era a sua magnifica belleza; os tectos de oiro, de alabastro e de crystal, as paredes formando mosaico de pedras preciosas, produzindo o effeito de vivissimas pinturas. Psyché, maravilhada, entra no palacio, e a sua surpreza cresce ao ver-se só no meio de aquellas riquezas!

«De subito uma voz, saíndo de um corpo invisivel, diz-lhe: «Quanto vês, ó «rainha adorada, é tudo teu! Manda, se-

«rás obedecida. Entra n'esses aposentos, «um banho reparador está preparado.»

E tudo succedeu conforme dissera o morador do palacio encantado, que era o apaixonado *Amor*...

É, parece-me, esta passagem que o nosso pintor quiz transportar á téla.

O sr. Jayme Batalha Reis, n'um brilhante e erudito artigo intitulado: *A arte, a critica e os artistas portuguezes no Salon parisiense de 1891*, publicado em o n.º 20 da *Revista de Portugal*, refere-se a José Salgado talvez um tanto severamente, embora fazendo justiça ao notavel merito do pintor.

«Ha para mim, hoje, apenas tres processos de fazer, com os assumptos da mythologia classica, quadros originaes: ou reproduzir sem attenuação as descripções dos poetas e revelal-as pelos meios modernos de realisação, ou dar fórma e côr á Grecia archaica e rude, tal como as escavações e os estudos recentes do symbolismo e da philologia a tem feito, ou tomar apenas como ponto

de partida as antigas lendas, inventando por completo uma antiguidade mythica, na mais absoluta ignorancia das convenções academicas e das descobertas scientificas, e creando um monstro pessoal e sublime.

«O sr. Salgado não se me apresenta por ora capaz do esforço comprehensivo erudito ou genial, que estes tres processos respectivamente exigem. O molde dentro do qual elle encerra a sua composição mythologica, é da ultima moda, sem duvida (moda principalmente ingleza), mas é por isso mesmo um molde, uma formula previamente acceite por numeroso publico.»

Sem querer discutir com o illustre critico, cuja vasta erudição tem para mim grande peso, parece-me que Salgado se não afastou muito pela comprehensão do primeiro processo, pois ao ver o seu quadro me veiu logo á idéa a descripção de Apuleio, apesar da maneira tão essencialmente moderna de Salgado. Sendo impossival n'estes trabalhos allegoricos

não existir uma certa convenção, os maiores mestres modernos mesmo, como Puvis de Chavannes e Alma-Tadema são na allegoria, sempre mais ou menos convencionaes.

Aproveito ainda da critica do sr. Batalha Reis a descripção que faz do quadro, assim como as palavras em que é justo com o seu auctor:

«Observado sob o ponto de vista da arte pura, o quadro do sr. Salgado tem sem duvida bastante merito.

«Inundados de luz clara os corpos de esmalte leitoso, pela primeira vez expostos ao sol, que os prateia sem ainda os haver crestado, pela primeira vez envoltos de ar, que os refresca antes de haver podido crestar-lhe a epiderme. *O Amor e Psyché,* um *Sentimento* e um *Espirito,* immateriaes e puros, erguem-se junto de frescas edificações, alvas como o marfim novo da India ou como o calcareo saccharoide de Paros. Em volta um grande vaso relevado, o mosaico do lagedo, dois pombos que, sobre elle, arru-

lham amorosamente, as arvores e os monumentos distantes, mostram-se igualmente primigenios, desenxovalhados, sem a contaminação das poeiras, sem as degradações ou os dissecamentos do tempo.»

Direi mais que no quadro tudo é nitido, definido e desvendado, sem deixar de se observar as leis das distancias. A attitude das figuras é bem encontrada, são correctas na modelação e graciosas nos movimentos. A delicada cabeça de *Psyché* exprime bem a sensação de pasmo, curiosidade e deleite com que escuta as palavras apaixonadas do *Amor*.

Esta bella composição confirma o que por outros trabalhos esperavamos do muito talento do seu auctor.

Apresenta ainda Salgado uma paisagem, estudo, que é uma *pochade* deliciosa, e o busto de —*Hamlet*—, que tem bastante valor como retrato que é de um artista conhecido, embora lhe falte como composição historica. É um assumpto bem difficil para se exprimir com o pincel, só genialmente elle poderia tra-

duzir a sua intensidade poetica, sublime e grandiosa. Só os vastos recursos da litteratura podem facilmente exprimir sentimentos tão complexos, descrença, amor, desolação e vingança personificados em Hamlet, e dar-nos o vago indefinido sublime d'estas palavras de duvida:

«Ser ou não ser! eis a questão... É mais nobre á alma soffrer os golpes pungentes do destino ou revoltar-se contra esses innumeraveis males, oppor-se á torrente e acabar? Morrer, dormir, talvez sonhar, talvez!...»

Salgado não se preoccupou de certo com a obra colossal do tragico inglez, porque a sua figura nada nos diz. É o pretexto para um retrato, mas executado larga e primorosamente. A luz que o artista escolheu mostra-nos a figura quasi em *silhouette*. É um pedaço de pintura que impressiona e agrada, e Sua Magestade a Rainha mostrou ter um fino gosto na compra que fez d'este interessante estudo.

IV

Temos um mau especimen de pintura no quadro de José de Queiroz, —*Alverca*—, *(paisagem decorativa)*. Téla muito grande, mas de pequeno valor, um jogo de paciencia feito com photographias. Atmosphera rosada e opaca, cá em baixo umas arvores espalmadas e uns boisinhos de cartão, de môlho. Expoz ainda Queiroz mais alguns quadros, todos de Villa Viçosa, mas que estão longe de dar-nos uma pequena idéa do bello céu do Alemtejo e da sua caracteristica paisagem.

Na segunda sala ainda este pintor nos apresenta a pastel —*Uma impressão de noite*— que não comprehendo e que, segundo a maxima CXLIX do livro de Alfredo Stevens: *rien ne fait plus de tort à un bon tableau que de mauvais voisins*, vae prejudicar um tanto o magnifico effeito dos pasteis de Sua Magestade El-Rei, que são dignos de

admiração e louvor. O pastel de José de Queiroz parece-me um verdadeiro pastel de nata.

Fazendo assim rudemente a critica dos trabalhos de Queiroz não quero com isso negar a sua intelligencia nem mesmo o seu sentimento artistico, faculdades que lhe conheço e aprecio, mas, a não ser em algumas naturezas mortas, não posso tolerar a sua pintura; parece-me mesmo impossivel que José de Queiroz, apesar dos seus esforços e dos seus desejos, possa vir a ser um bom pintor.

V

Um dos novos, Luciano Freire, dá-nos provas de um artista de merito com a apresentação do seu painel decorativo —*Ilha dos Amores*—:

De uma os cabellos de oiro o vento leva
Correndo, e da outra as fraldas delicadas:
Accende-se o desejo que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas.

Uma d'industria cáe e já releva
Com mostras mais macias que indignadas
Que sobre ella empecendo tambem cáia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

O nosso artista escolheu primorosamente o assumpto: que seductora volupia encerra este esplendido trecho do nosso grande epico! É a compensação de tantos trabalhos, a apotheose do illustre Gama e dos seus corajosos companheiros.

Esta decoração vale não só pela escolha feliz mas pela execução, que se não é irreprehensivel, é bastante correcta, para um artista que começa a sua carreira.

Gosto da tonalidade do quadro, suave e harmonico, e muito particularmente do desenho da nympha que corre adiante, muito gracioso. O escorso da nympha que está caída, de uma grande difficuldade, está bem encontrado, mesmo porque não cáe desamparadamente, mas *de industria*. Os longes estão bem estudados e é pittoresco o logar, avistando-se

ao longe a praia de onde surge correndo um dos nossos heroes. Vêem-se as vélas dos gloriosos galeões portuguezes que acabam de sulcar a vastidão dos mares desconhecidos, terror dos navegadores! Freire expõe tambem um valioso quadro de genero —*A ração*—, que faria honra a um bom pintor. Uma robusta camponeza traz n'um balde a ração á sua vacca leiteira, que estende para nós o focinho. Ha muita verdade na attitude da mulher, o colorido é fresco e os accessorios bem tratados. A cabeça da vacca, de um excorço difficilimo, dá, a distancia conveniente, a perfeita realidade.

Ainda ha um dos novos que se avantaja sobre os outros, é Conceição Silva, que expõe, alem de mais dois quadrosinhos, um S. Jeronymo que merece bastante attenção.

Os nossos artistas dedicam-se pouco, em geral, ao estudo; Conceição Silva não procurou de certo nos livros da historia ecclesiastica o seu assumpto, mas apenas na vulgar tradição, que nos pinta sem-

pre o grande doutor da igreja sob o aspecto de um velho eremita, escarnado, de grandes barbas, e flagellando-se com uma pedra, o advogado dos trovões. Todavia na historia do santo, oriundo de Stridon, ha factos bem notaveis e dignos de uma téla, preferiveis á repetição constante do mesmo assumpto. A mocidade de S. Jeronymo foi violenta e tumultuosa e, mesmo depois do arrependimento, quando estava já senhor de uma alma forte, tomou, alliado ao papa S. Damaso, um papel importante nas dissidencias da igreja, onde brilhou mais do que encerrado na sua gruta do deserto de Chalcis. Nada prejudica porém ao valor do quadro o assumpto escolhido pelo pintor; mesmo porque, se bem me recordo, o quadro de Conceição Silva foi a prova final do seu curso de pintura historica, e então ser-lhe-ía dado um thema do qual não poderia afastar-se. Fosse como fosse, o pintor apresenta-se muito bem, revelando talento e aptidão artistica. A figura nua do santo é bem modelada, a

attitude de respeito e assombro pela celeste visão, justa e bem estudada, assim como estão bem estudadas as combinações mechanicas dos musculos faciaes, parte importante da anatomia artistica.

A luz que illumina a gruta produz um bom effeito scenico. Só não gosto dos anjos que esvoaçam na parte superior do quadro.

VI

João Vaz é um pintor bem conhecido e muito estimado pelo publico. O seu genero é a paisagem maritima e d'ella nos tem dado preciosos fragmentos. O mar está na moda, faz parte da nossa existencia. Todos os annos lhe fazemos a nossa visita, pedindo-lhe um pouco da sua frescura, alguma energia para os lassos musculos e o repouso para os nervos excitados. Interessam-nos a sua calma, a sua colera, os seus dramas. Com que commoção escutâmos os episodios de um naufragio e como nos deixâ-

mos esquecer contemplando uma véla branca que ao longe deslisa no azul das aguas! Que desejo de acompanhar o navio! Para onde irá? Talvez para terras que nunca pisaremos... Que novas sensações nos daria a viagem?... Quando o temporal vem, bravio e terrivel, toma o mar um aspecto medonho de grandeza e magestade! O seu verde denegrido tem scintillações electricas! Formam-se as sinistras vagas em escalões successivos, e rebentam furiosas nos alcantilados rochedos, cobrindo tudo de um lençol branco, da frieza da morte!... A tempestade toma a fórma de um grande *cotillon*, dansa macabra onde se agitam doidamente nymphas e espectros!... É o grande mausoléu, de portas escancaradas para o infinito!...

Mas Vaz não tem a alma revolta, nem o seu temperamento se compraz com as grandes luctas.

Não segue as pisadas de Chigot ou de Haquette, o nosso artista; ama a paz, gosta da tranquillidade e da transparen-

cia das aguas, inspirou-se no seu berço natal, na bella bahia da rainha do Sado, sobre a qual Fialho de Almeida solta estas palavras de oiro:

«Oh! como a bahia ganha entre Setubal e Troia tons de saphira e azul ferrete, de uma frescura de mar grego, onde as silhuetas dos barcos põem a sua aza nitida e cantante! Atrás de nós a cidade é uma manchinha jovial, entre azues de agua e verdes de arvoredo, com as gredas da Saude amarellas de bilis, contrastando; depois, na outra margem do golpho, Troia e as areias brancas, invasoras, palhetadas de mica, avançando a estrangular o corredor de entrada dos navios, e para alem de Troia o mar intermino, com gargalhadas de espuma, em pelotões sobre os bancos de areia, afogados na agua viva, o mar risonho, o mar supremo, com seus mosqueios de chispas causticas, listas claras zebrando-lhe o azul ventre de carpa, e aquelles fundos de azul pallido, que ao chegarem-se á rocha vem cambiando até ao verde ultramarino.

Abaixo de cada ravina, ou convulsão violenta das barreiras, um portinho doce, alcatifado de branco, cheio de conchas e algas, onde romanescos saveiros se balouçam: e um tal silencio, um socego, que as mesmas gaivotas caminham com o accento circumflexo das azas, á procura de uma exclamação mais alta para velarem.»

É sob esta impressão serena de uma indolente poesia, que João Vaz se torna um bom pintor de marinhas. Comprehende perfeitamente os tons leitosos, nacarados, do seu predilecto rio, e lá está a confirmal-o o seu quadro —*Desembarque do peixe*—, que é uma bonita téla, cheia de luz, e posto nos dê por momentos a impressão de uma photographia instantanea, são tão bem achadas as *nuances* das aguas e os grupos de vélas tão graciosos, tão encantadores e suaves ao longe, que se lhe perdoa essa dureza rigida das projecções, o recorte das figuras dos pescadores, que o artista devia suavisar.

Os seus quadros: —*Barcos no Sado*—, —*A praia*—, —*Fim da tarde*—, são

muito bem tratados e mesmo preferiveis ao quadro grande.

Vaz é tambem affeiçoado á architectura antiga e apresenta-nos na téla a — *Matriz de Villa do Conde*—, e um detalhe do — *Convento de S. Domingos*—, em Vianna do Castello, que interessa bastante, reproduzindo o aspecto das torres cylindricas do mosteiro fundado pelo grande prelado bracarense, D. Frei Bartholomeu dos Martyres, e que encerra a sua sepultura. Mais nenhum pintor de marinhas digno de menção, apenas Thomás de Mello expõe dois quadrinhos interessantes, sendo o melhor —*As margens do Tejo*—, que tem bocados lindissimos e uma atmosphera que é um encanto. É pena haver um exagero de tons de porcelana a suavisar a téla.

VII

Muitas flores como prenuncio da adoravel primavera. Como são bellas as flores! As rosas então têem para mim o per-

fume e o encanto da mulher! O assetinado das pétalas tem o macio appetitoso da carne, e parecem fitar-nos n'um delicioso e provocante abandono!

Os pintores femininos dedicam-se, e com rasão, muito a este genero; as mulheres entendem-se com as flores e as flores com as mulheres, uma comprehensão mutua de instinctos, e uma troca de carinhos e perfumes.

N'esta revista de —*Flora*— a sr.ª D. Josefa Greno recebe uma farta colheita de admiração e applausos, ainda que alguns dêem ás —*Camelias*— de Antonio José da Costa, um portuense, o primeiro logar. Acho bonitas aquellas flores de gelo, mas o processo de pintar tem um não sei que de *suranné,* que me não agrada. Prefiro-lhe de muito melhor grado a magistral mancha de Salgado, —*Flores*— que é de um arrojo de verdadeiro artista. O publico talvez não concorde com a minha opinião, continuarei porém a seguil-a sem me dar isso muito cuidado.

D. Josefa Greno apresenta dez quadrosinhos, dos quaes os melhores são —*Rosas e papoulas*—, de um colorido vivo e intenso, e feitas com largueza e graça. —*Estrellas do Egypto*—, preciosas pelo desenho, composição e frescura. Lembram as lindas flores de Madeleine Lemaire. Ainda se podem citar os —*Malvaiscos e fructas*—, que é uma téla de bastante merito. Indubitavelmente D. Josefa Greno continúa sendo a bella jardineira da exposição.

VIII

Sua Magestade a Rainha, a senhora D. Amelia, uma rainha adoravel e de um fino gosto, concorre com seu augusto esposo a todas as nossas exposições de pintura, attenção a que devemos ser gratos.

A Rainha ama a arte e considera os artistas, provando n'isto o seu elevado espirito. Tem sido a arte em todas as epochas a mimosa flor da alma humana,

e póde servir de affirmativa á sua existencia. As suas creações luminosas quasi nos tornam palpavel esse fluido subtil e indestructivel sem o qual a vida seria uma hecatombe. A humanidade necessitou sempre d'esta expansão sublime. Na rude alma do barbaro e do selvagem, essa necessidade brotou espontanea em manifestações asperas e singelas, mas já significativas. Obedecendo-lhe é que elle grava no osso e na madeira, toscas mas expressivas figuras de homens e de animaes, e dá aos objectos do seu uso, ás suas armas, fórmas que se elevam pela escolha acima das impostas pela necessidade.

Em meio do desenvolvimento das grandes civilisações, os progressos artisticos têem attingido a suprema altura, exprimindo sempre as aspirações, os sentimentos mais intimos do homem n'essas differentes epochas e nos seus diversos meios, e d'ahi a variedade profunda que as obras de arte apresentam. Sendo em o nosso meio a educação artistica tão

descurada e o povo absolutamente ignorante, torna-se duplamente necessario áquelles que occupam os primeiros logares na sociedade darem o exemplo que actualmente dão os monarchas, auxiliando e elevando a arte; porque, como já disse, os que não têem idéas proprias, limitam-se a seguir o exemplo dos que consideram superiores.

Sua Magestade a Rainha mostra aptidão artistica e grande vontade de conseguir, mas sendo o meu fim aqui dizer a verdade, exporei francamente o que penso sobre os trabalhos da senhora D. Amelia, que são hesitantes, mas dignos de menção. A sua —*Ovarina*— pousa com naturalidade, tem bem encontradas as proporções, rasoavel desenho, e a figura apresenta caracter; ha porém uma certa hesitação nas linhas geraes e o assumpto está pouco tratado. É um ligeiro esboceto, com as massas simplesmente indicadas, revela qualidades, mas não define bem o merito artistico do seu auctor. As suas —*Cabeças de estudo*— são ainda mais

hesitantes que a —*Ovarina*— e sem modelação, a côr não é verdadeira, mas são despretenciosas; agrada-me mais a que está de perfil.

Que Sua Magestade perdõe a franqueza d'este seu subdito e admirador sincero.

O sr. D. Carlos apresenta-se um artista consummado, attestam-no os seus pasteis, que fazem a admiração de todos os que sabem devidamente aprecial-os. São duas paisagens e uma marinha que valem um punhado de oiro! Raphael Bordallo, ao ver os trabalhos de El-Rei, exclamou:

«—N'um paiz onde o Rei desenha melhor que os artistas, deviam estes ir occupar o throno.»

Entre os artistas Sua Magestade sente-se bem, e elles estimam-no de coração, porque vêem n'elle um dos seus mais talentosos camaradas. Ao sr. D. Carlos não diria Appelles o mesmo que disse ao vencedor de Tyro e de Babylonia.

Não hesito em dizer que os trabalhos de Sua Magestade me enthusiasmaram.

Houve quem, vendo-os, se lembrasse de que o sr. D. Carlos recebêra lições de Casanova para lhe approximar as maneiras; a verdade, porém, é que a maneira delicada e um pouco convencional do distincto aguarelista nada tem de commum com a factura rasgada, atrevida e original dos regios trabalhos que figuram na exposição.

As paisagens das lezirias do Tejo revelam, alem do conhecimento do mister, uma comprehensão perfeita do local.

Vê-se que El-Rei tem impressa na retina a imagem nitida dos terrenos alagadiços que marginam o formoso rio, onde os juncaes de um verde escuro são interrompidos pelo serpenteante fio de prata. Illuminada friamente pela luz da madrugada, uma das paisagens, onde um barco com as vélas de um *ocre rouge* marca uma nota frisante, é de uma justeza absoluta. Chamavam ao avô do sr. D. Carlos o *Rei artista,* mas o neto é que bem merece este cognome.

IX

Ramalho é um artista de especial temperamento; vae atrás dos effeitos e deixa-se embalar n'uma indolencia maliciosa que transmitte ás suas obras. Tem o sentimento da côr e elegancia no desenho; produz pouco, mas bem. Sabe que a vida é incerta e d'ahi a preferencia pelo dia de hoje, e a sympathia decidida pelas commodidades seguras. Se os *rails* da existencia forem interceptados por uma derrocada, elle, pachorrento, não se altera com a demora do comboio; com as malas ás costas, mesmo sob um temporal, percorre de bom humor e a passo vagaroso o caminho a que o obriga o transbordo, e vae depois sentar-se, repimpado, em a nova carruagem que o deve conduzir ao termo da jornada. Se a locomotiva recúa, diz para os companheiros impacientes:

«— Esqueceu-lhe alguma cousa, de certo.»

E assim este nosso commodista e fleugmatico pintor tem feito a mais brilhante carreira.

É, pois, um dos nossos primeiros artistas Antonio Ramalho, assim como é um dos primeiros entre os *bon-vivants*. Este anno expoz quatro quadros, distinguindo-se o —*Claustro de Cellas*—, excellentemente desenhado e de um maravilhoso effeito. A sua estada em Evora fel-o tomar gosto pelos velhos edificios, comprehender a vaga poesia dos recintos monasticos, onde elle entrevê um bem-estar de frade bernardo, ou aprecia ainda o perfume das virgens do Senhor.

A escolha foi boa, porque o convento de Cellas é de uma fabrica antiquissima. Não se sabe ao certo o anno da sua fundação, pois já se acha mencionado o mosteiro de Cellas n'uma doação de 1219 e n'uma escriptura de composição feita em 1223 entre D. Sancho II e suas tias D. Tareja, D. Sancha e D. Branca. Do primeiro edificio restam apenas dois lanços do claustro, que interessam o artista

pelo estado ruinoso em que se acham. Quem não soubesse a epocha da fundação do mosteiro, diz Filippe Simões, notando os arcos de volta redonda, capiteis com a fórma cubica do estylo byzantino, parecer-lhe-ía anterior ao seculo XII e não de uma epocha em que a ogiva substituia geralmente já os arcos semi-circulares, e os capiteis se tinham arredondado, perdendo a fórma caracteristica do estylo do oriente.

As columnas do claustro de Cellas, ou antes dos seus dois lanços não reconstruidos, são geminadas. Os capiteis que lhe servem de remate representam em alto-relevo passos da vida do Salvador, martyrios de santos e outros assumptos de historia religiosa. Estas passagens devotas tornam o claustro mais interessante, imprimindo-lhe o caracter da epocha e a sua uncção religiosa. Os altos-relevos polychromos são de uma ingenuidade encantadora.

Ramalho desenhou este fragmento de claustro com uma correcção de perspe-

ctiva que nada deixa a desejar. O colorido é vibrante e certo, e os azulejos que revestem os poiaes em volta, de um primor que chega a illudir. Dentro, viçosos arbustos e o todo de uma harmonia tão bella, que faz vontade de dizer á *touriste* do primeiro plano, que fuja, porque o seu ar de boneca não fica bem ali, n'aquelle logar.

Por estar livre de qualquer importuna figura attrahe-nos sobremaneira o pequeno quadro —*Um canto de claustro*—, onde se concentra mais o espirito, sem que cousa alguma o perturbe.

O —*Retrato de creança*—, é graciosissimo, procurando o artista os effeitos luminosos, e suavisando as massas por cambiantes de umas tintas frescas e bem manejadas. A romeira de pellucia vermelha é magistral.

Ainda expoz Ramalho dois retratos de senhora, a pastel, que chamaram a attenção dos visitantes, e que são realmente de tons muito delicados e de uma boa execução, principalmente o da dama loura.

O outro agradou-me menos. Aproveitou tambem o bello assumpto do claustro de Cellas, João Rodrigues Vieira, um esculptor pintor, que tem verdadeiro talento. O seu —*Claustro abandonado*— tem muito justos os tons da pedra; o pintor, porém, para que realçasse a parte mais interessante do seu estudo, fel-o de modo a poderem comparar-se a primitiva architectura e a parte tosca e vulgar da outra face. Um grande excesso de verduras prejudica um pouco o quadro. —*A orchidea*— tem por assumpto o mesmo claustro, animado por uma graciosa figura de monja de S. Bernardo, que desce as escadas com um vaso de flores na mão. É melhor escolhida para animar o claustro a mystica freirinha, do que a rigida figura de provinciana que Ramalho lá pozera. Outro quadro de Vieira, —*Os fructos*—, são tambem pintados com a frescura que lhe é habitual para as cousas delicadas.

X

Marques de Oliveira é o mais distincto pintor portuense que honra com os seus trabalhos o nosso *Gremio Artistico*. Como paisagista é dos que sabe aproveitar da natureza o assumpto, sem d'ella tirar uma copia servil; sabe imprimir aos seus trabalhos o sentimento que manifesta a alma do artista e sem o qual a pintura não seria superior a uma photographia colorida. As suas paisagens, de um desenho primoroso, são deliciosos poemas da natureza; a seiva nas suas arvores e a sombra que projectam têem uma frescura salutar. As atmospheras são cheias de luz e transparencia e ha n'ellas sempre diffundida uma claridade phantastica, que invoca a idéa dos effeitos scenographicos, devido isto ao excesso de tons de *garance,* espalhados por toda a parte. É ver os seus bellos quadrosinhos: — *Á cancella* —, — *O moinho* —, — *O caminho enxarcado* —, que são um encanto.

Chamou porém a attenção geral a sua esplendida téla, — *Esperando os barcos* —, que é umas das perolas da exposição. Se o artista lhe desse maior desenvolvimento, rasgando-lhe mais o horisonte e dando maior profundidade ao mar, este quadro de Marques de Oliveira deveria ser talvez o seu melhor trabalho, talvez uma obra de arte de um valor incalculavel. Á beira mar agitam-se os pescadores, grupos de mulheres e creanças, sentados, esperam a volta dos barcos; ha uma anciedade, um desejo enorme de avistar as vélas; entretanto as vagas quebram no extenso areal... No primeiro plano uma rapariga sentada, n'uma attitude serena, parece fitar com os olhos da alma a vastidão dos mares; é o amor que lhe dilata o peito, e que a não deixa desconfiar da procella, mas está triste, n'uma concentração de paixão... A composição é flagrante de verdade, e a côr tão bem achada que não é possivel exigir-se mais. As carnes têem o macio da juventude levemente crestado pelo

agreste das ventanias. As extremidades primorosas, mãos que trabalham, pés habituados a correr descalços na areia, mas de uma delicadeza admiravel. Raras vezes um pedaço de pintura me tem arrancado tão espontaneamente uma lagrima. Marques de Oliveira é um artista grandioso!

XI

Antonio Baeta, um alumno do ultimo anno da escola de bellas artes, é já um artista digno de toda a consideração. Allia á sua modestia e ao seu caracter bondoso o talento necessario para emprehender uma carreira brilhante, que deve conseguir, porque não tem a vaidade dos *poseurs* insignificantes. Conseguil-a-ha simplesmente com o seu trabalho, sem recorrer ao emprego de meios extravagantes; o seu bom criterio o guia.

Expoz varias télas, merecedoras de louvor, distinguindo-se o — *Rio das Pegas* —, paisagem muito bem tratada, representando bem os terrenos cretaceos

dos arredores de Lisboa, que se estendem até para alem de Torres Vedras. Essa natureza accidentada, de aspectos variados, a pedaços vestida de pinhal, outr'ora coberta de vinhedo, de uma sorridente abundancia, dá alegria e ao mesmo tempo saudades aos que a percorreram no seu melhor tempo. Ainda ouço repercutir os gritos das saloias que batem a roupa no rio lá em baixo, e que eu escutava da velha diligencia correndo acima de um despenhadeiro de 300 metros, de onde se avistavam os bellos perfis de Montachique e de Fanhões.

A melhor das télas expostas por Baeta é a —*Cabeça de velho*—, excellente de modelação e rica de verdade, tão expressiva e bem tratada, tão justa de colorido, que por ella me parece ver abrir-se para Baeta o caminho da boa pintura.

XII

Resta-me ainda fallar de Antonio Condeixa, pintor historico, que este anno se

limita a apresentar umas quatro télas de pequena importancia, em relação aos trabalhos que o seu pincel costuma dar-nos. São tres paisagens e uma cabeça, distinguindo-se esta pela correcção do desenho.

De entre os outros quadros que a exposição encerra poucos me chamaram a attenção, e limitar-me-hei a apontar alguns que revelam aptidão artistica, embora sejam hesitantes, indicando que os seus auctores têem talento e que devem progredir, devendo alguns d'elles esperar um largo e bello futuro.

Bem notavel o vigoroso pedaço de herdade pintado por Carlos Xavier, e que elle intitula —*Manhã*—. Que bucolico poema n'aquella télasinha! Estende-se em ladeira a herdade, atapetada de um verde fresco, casinhas rusticas ao fundo, destacando-se do arvoredo escuro, porque ainda ha pouca luz. Do céu partem os clarões da aurora, uma junta de bois avança lentamente, por uma vereda, conduzida pelo boieiro; parece que os

animaes meneiam vagarosamente a cabeça e aspiram o aroma da manhã. Ha um socego, um encanto em todo o recinto, e uma intensidade de vida latente anima a téla.

No —*Interior de atelier*—, de Arthur de Mello, é bem diffundida a luz e os accessorios bem pintados; uma poeira luminosa espalha-se pelo aposento, e a mulher que está sentada ao fundo tem naturalidade. Só não gosto da figura do garoto que serve de modelo, por estar mal desenhada.

O —*Cego*—, de Teixeira Bastos, é um quadro apreciavel, mas parece-me que o artista poz muito de sua casa e não estudou no campo como lhe convinha. A atmosphera é boa e as figuras caminham movendo-se bem.

Tem bastante côr local o —*Trabalho na eira*—, de Arthur Prat. Bem observada a paisagem alemtejana e, posto que a maneira d'este pintor seja um tanto acanhada, é certo que o seu quadro tem qualidades de côr e as figuras movimento.

Gosto sobretudo do trigo que está na eira, solto e bem movido pela faina do trabalho.

Adolpho Rodrigues tambem nos dá um pequenino quadro de genero, —*Á porta da taberna*—, que merece os maiores elogios.

Esperâmos muito do joven artista, ainda alumno da escola de Lisboa, Ezequiel Pereira, que apresentou quatro cantinhos de paisagens, muito sentidos e de uma interpretação alem do vulgar.

XIII

Falta apenas tratar da aguarella, do desenho e da esculptura, esta sempre escassa em as nossas exposições de bellas artes.

Pintores fugi da aguarella! brada Theophilo Gautier. E o mesmo que se aos poetas se dissesse: Fugi da redondilha, só alexandrinos!

Os poetas protestavam e os pintores protestam tambem, enviando a cada expo-

sição alguns bellos specimens da pintura *sacrificada*. Digam lá o que disserem, uma aguarella bem feita é uma cousa deliciosa; com que delicadeza e graça se exprimem por este processo os pequenos assumptos, as pequenas figuras isoladas, os cantinhos de paisagem e as flores!

A nossa exposição estava pobre de aguarellistas, impressionava extraordinariamente a exposição posthuma de Ricardo Hogan, o seu ultimo trabalho envolvido em crepes, a sua viuva e os pequeninos orphãos, que ali encontravamos quasi sempre, como que guardando aquellas memorias queridas.

Hogan era estimado como artista pelo publico e querido pelos seus amigos como um bello caracter; foi um verdadeiro talento que se perdeu. Pela ultima vez os seus trabalhos appareceram entre os dos seus camaradas; o seu pincel activo está parado para sempre. Pobre Ricardo! Pobre sympathico artista!

O nosso melhor aguarellista é actualmente Roque Gameiro, um bom rapaz,

trabalhador incansavel, que de anno para anno apresenta novos progressos e alcança novos triumphos.

Expoz Gameiro quatro apreciaveis aguarellas, mas a melhor, que chega a ser um dos melhores trabalhos da exposição, muito superior á maioria dos quadros a oleo, é a —*Ponta dos Corvos*— que faria honra a qualquer artista notavel. A muitos visitantes vi, admirado, olhar com a maior indifferença para aquella deliciosa mancha que faria a felicidade de um amador. Ali ha tudo, desenho, boa escolha do assumpto, frescura e colorido. Aquecer-lhe um quasi nada os tons, e a —*Ponta dos Corvos*— seria um primor que nada deixaria a desejar. É um bocadinho da margem esquerda do Tejo, d'aquella pittoresca povoação maritima, tão visitada pelos lisboetas que gostam, depois de um bom passeio pelo rio, de saborear uma appetitosa caldeirada. Á esquerda um moinho n'uma pequena elevação de terreno, estendendo-se em frente a ponta de areia, brilhante de sol. Á direita des-

enrola-se uma nesga crystallina do Tejo, onde se avistam, como pairando ao longe, umas pequenas vélas latinas. Algumas nuvens, que estão preciosamente executadas, dão ao quadro profundidade, pelos effeitos de perspectiva, rigorosamente comprehendida.

As —*Rosas*—, são muito bem feitas, a composição é graciosa e o desenho bem entendido, mas acho-lhe algumas durezas.

Vae progredindo notavelmente o distincto aguarellista, e tenho a certeza de que os seus trabalhos serão dentro em pouco geralmente apreciados como obras de arte de verdadeiro merecimento.

Agradam os desenhos de Brito Monteiro Fratelo, que são feitos com largueza e despreoccupadamente, tendo os valores bem encontrados.

A sr. D. Emilia Santos Braga merece muita attenção com o seu estudo de figura —*Minha irmã*—, que é realmente muito bem feito; é pena que tenha umas pretensões de imitar Chaplin.

XIV

É grande o numero dos que tentam a pintura com maior ou menor felicidade; a esculptùra tem menos adeptos, é menos facil. Os escriptores e os criticos da arte habituam-se a fallar largamente dos pintores, retrahindo-se um pouco quando tratam dos esculptores. Entretanto parece-nos que a arte de estatuario é mais comprehensivel que a pintura, menos abstrata. Occupa-se da fórma em toda a sua verdade.

A pintura, por meio de artificios, reproduz n'uma superficie uniforme e plana os objectos e os personagens, fazendo destacar os differentes planos sobrepostos por meio da perspectiva. Assim, a pintura é convencional, e a prova está na variedade de interpretações que se lhe tem dado desde a arte chineza até ás escolas modernamente aperfeiçoadas da Europa. Nenhuma convenção tem o esculptor, apresenta a fórma real que a sua conce-

pção creou. O que é para notar é que o numero de amadores é muito menos raro para a pintura de que para a esculptura. Passam as multidões quasi sempre impassiveis, frias e inconscientes diante das realidades do marmore ou do bronze, para correrem enthusiasmadas ás seducções convencionaes das imagens coloridas. É o triumpho d'essa illusão optica que se chama a — côr!

Temos tido alguns esculptores de primeira ordem; ainda ha poucos annos perdemos o grande Soares dos Reis. Hoje possuimos, entre outros, Simões de Almeida, estatuario austero, que allia nas suas obras a graça e a correcção. Mas porque não apparecem nas exposições os trabalhos d'este illustre artista? Elle lá tem as suas rasões, que ignoro, mas sinto-me descontente, porque, abertas as salas de S. Francisco, não posso lá admirar o seu ultimo trabalho, — *Presentimento* —, bella estatua de mulher, que me enthusiasmára quando, ainda incompleta, a vi no atelier.

Só dois specimens d'esta grande arte se encontravam na exposição: um delicado bronze — *Cabeça de creança* —, da sr.ª duqueza de Palmella, e o — *Remorso* —, de Antonio Mota, bello assumpto, ainda que um pouco cansado por muitos esculptores. É boa a figura de Mota, a anatomia tratada com cuidado, principalmente no jogo dos musculos. A estatua exprime bem o sentimento que o artista deseja. Antonio Mota é um digno discipulo do seu illustre mestre.

Termino esta despretenciosa critica em que exponho impressões pessoaes, se não verdadeiras, pelo menos sinceras.

É possivel que olvide um ou outro trabalho digno de attenção, mas isto deve acontecer a todos os que se vêem forçados a analysar em breve tempo uma exposição, e, não podendo observar miudamente tudo, se prendem mais ao que mais intensamente os impressiona.

O sentimento que a exposição me deixou foi de prazer, porque revela verdadeiro progresso. Já se pinta em Por-

tugal. Temos artistas dignos d'este nome e promessas de verdadeiros artistas para o futuro; a exposição revela-nos alem d'isso grande somma de esforços, amor pelo trabalho, audacia e um geral aperfeiçoamento do mister.

Oxalá que o nosso publico se habitue a animar os corajosos artistas, concorrendo com o seu applauso e com a sua acceitação para os futuros progressos da arte portugueza.

Maio de 1892.

A TERCEIRA EXPOSIÇÃO

DO

GREMIO ARTISTICO

I

Abriu a sua terceira exposição o *Gremio Artistico,* e a acariciadora sympathia do publico parece bafejar uma instituição tão digna d'ella. A concorrencia no dia da abertura foi extraordinaria e abrilhantada por tudo quanto ha de mais selecto em a nossa sociedade; nos dias seguintes o publico continuou a visitar a exposição, mostrando interessar-se pelo certamen artistico, que, apesar dos seus pequenos recursos, é grande pela somma de vontade, labor e coragem que representa.

Mas, condição essencial a todas as cousas humanas que têem de luctar para

progredirem, uma corrente de opposição começa a formar-se contra essa sociedade que, embora não tenha a pretensão de monopolisar a direcção e o fomento da arte portugueza, lhe tem prestado os mais relevantes serviços nos ultimos tempos, sendo prova as exposições, as quaes, apesar das censuras que lhe fazem, são as mais brilhantes que entre nós se tem feito.

Encerram estas exposições um grande numero de banalidades, muitas obras incorrectas, muitas provas de errada vocação, mas encerram tambem primorosos trabalhos dos nossos artistas, e permitem aos talentos novos, cheios de hesitação e de esperança, o manifestarem-se ao publico, que os desconhecia hontem e os festejará ámanhã, animando assim o movimento artistico n'um paiz onde ainda ha poucos annos quasi ninguem pensava n'estas cousas de arte.

Entre as varias criticas que pelos jornaes, n'uma rapidez de antecipação, começam a apparecer, lêem-se cousas realmente acintosas, que, influindo na parte

menos illustrada do publico, podem ser verdadeiramente prejudiciaes, e desorganisar, com geral perda, o que tanto tem custado a alcançar. Encontram-se tambem curiosidades n'estas criticas *à vol d'oiseau,* como por exemplo este axioma: *A paisagem é intoleravel como thema de um quadro, tolera-se apenas como accessorio.* Oh! bom Ruysdael, oh! Corot, Millet, Loreno, adoravel Breton, que tanta poesia colhestes por esta rusticidade ingenua dos campos, para a espalhardes nas vossas télas, que dirieis a isto?!

Os leitores conhecem de certo a poesia *Prestito funebre* com que Guerra Junqueiro nos commove deliciosamente descrevendo o transporte de uma velha arvore cortada, que vae aquecer a lareira rustica; uma carrada conduzida por bois enormes, que uma creança guia.

Castanheiro morto! que é da vida estranha
Que no ovario exiguo de uma flor nasceu,
E creou raizes, e se fez tamanha,
Que trezentos annos sobre uma montanha
Seus trezentos braços de colosso ergueu?!...

O leitor que conhece *Os simples* e leu estas bellas estrophes, diga se lhe não deixaram n'alma uma impressão mil vezes mais grata de que alguns psychologicos poemas que nos põem a cabeça n'um estado que faz desejos de consultar Charcot?

Ora um poeta encontra n'uma velha arvore, morta e carcomida, thema para tão primoroso trabalho, e um pintor não póde encontrar n'uma cabana rustica, nos mysterios que a luz e a sombra escondem nas florestas, no velho castanheiro erguido na montanha, á sombra da qual os bois enormes repousam, no regato em que a vegetação se mira; n'uns rochedos que parecem fabulosos monstros, n'uma larga planicie em que a luz brinca e o ar nos banha, não póde encontrar em toda essa vasta e maravilhosa natureza thema para um quadro?...

Que nephelibatica idéa!

Ora como o artista é forçosamente uma manifestação do seu meio, o nosso grande numero de paisagistas deve provir do nosso gosto geral pela paisagem.

É evidente que na exposição ha muitas de paisagens sem merito, bocados da natureza copiados sem sentimento, sem expressão, mas a verdade é que essas obras imperfeitas irritam menos pela despretensão do que certas composições piégas ou ridiculas, que se encontram até nas mais distinctas exposições estrangeiras.

E como a paisagem agrada ao publico encontra sempre compradores, e encontra-os tambem porque as graciosas *pochades* em que as nossas exposições abundam vendem-se por modicos preços, e, no nosso paiz poderia haver muito quem gostasse de pintura, mas ha muito pouco quem possa comprar importantes télas. A pobreza franciscana do estado não lhe permitte auxiliar as artes, os monarchas dispensam-lhe todo o favor, mas se o que fazem é muito para o que podem, é pouco para o necessario, e os *rastaqouères,* como diz um dos taes criticos, os brazileiros, que tão bem empregam a sua generosa vaidade prote-

gendo artistas, não são tantos quantos seria para desejar.

É este com certeza um dos motivos por que as nossas exposições se compõem essencialmente de pequenas paisagens e de quadrinhos de genero.

Não lhe chamem por isso exposição de industriaes; o pintor é primeiro homem, precisa, *a priori*, para trabalhar estar vivo, e tem portanto necessidades imprescindiveis a satisfazer. Quando a humanidade tiver passado á fórma de umas certas *libellules* com que a poetica imaginação de Flammarion povôa, não sei que planeta, então viverá só para o ideal.

Ou, uma outra cousa, arranje o critico que faz essa censura com que para os artistas se possa estabelecer um outro *Museu* como o que, na antiga Alexandria, Philadelpho arranjou para os sabios do seu tempo poderem entregar-se ao trabalho e ao estudo, sem terem que pensar nos cuidados materiaes da vida, e verá como tudo caminha ás mil maravilhas.

Arrange-lhe aquelles pateos sombreados por formosas arvores, as salas cheias de ricos e artisticos moveis, e as enormes mesas sempre cobertas de preciosos manjares, e depois deixe-os; verá como elles produzem obras de elevada concepção artistica, como esses privilegiados não pensarão em outra cousa que não seja a suprema perfeição que ha de leval-os á gloria.

Mas as tristes e penosas condições da animalidade quantas altas aspirações não abatem?

Para se poder com justiça fallar de arte é necessario que ella nos interesse devéras, que a amemos, e pouco interesse lhe manifestam aquelles que, conhecendo as difficuldades de toda a ordem com que ella lucta em Portugal, onde as tradições artisticas que nos vieram da communicação flamenga estiveram tão longo tempo cortadas, se esforçam em roubar-lhe a proteção do publico, indispensavel para que ella possa reviver entre nós.

É muito querer exigir que todos os pintores sejam genios, ou que todos tenham extraordinario talento. Alguns ha, entre os novos, cujas qualidades em embryão ainda se não desenvolveram, outros, tateando anciosamente, não encontraram ainda o molde em que hão de vasar a inspiração, mais de um erra, desviando-se do seu caminho; mas isto succederá só entre nós? Não, succede em toda a parte; em París mesmo, onde a arte moderna brilha com todo o esplendor, as exposições estão longe de ser um conjuncto de obras primas. Na esteira dos illustres seguem os obscuros, e todos caminham como no espaço caminham os astros, arrastando na sua orbita os grandes e pequenos planetas e as poeiras cosmicas.

Tambem prefiro á pintura anecdotica a grande pintura, as sublimes composições que emocionam energicamente a alma, e onde o sopro do genio nos sacode e nos convulsiona; mas não se podem exigir essas manifestações supremas a uma arte que principia. Uma pequena

exposição que apresenta quadros como os de Silva Porto e de Salgado, não tem que envergonhar-se.

Os nossos pintores são na maioria novos, anceiam por saber pintar interpretando a natureza ao impulso do proprio temperamento, e já vem exigir-lhes que formem uma corrente *idealista* ou *realista*. Deixem-os ser pintores, que depois serão philosophos. Não é em dez annos que se forma uma escola de pintura, e então aqui.

Alguns artistas têem arrojo, mas vão lá erguer vôos, apesar de lhes exigirem audacias. Vejam o que aconteceu a Malhôa com o seu *Marquez de Pombal,* que, apesar de não ser uma obra perfeita, bem merecia um acolhimento diverso do que lhe deram.

II

Devia começar por Silva Porto, o mestre que attingiu ha muito a olympica serenidade, sendo uma gloria para o nosso paiz, e que acima de todos honra o *Gre-*

mio Artistico, que muito lhe deve; mas na minha carteira as notas estão escriptas ao saltitante impulso da curiosidade, e começarei por Salgado, que nos apparece este anno aureolado por um premio do *Salon* de París.

O seu principal quadro é —*Jesus,*— exposto em París, em 1892, do qual um critico francez disse: *mr. Salgado a racheté un mauvais Jésus, perdu dans une immensité boueuse par un portrait clair, expressif et très ressemblant de mr. Adrien Demont.* Ora como nenhum critico, nem mesmo o mais illustre, póde ser uma auctoridade absoluta, porque não pode libertar-se da opinião pessoal, que nem sempre é inteiramente justa, pelas muitas influencias a que está submettida, resultam d'ahi opiniões bem diversas sobre um mesmo trabalho, e eu estou longe de acceitar inteiramente a opinião de M. Hustin sobre o —*Jesus*— de Salgado.

Não pretendo levantar este quadro á *cimaise* ideal das obras primas, mas direi

que me commoveu, e que alem das suas valiosas qualidades de factura tem qualidades de sentimento e é uma obra pensada.

Quer Salgado veja em Jesus o filho de Deus, quer, como Renan, o considere o maior entre os filhos dos homens, soube idealisar-lhe a sublime figura. É um Jesus que os fieis venerariam com adoração se o collocassem no altar.

Sob um céu azul, enegrecido pela approximação da noite, estende-se a montanha escalvada, em que se asylam as sombras, mal deixando descobertas pequenas moitas agrestes. Pungente impressão de aridez e desolamento. A figura do Redemptor, magistralmente executada, ergue na lugubre escuridão a sua fina e delicada cabeça, fitando o espaço infinito, absorto em dolorosa *rêverie*. A mão direita sobre o peito e a esquerda abandonada exprimem a ancia e o desalento. Da tunica branca sáe um fulgor que divinisa aquella figura da dor humana.

Em volta do quadro de Salgado ouvi a nossa critica de nome e a anonyma rebentar em disparates, tantos e tão variados que se não podem citar. Para uns Salgado é um racionalista, e quem não for um crente, um mystico, traduzindo na pintura toda uma fé ardente, não póde pintar Jesus. Mas então a maior parte da pintura religiosa da renascença, que encheu de figuras pagãs e mundanas os templos, devia ser banida pelos christãos.

Pintura religiosa só a bysantina, a dos primitivos, e a hespanhola poderão merecer este nome, porque só ellas exprimem sob differentes fórmas esse ascetismo e esse desprendimento do mundo, que são a essencia do christianismo.

Outros querem o quadro mais realista. Por que em meio das sombras já espessas da noite está aquella figura assim illuminada?

Jesus partiu. Andava adiante e pensativo:
Muitas vezes, na estrada, um scintillante e vivo
Fulgor lhe illuminava a tunica de linho.
....

Quem se lembraria de dizer a Victor Hugo, quando escreveu estes versos, que mentia porque o linho não tem fulgurações como o diamante?

Em vista d'esta uniformidade e acerto de idéas criticas, todo o artista deve fazer como o velho da fabula, concluindo por não dar ao mundo satisfações.

Quando Gerome apresentou o —*Golgotha*—, onde apenas se vêem no alto da montanha as projecções marcadas pela sombra das tres cruzes, lá muito ao longe Jerusalem e caminhando para a cidade, confundida pela distancia, a turba-multa dos judeus e da soldadesca romana, a critica certamente disse que a téla estava vasia e que Gerome era um tolo.

É pena que Salgado, sendo pintor portuguez, não possa por esse motivo tentar muitas obras como —*Jesus*—, porque ficariam para gloria e riqueza sua a povoar-lhe o atelier.

Este artista expõe mais tres pequenas télas, uma das quaes a —*Cabeça de expressão*—, é talvez o modelo do seu —*Je-*

sus—, copiado com uma simplicidade encantadora.

Notabilissimo é o seu —*Retrato do sr. Wenceslau de Lima*,— executado com *entrain* e de um vigor de desenho que denota muito saber. O colorido é fino e os contornos suaves; n'uma bella *pose*, a figura avança para o espectador com um movimento cheio de naturalidade.

Este retrato obteve em París uma medalha de terceira classe, premio que, sendo Salgado estrangeiro, e portanto fóra das protecções officiaes, deve representar só a justiça prestada ao seu merito.

Quando nas exposições do gremio encontro uma obra do valor do retrato do sr. Wenceslau de Lima, lembra-me sempre da falta que ali faz o soberbo talento de Columbano. Os seus trabalhos seriam o encanto dos verdadeiros amadores de pintura e um poderoso elemento de ensino para os artistas novos. Columbano, porém, de um caracter tão original como o seu talento, isola-se, e o que nos consola da sua ausencia do gremio é a ex-

posição que promette em breve fazer dos seus trabalhos, a qual permittirá ao publico, não frequentador de ateliers, tomar amplo conhecimento da caracteristica e originalissima pintura do genial artista.

Que prazer me dão todas estas cousas que podem chamar um progresso, ou dar algum brilho á tão pequena e limitada arte portugueza do nosso tempo. Não pertenço a nenhuma *coterie;* considero muito todos os artistas, que admiro tanto mais quanto maior é o seu talento, a alguns quasi que os adoro. Cabe aqui uma declaração, a que a minha conscienciosa sinceridade para com os artistas e com o publico me obriga. Entre as mediocridades que o nosso gremio acolhe, chamou-me a attenção uma, que pretende tornar-se dominadora e obter o prestigio que só ao verdadeiro talento compete. Ninguem póde querer mal ás ortigas por serem ortigas, mas o que diriamos se a irritante plantinha tomasse os ares protectores de um carvalho? O conhecimento mais

profundo, porém, do caracter d'esse artista tornou a minha antipathia inteiramente pessoal, e por essa causa, quer elle se eleve aos mais altos cimos da arte, ou desca ao mais infimo da nullidade, nunca me occuparei dos seus trabalhos, pois todo o juizo que a seu respeito formar de hoje em diante, a mim mesmo me parecerá suspeito, e o facciosismo é uma cousa que considero intoleravel, mesmo na mais humilde critica da arte.

III

A proposito de Silva Porto foi por um articulista citado o nome de Lhermitte, distincto pintor francez que se occupa da vida dos campos; acho, porém, a sua maneira bem diversa da do nosso distincto paisagista. Lhermitte interpreta os seus assumptos com uma energia que se traduz por uma execução quasi brutal; está longe da suavidade de Silva Porto. Serão dois artistas de igual valor, mas cujos trabalhos differem. Eu comparo

Silva Porto a Dupré, e mesmo um pouco a Breton. Pertence a esse genero de scismadores que, como Millet, se compenetram intimamente da poesia dos campos, traduzindo-a em notas melancolicas e suaves. Silva Porto estuda a natureza em silencio, observa-a em todas as suas phases, empregando n'esse estudo os olhos e o coração. Se lhe fosse possivel viveria escondido, não direi n'uma floresta, mas em algum dos bellos recantos do seu adorado Minho.

Os seus quadros têem todo o valor do motivo, dizem-nos o clima, a estação, a temperatura, a atmosphera, e traduzem o fremito mysterioso que agita a natureza n'umas certas horas.

Não muda a formula de execução, mas affirma, cada vez mais, as suas idéas, individualisando-as. Ninguem como elle sabe tão portuguezmente, tão poetica e sinceramente pintar a vida dos nossos campos; as suas simples paisagens, os seus boieiros, as suas lavradeiras, os bois que elle modela com uma tão sympathica

expressão de robusta vida, tudo o seu pincel traduz com uma bonhomia singela e adoravel.

Ha poucos dias, lendo a *Vida ironica,* de Fialho de Almeida, encontrei lá estas palavras, que são a consagração do pintor feita por um dos mais elevados espiritos da nossa litteratura moderna: «Ora não sei que presentimento me diz que a paisagem de Silva Porto, apesar da sua uniformidade de sensação, apesar da sua ausencia «de assumptos», é da rara pintura portugueza contemporanea destinada a ir alem do immorredouro semestre que é a vida da outra». A sua vida é limpida como a sua paisagem, diz tambem d'elle Fialho de Almeida; na verdade Silva Porto, alem dos seus raros talentos de artista, possue um nobre caracter e um coração bondoso. Simples e sobrio, de uma modestia que exclue toda a *pose,* é querido pelos poucos que admitte á sua affavel intimidade, é adorado pelo publico que disputa as suas télas, sendo este anno logo nos primeiros dias da

exposição adquiridos todos os seus trabalhos.

O seu principal quadro, —*Conduzindo o rebanho,*— é digno de ter logar na mais rica galeria. Um pastor conduz o rebanho de ovelhas por uma azinhaga orlada de silvedos. Á direita as piteiras e oliveiras, que accentuam vivamente a vegetação da nossa Extramadura, têem uma justeza admiravel de côr. O rebanho, andando, levanta uma nuvemsinha de poeira secca pelo calor, e meio envolta n'ella caminha uma saloia atrás de um burrico, levando nos alforges a roupa lavada á cidade. É tão verdadeiro, tão simples e tão harmonico este episodio de estrada dos arredores de Lisboa, que encanta pela bella interpretação que Silva Porto lhe deu. O terreno, a vegetação a naturalidade das figuras, formam um tão delicioso conjuncto, que admiral-o é um prazer. Essa perfeita correcção de desenho e a harmonia de tons, que são propriedade de Silva Porto, completam este magnifico quadro.

As —*Ceifeiras*— são um poema rustico. Parece que se respira no quadro o cheiro saudavel do trigo maduro. Fez-me lembrar os dourados trigaes de Beja e as esbeltas mocetonas que sob o sol ardente erguiam os feixes de espigas, cantando:

No dia do baptisado
Não quero que vás mondar
....

Um vasto campo, banhado de luz, umas manchas de arvores ao longe e as ceifeiras, uma sobraçando o seu mólho de espigas, outra, curvada, juntando-as. Tão simples, mas tão cheio de vida e de encantadora suggestão! Commover-nos com tão pouco é o segredo dos grandes artistas, n'elle está o encanto que nos prende longas horas a contemplar a —*Glaneuse*— e os —*Moissoneurs*— do sublime poeta de Barbizon, ou a —*Étoile du berger*— de Breton.

Os —*Moinhos da confraria*— mereceram a um critico qualquer o epitheto de quadro banal. Quem disse isto, ainda

não sentiu a suggestão da ridente paisagem do Minho, são apreciadores do campo que talvez nunca passassem do Chiado, e acham banal o que não comprehendem.

Pois é delicioso este trecho, tão pronunciadamente minhoto, com as suas pedras musgosas, o céu de um azul tão suave a reflectir-se nas aguas de uma limpidez espelhante. As bellas arvores que a humidade vivifica, os moinhos, de colmo e madeira, accentuando a côr local, e essa frescura, essa delicadeza de atmosphera, que parece produzir-nos o effeito de um banho perfumado...

Expressivamente minhotas são tambem a —*Levada do Tarrio,*— tão verdadeira e de uma tão grande justeza de effeitos, e a —*Manhã*— nas margens do Ave, manhã fresca e risonha, de tons nacarados, as brumas que sobem do rio esbatendo os contornos da paisagem.

Todos os quadros de Silva Porto, mesmo os de mais insignificante motivo, têem o cunho da sua individualidade, e os elogios feitos ao seu traba-

lho, sempre tão consciencioso, são um preito de justiça. Elle possue a consciencia do seu valor, a medida exacta das suas faculdades, e, indifferente á censura como á lisonja, segue o seu caminho sem que nada o perturbe, sem melindrar ninguem, nem mesmo os insignificantes, que se dão ares de portentos.

Quando o interrogam sobre qualquer trabalho mesquinho e pretencioso, apenas encolhe os hombros, soltando algum imperceptivel monosyllabo. Todavia, alem do talento de pintor possue vasta instrucção e conhecimentos que dão grande auctoridade á sua opinião, sobretudo quanto diz respeito á arte. Podia fazer a lei, mas de um caracter meditativo e reservado, adivinha-se-lhe um fecundo borbulhar de idéas, que elle tenta suster, receioso, e que a sua palavra hesitante como que abafada pela onda que irrompe violenta, nos rouba ainda nos momentos de maior expansão.

IV

Malhôa, resentido do revez do anno passado, tem uma paragem de cansaço, mas na qual se adivinha que procura tomar alento para um resoluto avanço.

Merece os bravos que nunca se recusam aos fortes. Apresenta varios retratos, todos de um certo valor, distinguindo-se o de —*Mme Edmond Wanthelet*—, muito bem pintado e comprehendido.

O trabalho de Malhôa que mais ataques soffreu este anno foi o —*Retrato da sr.ª D. Sara Motta Vieira Marques*—. Nota curiosa. Ao tratar da primeira sala, um dos nossos criticos, depois de ter descripto delicàdamente o trabalho com que Sua Magestade a Rainha se dignou honrar a nossa exposição, diz:

Pela parte superior está o n.º 98, e em seguida dá uma tremenda desanda em Malhôa, mas de modo a demonstrar intenção de fazer parallelo entre o trabalho do artista e o simples estudo da Rainha.

Se houve essa intenção, protesto contra este modo de fazer critica, que se parece com o modo por que certos homens de ganhar fazem politica.

Approvo a descripção do trabalho de Sua Magestade, graciosamente executado n'um momento de desfastio, mas não comprehendo como um juizo são pense em comparar trabalhos de uma senhora, para quem a pintura é um motivo de distracção, com os de um artista que tem sacrificado todos os instantes da sua vida á penosa labutação da arte, correndo atrás de um ideal quasi intangivel, dolorosa via-sacra cujas *étapes* o critico parece desconhecer. Sua Magestade, que dá ao *Gremio Artistico* a gentil distincção de trabalhos firmados com o seu nome, provando n'isso o grande apreço que os artistas lhe merecem, é dotada de um alto criterio e julgará bem estas cousas.

Malhôa não desanima, e lá está a sua —*Missa das seis*— a confirmal-o. É quasi um esboceto este interessante trabalho, mas n'elle se distinguem as brilhantes

qualidades de artista. Representa um episodio animadissimo da vida das nossas aldeias. Passa-se na Beira Baixa; o terreno é accidentado e no cimo de uma collina avistam-se, illuminadas pelos primeiros raios do sol, que ainda não desfizeram as ultimas nevoas, umas casitas brancas de aldeia. Por um carreiro direito ao valle, e que se encaminha á povoação proxima, seguem os aldeões que conduzem ao mercado os productos do seu logarejo. É a hora da missa, e cá em baixo, á porta da velha igreja, accumula-se o povo. Este pedaço em que se confunde a multidão é uma bella *pochade* cheia de movimento. No primeiro plano algumas figuras mais accentuadas, como a de um pobre coxo que se arrasta amparado ás muletas. No chão descansam alforges, cestas de provisões, aves... Ao lado da igreja o muro brancacento do cemiterio, que dois grandes cyprestes galgam. Tudo isto muito bem indicado, com muito caracter e banhado por uma formosa luz natural.

As outras télas mais fracas, algumas hesitações e incorrecções, e sempre o vibrante colorido que é particular a Malhôa, a que muitos fazem a censura de parecer hespanhol, o que acho engraçado, uma vez que Portugal ainda se não deslocou da peninsula hispanica, e a sua atmosphera, logo que se afasta das povoações costeiras, deve ser tão viva e luminosa como o das centraes provincias hespanholas.

Os pintores nossos vizinhos, alguns de bastante merito, pintam e gravam impulsionados pelo proprio temperamento, e Malhôa, um typo tão peninsular, que nunca recebeu a influencia das escolas do norte, nem teve que desbotar a paleta para pintar a Bretanha, não será, talvez, o pintor que melhor traduza para a téla a brilhante illuminação com que o sol das nossas terras faz de todos os vermelhos purpuras, e esmeraldas de todos os verdes? Não será por isto que eu censure Malhôa.

V

Chegou o momento de estar de accordo com quasi todos os criticos d'este anno. Trata-se de José de Brito. Senti verdadeiro prazer vendo os trabalhos que apresenta na exposição, não só pela sympathia que sempre me inspiram, mas porque esses trabalhos confirmam a opinião que a seu respeito formei no tempo em que elle era quasi desconhecido entre nós.

Quando, ha poucos annos, José de Brito veiu ao Minho pintar o seu quadro —*A Paschoa na aldeia*—, era excessivamente timido e modesto, e, talvez receando a confirmação do proverbio: *Ninguem é propheta na sua terra,* fugia do pequeno convivio de Vianna, escondendo-se na pittoresca casinha que possue na linda aldeia de Santa Martha, e ali se entregava aos seus estudos com a indolencia de um nababo *dilettanti.*

N'esse tempo offereceu-me elle uma graciosa cabecinha de estudo de aldeã, que muito apreçio e que já revela a de-

licada sobriedade da pintura de José de Brito. O que porém me fez prever que o aguardava um verdadeiro *succès,* foi um retrato do dr. José Alfredo da Camara Leme, que apesar das manifestas hesitações de principiante, mostrava que o seu auctor devia tornar-se um retratista de merecimento.

O retrato de —*D. Anselmo de Sousa Botelho*— vem confirmar plenamente o que então prophetisei a José de Brito, e é um dos primeiros trabalhos da exposição. Boa a modelação, caracter, colorido e desenho; tem todas as qualidades. É um retrato com vida, pensa, e honra sobremaneira o modesto e consciencioso artista.

O seu outro quadro —*Où es-tu, Li-li?*— merece tambem muito apreço, e já tinha estado no *Salon* de París, em 1892.

É uma scenasinha passada na Bretanha, em que junto á porta de uma habitação humilde, duas rapariguinhas, que algum pintor tomou para modelos, observam na ausencia do artista a téla em que estão representadas.

Apesar do colorido um tanto fraco, esta composição agrada pela graciosa simplicidade, a cabecinha da rapariga que está de pé é bellamente executada, e exprime a attenção com que a pequena procura responder cabalmente á pergunta da sua companheira.

VI

Uma nota do *carnet* de Abel Accacio sobre João Vaz.

«É um delicado, um subtilissimo artista, um apaixonado apprehensor do vago, em cujo retrahido e casto temperamento como na *iris* intraduzivel de um Budha apagada e serena, boia sempre uma diaphana bruma de mysterio.»

Bella maneira de definir o pintor que confidenciou ás limpidas aguas do Sado os devaneios da sua adolescencia, e recebeu em troca os segredos d'esse azul purissimo que ellas guardam, dos mysterios que as fazem lançar aos raios do sol fulvas scentelhas, que viu desdobrado

o tecido de prata sob que ellas dormem em noites de luar. O Tejo tambem lhe ensinou o canto musical das suas brisas, patenteando-lhe o fremito voluptuoso que o agita quando lhes sente o roçar das azas.

Vaz continúa a iniciar-nos em os segredos da intimidade da sua convivencia com os rios, e a mostrar-nos tambem que horas melancolicas perde na contemplação das musgosas paredes em que a mão do tempo imprimiu o venerando sêllo da antiguidade.

É um artista que o publico adora já ha muito tempo, seduzido pelo encantó d'essas estrophes em que elle lhe canta os pequenos episodios que surprehende sobre as aguas. Todos aquelles que n'uma bella tarde contemplaram do isolamento de algum rochedo um pôr de sol no oceano, os que adormeceram embalados pela cadencia dos remos, singrando rio acima, n'uma manhã côr de rosa, os que têem passado horas a ver quebrar-se-lhe aos pés a onda azul que desmaia ao contacto

ardente do areial dourado, todos esses irão buscar ás télasinhas de Vaz a continuação do seu sonho, que guardarão apressados no recanto do lar que lhes abriga as horas de repouso.

As más linguas que ralhem com os nossos artistas que fazem paisagens só, que fazem só marinhas; as marinhas são até tão poucas para este nosso paiz, que é quasi todo mar...

Dê-nos muitas marinhas, Vaz, deliciosas como o seu —*Patacho á carga*—, a sua —*Manhã*— o seu —*Crepusculo*— o —*Pôr do sol*—, em que é pena aquellas gaivotas que esvoaçam serem de um tom tão monotono, que perderiam se algumas d'ellas estivessem voltadas á luz. Gosto muito da —*Vespera de temporal*—, onde ha toda a graça encantadora que Vaz imprime aos seus trabalhos, e agrada-me tambem a —*Baixa mar*—, apesar da má impressão que este quadro produziu n'um critico, que não estudou geologia e de certo nunca observou terrenos onde predomina a limonite e outros oxy-

dos de ferro, julgando, portanto, que a ochra só se encontra nos droguistas.

VII

Marques de Oliveira é um dos nossos pintores que melhor conhece a sua arte.

A sua pintura é a de um mestre que esconde em si, n'uma casta e delicada reserva, um sonhador.

A sua exposição este anno não tem para mim o encanto da exposição anterior; tive saudades d'aquellas paisagens que deixavam na alma uma impressão profunda, eram risonhas como o sol e poeticas como as mais bellas manhãs; saudades d'aquelle seu formoso quadro —*Esperando os barcos*— tão emotivo e verdadeiro; todavia não direi que Marques de Oliveira pintou descuidosamente. Marques de Oliveira, ao contrario, estudou muito este anno, faltando-lhe o tempo para pintar porque empregou todo o que os seus deveres officiaes lhe deixaram livre em instructivas viagens e visitas por

alguns museus da Europa. Foi a París, á Hespanha e á Italia, e as deliciosas *pochades* que trouxe d'este giro artistico, e que tive o prazer de poder admirar em sua casa, indicam que o seu talento é de primeira ordem, e nos reserva para as futuras exposições bem gratas surprezas.

E foi o tempo gasto em viagens e estudos que não permittiu que o artista se apresentasse na exposição d'este anno tão brilhantemente.

São tres os seus quadros, —*O tear*—, interior rustico, verdadeiro *atelier* domestico de tecidos para o vestuario aldeão. Uma robusta rapariga trabalha n'um tear de simplicidade primitiva. No primeiro plano uma mulher enche as cannelas, para que o fio esteja sempre preparado e a tecedeira não interrompa o trabalho. Mais alem uma outra está occupada em fiar.

Os tons são harmoniosos e a luz clara e vibrante penetra pela galeria envidraçada tão peculiar das habitações minhotas. Uns longes esfumados que se divisam vagamente, dão a impressão de

um formoso dia. Gosto menos da sua —*Pensativa*—, que tem grandes qualidades de desenho, mas é uma figura inexpressiva. O modelo, excessivamente delicado, contrasta com o geral das moças que vestem o pittoresco trajo da aldeia de Santa Martha, formosos typos de atentadas camponezas, que são das mais bellas maravilhas que encerra o fresco valle do Lima. Achei linda a —*Cabeça de estudo*—, que tem marcadas todas as qualidades do primoroso artista que a executou. É um typo de aldeã, trigueiro, de uma rusticidade expressiva e cheia de naturalidade.

Resumindo, Marques de Oliveira é um dos artistas em quem mais confio, porque tem, como Silva Porto, a consciencia do que faz, e sabe as difficuldades da sua arte. Trabalha com paixão, sem se importar demasiadamente com o lucro, aspirando á gloria, que lhe está reservada, porque o tempo faz sempre justiça aos que valem.

VIII

Ramalho, como querendo desmentir a sua forte musculatura, é um dos pintores mais delicados e o seu pincel passa sobre a téla subtilmente, deixando toda a pureza das côres. É o nosso artista que melhor sabe pintar a graça feminina, a fragilidade seductora e a fina carnação das mulheres. As creanças são tambem por elle tratadas com mimo primoroso.

Apresenta-se na exposição brilhantemente, sendo o mais notavel dos seus trabalhos o — *Retrato de senhora* —, que está por concluir, mas no qual eu não tocaria mais. É correctissimo de desenho, e tão natural a expressão de bondade impressa n'aquella physionomia de velhinha... Ella tem de certo passado os annos a amar e a soffrer resignadamente os inevitaveis desgostos que sulcam uma longa vida. É alma escolhida e revela no olhar uma pureza immaculada de sentimentos, uma grande intensidade de amor

e de compaixão. São umas ruinas enternecedoras e tem um grandioso que não alcançam muitas juvenis formosuras. Um bravo a Ramalho por esta bella obra.

São tambem primorosos o seu — *Estudante* — e o — *Retrato do sr. Gualdino Gomes* —. O primeiro, de uma fina execução, apresenta o perfil do distincto escriptor que, sob o nome de *João Sincero,* se tem occupado mais de uma vez conscienciosamente de critica de arte. Inclinado sobre uma brochura está absorto na digestão da sapientissima materia que ella encerra. O fundo, de um arrojo que poucos tentariam, representa um velho tapete de Arrayolos, pintalgado de vivas côres, da antiga e perdida fabricação tão cheia de reminiscencias arabes.

O segundo é uma expressiva interpretação do caracter bohemio e cavalheiresco de Gualdino Gomes. Encontrâmos fito o seu olhar observador e intelligente através da petulancia do monoculo. Parece que estamos ouvindo a analyse fria e cortan-

te, sempre justa, que elle faz á idiotice da sociedade.

É um bello retrato o d'este cavaqueador impagavel, meio Quixote e meio Mephistopheles, que faz saltar o ricasso burguez sob o chicote da sua satyra mordente:

> Gasta rios de dinheiro
> Trajando setins, velludo,
> Ella é mulher de um tendeiro
> Minhoto, grave, pansudo.

É encantador o —*Retrato de creança*— linda e fina cabecinha que sobresáe n'um fundo de setim acarminado, onde os tons mimosos da epiderme brilham como uma incrustação de marfim.

—*O serão*— é um bonito quadro, onde ha cohesão entre as figuras, caracter e boa distribuição de luz, mas a recordação do —*Chez mon voisin*— rouba-nos toda a admiração por esta obra secundaria de Ramalho. —*As flores*— são uma composição delicada, onde uma bonita rapariga, typo de *grisette,* que nos sorri mostrando uma preciosa fiada de

perolas, sobraça um grande ramo de flores. Vem com certeza do campo a rapariga; traz as roupas impregnadas de perfumes agrestes, merendou, á sombra das ramadas e teve que fugir de uns braços robustos que tentavam cingir-lhe a esbelteza do corpo; é a recordação de todas essas aventuras picantes que lhe aviva a physionomia provocante e felina n'aquelle sorriso gaiato. Se era assim o modelo, foi com certeza do pintor que ella fugiu quando n'um subito arranco elle lhe iria pedir aos labios a inspiração.

É ainda um bom quadro a sua —*Praia da Boa Nova*—, pedaço de marinha em que o artista soube bem exprimir a vastidão. Verdadeiros aquelles tons algidos que se observam depois de um aguaceiro; é uma tonalidade fria, desabrida, que parece nos faz sentir a rude aspereza das nortadas.

Toda a exposição de Ramalho prova que elle não affrouxa, que é um dos pintores que nos honram e merece a muita consideração em que é tido.

IX

Um dos novos pintores que apesar do seu muito verdadeiro merito não conseguiu ainda captar as sympathias do publico é Luciano Freire, a quem direi que não abandone a linha severa que a rigidez do seu caracter lhe traça; a sua não subserviencia a imposições que podem obter-lhe insignificantes vaidades de momento, ha de ganhar-lhe um logar indiscutivel n'uma jerarchia elevada. Luciano Freire segue o aspero mas seguro caminho da verdadade, trabalhando conscienciosamente, guiado pela pura religião da arte; forte na propria estima tem-se afastado até hoje das intrigas em que outros procuram o engrandecimento.

O seu caracter justo e digno repelle tudo o que póde parecer-lhe uma baixeza, e os seus trabalhos, ainda incomprehendidos pela maioria, lá estão mostrando o quanto vale.

Apresentou tres quadros, dois bastante notaveis. —*Effeitos de manhã*— é uma

das boas paisagens da exposição; passou desapercebida porque não *berra,* sendo um bocado de pintura das mais solidas qualidades. Que justeza nos valores dos planos, tão bem encontrados, que verdadeiros os tons d'aquella manhã fria e humida, que cobre as verduras todas de orvalho. E a natureza ainda mal desperta do repouso da noite.

O outro quadro — *A venda do leite* —, apresenta a mesma conscienciosa sinceridade, e mostra a bella aptidão animalista de Freire. É uma scena da Lisboa matinal muito bem interpretada e traduzida.

Um leiteiro com duas vaccas junto de uma casa, onde a creada á porta espera o leite.

O pintor levou a sua observação aos mais pequenos pormenores que podem imprimir no quadro a justa expressão do assumpto. Illumina-o a luz fria de uma manhã de inverno, uns ramos de arvore despida erguem-se do muro de um quintalito, a humidade resuma de tudo.

O grupo da vacca e do bezerro á direita tem uma graciosa naturalidade. É um trabalho que merecia para o seu auctor applausos que lhe não deram, mas não lhe hão de faltar quando o seu corajoso e serio talento se impozer irresistivelmente ao publico, que ficará admirado por ter demorado tanto em conhecel-o.

O outro quadro —*Um deita gatos*— é tambem um estudo de typo das ruas; indica a justeza de observação caracteristica de Freire, mas agrada-me menos na execução e na composição do que os trabalhos descriptos.

X

Entre os paisagistas que merecem muito especial menção está Jayme Verde, que imprime aos seus quadrinhos um sentimento que, na verdade, falta a um grande numero de paisagens.

Este artista, estudando ainda em París, expõe tres quadros executados em França: —*Alameda dos suspiros*— *(Chateau de Trefeslhe, Point-Croix)*, —*Cre-*

pusculo (Ribeira de Keridref, Point-Croix) —*Rue de Malestrait*— e tambem as —*Dunas de S. Martinho do Porto*—, bocadinho achado n'um ponto bem pittoresco da costa da nossa Extremadura. Infelizmente, este quadro, apesar do valor innegavel dos primeiros planos, agrada-me menos do que a pintura trazida do estrangeiro, da qual é muito para apreciar o —*Crepusculo*—, tão impregnado da melancolica expressão do momento.

Quando Jayme Verde, que tão bem aproveita o seu tempo na grande escola de pintura moderna de París, voltar a Portugal para empregar as suas bellas qualidades de paisagista no amoroso estudo do nosso formoso campo, teremos, espero, o prazer de admirar mais alguns d'esses bellos trabalhos, que são enlevos para os olhos e dão aos nossos espiritos cansados alguns instantes de repouso.

XI

Baeta é tambem um dos que não esmorecem, estuda e segue serenamente o seu caminho. Da sua exposição este anno tem o primeiro logar as duas cabeças tão primorosamente modeladas que apresentou: —*Cabeça de velho*—, excellente trabalho com muita expressão e de um bello desenho e —*Cabeça de estudo*—, graciosa rapariga, toucada com o lenço como habitualmente o usam as mulheres do povo em Lisboa, e que o pintor tocou delicadamente, enchendo-a de vida e de fresca mocidade.

O colorido de Baeta é geralmente um pouco frio.

Absorvido pelos trabalhos decorativos a que mais especialmente se dedica, só nos apresenta umas pequenas télas, que mal deixam apreciar o seu merito; é porém artista de bastante merecimento e um assiduo trabalhador.

Consta-me que ultimamente, a convite do illustre scenographo Manini, foi en-

carregado da decoração de um palacio em Cintra, e este convite pela competencia de quem o fez, honra o merecimento de Baeta.

XII

Entre os pintores que se distinguem por uma maneira sua está sem duvida alguma Carlos Xavier. O seu — *Outomnando* — é uma paisagem de singular sentimento, tão cheia de patriarchal doçura que me faz desejar ser lavrador; nunca assim seria um castigo ganhar o pão com o suor do rosto; e aquelle homem, gosando em tão serena beatitude o fórmoso alvorecer, acompanhando os bois que pachorrentamente abrem na terra os sulcos que hão de receber a semente geradora, dá rasão aos moralistas russos em pôrem a felicidade humana na pratica dos trabalhos ruraes. São formosos os bois pintados por Xavier e o tom da paisagem, nos primeiros alvores da manhã, tem uma expressão de socego tão ineffavel que parece ouvirmos piar as aves agres-

tes, que não temem as já frias brumas percursoras do inverno.

XIII

D. Josefa Greno continúa, como nas anteriores exposições, a ser uma interessante jardineira que trata primorosamente os seus —*Lilazes*—, as suas —*Rosas*—, os seus —*Amores perfeitos*— e todas as flores de que o seu jardim se compõe. É uma nota graciosa na exposição a d'estes grupos de flores reunidos por mãos femininas, as unicas que sabem tocar-lhes sem lhes estragar o mimoso das pétalas.

Gosto muito de flores, as rosas então *pamées* são encantadoras. Ás vezes embirro com os amores perfeitos, que, abrigados na rica petulancia dos seus trajos de velludo, me parecem uns garotinhos malcreados a fazer caretas. Não especialisarei nenhum quadro de D. Josefa Greno, para que? São tudo flores e bellas, que importa que ella separe as suas rosas, que as deixe ir ao lado dos malvaiscos,

ou lhe junte a nota alegre e primaveral dos malmequeres?

Vou terminar estas notas sobre a pintura a oleo, citando alguns trabalhos de um ou de outro artista, que por uma ou outra qualidade saliente me chamaram a attenção, como a paisagem —*Inverno*—, muito bem tratada por Ezequiel Pereira, a —*Cabeça de rapaz*—, de um bom desenho de Arthur de Mello, a —*Praia de Cascaes*—, marinha de Mello Junior, em que é justissimo o tom das aguas, a —*Casa rustica em Noeda*—, de Torquato Pinheiro, a —*Hero e Leandro*—, de Adolpho Rodrigues, que agrada pelo bom desenho apesar do mau colorido, e d'este mesmo artista —*Esperando o peixe*—, quadro, que embora tenha algumas durezas é muito bem desenhado, e —*De manhã*—, de Galhardo, em que ha uma excellente luz.

XIV

Aborrecido com os disparatados exageros da critica, resolvi limitar-me a apon-

tar os trabalhos que fossem merecedores de verdadeiro applauso, e sinto maior vontade de investir com os criticos de que com os peiores artistas.

É innegavel que a exposição encerra um grande numero de obras de uma mediocridade desconsoladora. Torna-se necessario, porém, notar o grande numero de quadros expostos por amadores, que empregam apenas os seus ocios e não a parte mais viva da sua energia intellectual no cultivo da arte. Nada ha mais prejudicial para o gremio do que a extraordinaria invasão de pseudo-artistas.

Os amadores, principalmente os amadores femininos, prejudicam gravemente a exposição, porque as attenções devidas ás senhoras coactam o jury, levando-o á acceitação de obras abaixo de toda a critica. E uma rasão de relativa mas plausivel justiça, obriga-o a acceitar depois d'isto, aos artistas de profissão, trabalhos de uma inferioridade que prejudica até alguns que já têem dado boas provas de talento.

Como poderá esta desordem remediar-se?

Fallando de senhoras, exceptuando D. Josefa Greno, artista já de ha muito consagrada, não quiz entrar na critica dos seus trabalhos, o que não quer dizer que algumas d'estas delicadas mãos não tenham feito obras acceitaveis; seria injustiça e para me desmentir bastaria D. Emilia dos Santos Braga, uma discipula de Malhôa, que possue um talento incontestavel. Mas se entrasse a desfiar a meadinha que no catalogo tece uma rede de gentis nomes, quantos fios mais debeis a minha mão rude iria desastradamente despedaçar?

Limito-me a pedir ás gentis amadoras que se não imponham, nem se ceguem pelas nuvens de applausos que os amigos e os aduladores hão de prodigalisar aos productos dos seus finos, mas tantas vezes inconscientes pinceis. Tenham a coragem de pedir justiça, porque benevolencia tem-na sempre certa.

XV

Entrando na sala destinada aos pasteis, aguarellas e esculpturas, deparava-se logo de frente com dois grandes desenhos a pastel, firmados por Sua Magestade El-Rei.

Tratando da exposição anterior, saudei com enthusiasmo os trabalhos que o senhor D. Carlos n'ella apresentou, os quaes faziam de El-Rei um primoroso artista.

Um d'esses desenhos, offerecido por Sua Magestade ao *Gremio Artistico*, está na sala de leitura, e continúo a admiral-o ainda depois da analyse minuciosa de muitos dias, que quasi sempre, mostrando os lados falsos das cousas bellas, affrouxa o enthusiasmo da primeira impressão.

Foi menos feliz este anno o regio artista, que expõe um —*Combate naval*—, e uma —*Paisagem do Ribatejo*—, de pittoresco motivo. No —*Combate naval*—, os navios entram bem na agua e o conjuncto está tratado largamente; mas o ás-

sumpto difficil, exige, para quem d'elle se occupar, muito aturado estudo, ou uma evocação feita por poderosa phantasia capaz de dar vida á visão reveladora.

A —*Paisagem do Ribatejo*— tem parte das aguas bem achadas, assim como os longes, mas, em geral, principalmente nos primeiros planos, onde ha uns juncos que prejudicam a factura, apresenta uma rigidez desagradavel. O que é innegavel é que ás obras firmadas por Sua Magestade preside uma primorosa escolha, têem sentimento, e, ainda quando se lhe encontrem defeitos, mostram que as executou mão adestrada.

Nota curiosa.

Um nosso critico, muito parisiense, dizia que nada de novo, ou digno de menção resultaria da analyse dos trabalhos do *Gremio,* todavia elle encontrou uma cousa notavel: uma escola Lhermitte, Silva Porto pinta á Lhermitte, Sua Magestade desenha á Lhermitte, e ainda por certo encontrou por lá varios outros *Lhermitte,* que calou por conveniencia.

Alguma cousa havia de dar-nos a influencia de París.

Expõe ainda D. Josefa Greno umas alegres *Papoulas* a pastel, de uma verdadeiramente primaveral frescura, e executadas com largueza.

XVI

Dos aguarellistas continúa occupando o primeiro logar Roque Gameiro. A mais importante das suas aguarellas d'este anno é o —*Retrato do sr. Libanio da Silva*—. Tem a boa e facil execução propria de um aguarellista que sabe aproveitar a tempo a pincellada, fundindo-a com a immediata n'um cambio feliz de effeitos, e uma interpretação elevada e verdadeira do modelo, que não deixa em duvida o talento do seu auctor.

Não é um retrato banal, e para o avaliar é necessario ter visto o sr. Libanio da Silva no seu escriptorio, apanhando-o em flagrante no trabalho. Comprehende-se então o valor d'esta obra de Gameiro,

que soube realçar os lados typicos do modelo, dando-lhe pose em harmonia com o seu temperamento e os seus habitos. Conseguiu fazer um bom retrato o distincto aguarellista.

Apresenta ainda Roque Gameiro varias aguarellas, todas de merecimento, como —*D'emboscada*—, —*Pierrette*— umas encantadoras e viçosas —*Piónias*—, e um pequeno mas interessante estudo de —*Marinha*—. É pena que a sua limpida paleta nos não dê uns tons mais quentes.

Entre os aguarellistas apresentou-se este anno um moço hespanhol, Luiz Ramos Martinez, que bem merecia uma attenção mais seria do que recebeu.

Luiz Ramos é um inexperiente, ignora ainda muito da arte que cultiva, mas pertence ao numero dos que sentem uma real e sincera vocação artistica.

Os seus trabalhos de principiante são de um arrojo que impressiona; o —*Portal do convento de Sant'Anna*— é uma prova; conseguiu até chamar a attenção de Columbano, que, n'aquellas pincela-

das, apesar dos erros de perspectiva e da má disposição do conjuncto, reconheceu a mão de um verdadeiro artista que começa.

XVII

Da esculptura, a classica e sublime arte, não terei muito que dizer, tão poucos esculptores figuram na exposição. É pena por ser ella a arte que melhor faz a educação artistica de um povo, pois em logar de esconder-se sempre no recinto fechado dos edificios é á luz plena e livre das praças e dos jardins que ostenta o melhor das suas maravilhas. —*Mocidade*—, grupo pelo esculptor Alberto Nunes, é uma graciosa composição, mas não realisa o pensamento do artista, porque a cabeça da rapariga, em demasia accentuada e dura, destôa da graça do corpo juvenil tão finamente modelado, e que, enlaçando o do gentil amante, corre com tão alegre viveza.

Formosa é a rapariga que —*Volta da fonte do Castanheiro*—, e sobre formosa garrida; como ella leva um cantaro tão

ricamente enfeitado. Esta figura de linhas graciosas, pousa bem, e honra muito o talento e o gosto do seu auctor, o distincto discipulo de Simões de Almeida, Antonio da Motta.

São adoraveis as duas — *Cabeças de creança* — expostas por Moreira Rato, tocadas com uma delicadeza que não exclue a firmeza de cinzel qualidade que mais se manifesta no busto em medalhão destinado ao mausoléu do illustre e infeliz dr. Sobral. No — *Retrato do dr. Sobral* — é excellente o trabalho da cabeça, mas as linhas do corpo, tão duramente convergentes, desagradam.

Depois dos trabalhos d'estes tres artistas, nada mais ha de esculptura, alem de uns bustos e medalhões expostos pelo sr. Fuller, professor da escola industrial Jacome Ratton, de Thomar.

XVIII

«Se suppozermos que, por uma invasão de barbarie ou por um cataclismo, os

monumentos historicos são todos destruidos, as tradições quebradas e as noções do mundo antigo apagadas da memoria dos homens; que os livros todos pereceram, e que n'este naufragio dos conhecimentos humanos apenas foi salva uma collecção completa de pedras gravadas, de moedas e de medalhas, bastaria talvez a descoberta d'este unico thesouro para nos restituir os monumentos desapparecidos, reatar as tradições, refazer a sciencia e recompor a historia.»

Estas palavras de um illustre escriptor provam quanto a glyptica é valiosa, e quando contemplâmos os bellos exemplares da arte de Eveneto e de Glicon, que a antiguidade nos legou, essas formosas medalhas, esses esplendidos camapheus em que ao valor da materia prima se allia o supremo valor da arte, achâmos que a glyptica não só é valiosa mas soberanamente bella.

Os processos industriaes que a invenção do balanceiro e outras machinas modernas fizeram applicar á cunhagem das

moedas e medalhas tiraram-lhe grande parte do seu valor artistico. No tempo de Victor Pisanello e Briot era ainda a mão do artista que dirigia sobre cada exemplar o martello gravador, guiando-o ao impulso da propria vontade; hoje é a machina que governa tudo com a sua cega e mathematica inconsciencia, e as medalhas actuaes soffrem essa vulgaridade que ataca quasi todos os productos dos nossos dias. Mas se é a machina quem a executa, é sempre um artista quem a concebe, e, na exposição do *Gremio,* analysando a valiosa collecção de trabalhos expostos pelo nosso distincto gravador Cassiano Maia, sentimos que entre tantos criticos que se occuparam dos differentes ramos da arte apresentados na exposição ninguem tivesse para com aquelle artista as attenções que os trabalhos expostos mereciam.

O sr. Maia tem na *Direcção geral dos trabalhos geodesicos* de que é gravador, dado provas do seu talento e illustração, e na exposição do *Gremio* bastaria para

dar-lhe nome entre artistas, a medalha que apresenta no anverso o busto da —*Imperatriz Amelia*—, esposa de D. Pedro IV. Alem d'este bello exemplar vêem-se na exposição a medalha do —*Centenario do Marquez de Pombal*—, as medalhas do —*Centenario de Camões*—, feitas para Lisboa e Coimbra, a medalha do —*Real collegio militar*—, a das —*Escolas municipaes de Lisboa*—, a medalha da —*Inauguração do monumento de Camões em Coimbra*—, as que pela occasião do centenario de Camões foram mandadas gravar pelo —*Atheneu commercial de Lisboa*— e pela —*Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes*—, a medalha da —*Sociedade pharmaceutica lusitana*—, e ainda uma excellente medalha com o —*Busto do sr. conselheiro F. A. da Veiga Beirão*—.

Como se vê, estão encerradas n'este quadro as mais importantes medalhas cunhadas em Portugal nos ultimos annos. Cassiano Maia é um artista proficientissimo, grava e cunha as suas medalhas,

algumas das quaes são de grande perfeição. É um trabalhador benemerito e consciencioso que muito honra a arte entre nós.

XIX

Que conclusão podemos emfim tirar dos trabalhos expostos? Tem a arte progredido? O *Gremio* satisfaz ao intuito com que foi organisado? Que effeito têem as exposições produzido no publico?

Concordam muitos commigo em que se os nossos pintores não apresentam um progresso notavel nos ultimos annos, nem nenhuma manifestação extraordinaria, todavia affirmam pelo trabalho uma vontade constante de progredirem. O *Gremio*, affirmativa individual de um grupo de trabalhadores, que tenta reagir contra a indifferença publica e incompetencia official, é uma associação que continúa bem merecendo da arte e dos artistas, e se souber aproveitar o que ha de util no rude ataque com que a favoreceu a critica este anno, encontrará elementos de

actividade, de força e de progresso. É tambem innegavel que as exposições têem produzido algum effeito no espirito publico; pelo menos a moda tem pendido para este lado. A influencia real, arrastando a côrte, tem n'isso parte; mas estas cousas todas contribuem para que o povo se eduque; afina-se o gosto, o burguez emprega algum excedente dos seus cabedaes na acquisição de umas télasinhas que irão dar um certo relevo ao seu *home,* e por todo o paiz, mercê dos echos dos jornaes, se falla de arte, cousa nunca vista. Sabe-se que existe uma pintura que não é exactamente a que inspirou o Miguel Angelo, de Santo Thyrso, auctor de um famoso *painel das almas.*

Bem sei que este pouco não satisfaz os grandes sonhadores, nem os *raffinés,* assim como não me satisfaz a mim, que queria mais, muito mais, mas, com a fortuna! se eu comprehendo a difficuldade da realisação do que se deseja!

Todavia seria bom, e talvez possivel, que alguns dos nossos artistas de provado

talento, se esforçassem por trabalhar no sentido da arte pura, da grande e ideal arte, fazendo qualquer cousa de elevado e desprendido de todo o interesse profano, obedecendo á inspiração que synthetisasse todas as vivas forças do eu que em si guardam. Seria bello, seria talvez grande.

Ha quem sonhe com o apparecimento de um genio apaixonado e dorido, que traduza pela pintura as queixas, as melancolias supremas de que as almas hoje soffrem. Esse artista seria o producto de uma geração apurada nas ancias do espirito; mas, verdade, verdade, em a nossa sociedade tão pacatamente burgueza, não seria essa apparição uma cousa bem singularmente exotica?

Agora vamos á critica. Isto é um pouco tarde, a exposição já fechou ha que tempos, e a maior parte das pessoas já nem se lembram do que os jornaes a esse respeito disseram. Mas quem recolhe á provincia, passados uns dias, mais ou menos febrilmente na capital, deita-se a

dormir debaixo das arvores, e agora então, na primavera, com relvas tão frescas e perfumadas! Adeus, trabalho! Basta a carga da tarefa profissional, obrigatoria.

Aquelles, porém, a quem estas cousas interessam, ainda se devem lembrar do que a gente lia em março nos jornaes da capital, por exemplo da critica nephelibatica do sr. Eugenio de Castro, ao qual, poeta habituado a viver entre nuvens, se perdoam as aberrações. Tambem ainda não deve ter esquecido o parisiense *aplomb* com que o sr. Marianno Pina cortava casacas aos artistas, enfeitando-lh'as com rabo-levas.

Elle vinha armado de ponto em branco para a critica, tinha passeado os *boulevards* diariamente; ouvíra conferencias de Taine; assistíra varias vezes ao *vernissage;* conhece *estrellas* de primeira grandeza, visitou os museus todos. Um felizão! Depois, em Lisboa, que horror! Acontece-lhe como ao visconde do *Primo Basilio,* só encontra decentes as sextas feiras no Senhor dos Passos. Toca a dar

para baixo, isto são uns brutos! Chega-se-lhes, com palavrinhas doces, mas chega-se-lhes devéras. E d'ahi uma polemica endiabrada, pró e contra o *Gremio* e os artistas.

O que é facto é que nenhuma exposição deu origem a tão animadas discussões; o publico interessava-se; estas questões de jornaes são um *sport* que elle saboreia regaladamente; até agora só tratavam de politica, mas passaram a entrar no dominio da arte. Um aperitivo que tem faltado; verão como as futuras exposições hão de ser concorridas.

O systema, porém, do sr. Pina argumentar, allegando constantemente as suas *tournées* cosmopolitas é que é um tanto *parvenu*. E esse modo de criticar fazendo absurdos parallelos, querendo avaliar a arte em Portugal com os olhos deslumbrados pelas maravilhas de París, não póde ser acceite. Deve acontecer como aos que vindo da radiante luz do meio dia em *plein-air* entram n'um aposento em que as cortinas estão cerradas; en-

contram-se ás escuras. É necessario primeiro habituar a vista á meia luz para avaliar os contornos e apreciar o colorido dos objectos.

Estas questões de critica de arte pondo-me em evidencia o sr. Pina, que eu pouco conhecia, trouxeram-me á lembrança uma pertinaz idéa, que tive quando pela primeira vez vi o seu retrato, executado magistralmente pelo pintor Columbano. Na exposição em que então figurou, nas salas do *Commercio de Portugal,* tinha a saliencia de uma obra de cunho, que chamava a attenção. Um trabalho soberbo; n'um fundo escuro sobresaía a cabeça do modelo vigorosamente tratada. Eu andava n'esse tempo muito enfronhado n'uns estudos de anthropologia, e todas as vezes que ía á exposição e via aquella cabeça de um tão exquisito relevo, sentia uns enormes desejos de poder sondal-a, applicando-lhe as medidas de Broca.

Maio de 1893.

A QUARTA EXPOSIÇÃO

DO

GREMIO ARTISTICO

I

Apresenta-se a quarta exposição do *Gremio Artistico* innegavelmente inferior á antecedente. Esperava que os rigores da critica tivessem estimulado os nossos trabalhadores da arte; mas se esse estimulo existiu foi tão pequeno que as causas morbidas de que soffre a arte nacional o abafaram. Não falta vontade a meia duzia de sonhadores destemidos, mas a indolencia adormece alguns talentos preciosos, o meio estiola os fracos, desnorteia os hesitantes, a boa direcção falta, e n'isto, como em tudo o mais, o nosso viver apresenta-se n'um estado de fraqueza desanimador.

Não quero dizer que na exposição não hajam trabalhos de merecimento, que alguns artistas se não individualisem, certos talentos se não confirmem, e não se encontrem emfim, quadros capazes de ficarem como prova da capacidade artistica dos nossos pintores. Mas é tão pouco o que a exposição encerra de bom a salientar-se entre as vulgarissimas banalidades! E que de banalidades incriveis, que de largas télas tão pequenas como as do conde de Almedina, que copía quadros de Vaz, e photographa interiores de edificios, como o *milagre* que transforma n'uma mulher feia uma das mais distinctas formosuras da sociedade lisbonense!

Mais que nunca n'estas minhas observações procurarei apenas apontar os quadros que por qualquer qualidade me impressionaram agradavelmente, e a felicitar os artistas que apresentam um progresso ou uma affirmativa de talento.

Sinto que seja pequeno esse numero, e haja entre as obras apresentadas pou-

cas que mereçam a elevada consideração que se presta ás obras de arte. É pena que os nossos artistas não sintam o ardente enthusiasmo que vence todas as difficuldades e faz prodigios. Na verdade cousa extraordinaria seria que florescesse viva e bella em a nossa existencia decadente, a sublime arte que é sempre o producto de uma civilisação superior de uma prosperidade opulenta.

Se a nossa litteratura é ainda relativamente rica, deve-a a ser esta arte a mais espontanea e ao mesmo tempo a mais communicativa.

As maravilhas da litteratura espalham-se até aos mais remotos cantos do mundo onde haja um homem que pense e leia. A poesia, suprema expressão da alma humana, surge inculta, mas grande e bella de surprehendente originalidade, nas sociedades que começam a dar os primeiros signaes de vida, resiste a todas as convulsões sociaes, chora em threnos as desgraças da patria, castiga em risadas os vicios que a fazem morrer. Homero,

Dante, Jeremias e Juvenal não foram contemporaneos das epochas florescentes. Phidias veiu muito depois de Homero, e Raphael já não fallava a linguagem do Dante.

As artes plasticas só progridem n'um meio de elevada cultura, e são a mais incontestavel expressão d'ella.

Querer, como alguns, que o nosso movimento artistico acompanhe o nosso movimento litterario é querer um impossivel, embora esse desejo seja estimulado pela nobre ambição de ver applaudidas, veneradas e nossas, obras que são, em qualquer parte que appareçam, glorias para humanidade.

II

Primeiro que dos artistas fallarei dos amadores e discipulos, que são a doença de que ha de morrer o *Gremio,* o qual pouco a pouco se vae transformando em bazar de curiosidades. Porque é o jury tão benevolo, e porque lisonjeiam os ar-

tistas os seus discipulos, mascarando-lhes com uns inilludiveis toques dos seus pinceis as obras incorrectas, que depois apresentam na exposição, o que desacredita a um mesmo tempo os mestres e os discipulos? Um caso d'estes passaria desapercebido, mas são tantos e tiram por tal fórma a seriedade ás exposições do *Gremio,* que os artistas zelosos da sua dignidade virão mais tarde a fugir-lhe.

Que os pintores se deixem de lisonjear vaidades, por interesse proprio, e para bem geral, e que os amadores conscienciosos sujeitem á imparcial decisão do jury os trabalhos unicamente devidos ao proprio esforço. Ao jury compete fazer conscienciosamente a selecção d'esses trabalhos, excluindo aquelles que não merecerem approvação, sem se importar com quem sejam os seus auctores. A arte acima de tudo.

III

Sua Magestade El-Rei apresenta um trabalho a pastel, importante, pois a pintura historica é o ramo que maior seriedade exige n'um artista. Não bastam n'ella virtuosidades de pincel, simples emoções de sentimento, exige o emprego de altas faculdades de espirito, para a interpretação e composição do assumpto.

O motivo escolhido pelo senhor D. Carlos na sombria tragedia do *Demonio do Meio Dia,* é esplendido. A scena que o quadro representa já a pintára n'uma emocionante poesia o mallogrado artista das *Miniaturas.*

E Filippe dizia ao monge no entretanto:
«Sentinella da lei, piedoso inquisidor,
«Tu que fallas com Deus e és padre, e és bom, e és santo,

«Arranca-me este peso, afasta-me este horror!
«Ah! Diz-me cardeal, se é um vil, se é um precito
«O rei que é justo e mata o filho que é traidor...?

E mais não disse o rei, torvo, sombrio e afflicto.
No emtanto o inquisidor erguendo imperturbavel
O seu hediondo olhar das lageas de granito,

Assim tornou com voz vibrante e formidavel:
—Ó principe, e apontava o livido Jesus,
—Para acalmar dos céus a colera implacavel

—O Eterno fez morrer seu filho n'uma cruz!

O terrivel inquisidor tem no quadro uma attitude soberba quando aponta para exemplo ao rei da terra a justiça do rei do céu. O altivo e implacavel Filippe parece velho em demasia e muito curvado para a dureza do seu caracter. O tom geral do esboceto é encantador na sua harmoniosa sobriedade e o panno d'Arraz do fundo tem bellissimos toques.

O trabalho de Sua Magestade realça e honra a exposição.

IV

Sympathica commemoração á memoria do seu chorado mestre fizeram os discipulos de Silva Porto, expondo o seu ultimo trabalho incompleto. Mas que dolorosas idéas me suggeriu esse esboceto — *Macieiras em flor* —, tão primaveral, concebido certamente n'um alegre dia sob a risonha impressão que no espirito acordam a esperança e a coragem. Infeliz homem, mallogrado artista! A sua recordação é uma pungente saudade para os amigos, e a sua falta avalia-se ali na exposição, onde já não dominam as suas télas.

Era dos modernos pintores o mais completo, um mestre, amoravel e bom, illustrado, artista apaixonado pela arte; foi de entre os camaradas o primeiro que partiu, deixando na sua obra um documento honroso para a arte portugueza.

V

A tout seigneur tout honneur. Velloso Salgado é indiscutivelmente o primeiro expositor de pintura; as suas primorosas aptidões artisticas, o seu talento vigoroso, a sua caprichosa phantasia manifestam-se largamente na sua exposição d'este anno. É irregular, mas domina por uma obra superior e toda ella tem o cunho de merito que subjuga. —*O retrato do sr. Braamcamp Freire*— é a joia da exposição; trabalhada pelo buril parisiense refulge de modernismo, e brilha n'ella todo o talento de Salgado; tem o vigor de um pincel de mestre, a sobriedade e nobreza de toda a verdadeira obra de arte. —*O retrato do sr. Correia de Barros*— é um bom trabalho, a cabeça tem grande vigor de expressão. Dos outros quadros de Salgado, os estudos de *plein-air* —*Cabeça de estudo*— e —*Varina*— tem qualidades de muito apreço, grande expressão, frescura e bastante originali-

dade. As paisagens —*Effeitos da tarde*— e —*Noir et rose*—, sobretudo a ultima, são caprichosas impressões de artista, traduzidas phantasistamente, pintalgadas de talento, valiosas *quand même.*

VI

De París envia-nos José de Brito duas télas que muito honram o pintor viannense. O — *Retrato do conde de Caparica* — apresentando as sérias e solidas qualidades que sempre tem distinguido o auctor, e um interessante quadro de genero — *Á lareira* —, que tem bellos effeitos dados pelo contraste da luz fria que vem de fóra com os tons ardentes da chamma da lareira. O desenho é bom. principalmente o da figura de creança do primeiro plano. Não se deve regatear applausos a este trabalhador consciencioso e honesto.

VII

Marques de Oliveira encanta com as suas roseas paisagens, tão originaes, envolvidas n'uma bruma de sonho, cheias de um vago e indefinido sentimento; *manchasinhas* revelando todas um artista com talento e alma, pintor de raras qualidades, não satisfeito nunca, que devaneia mais do que pinta, na aspiração de um ideal transcendente, inattingivel. «Tudo pela arte». Formoso lemma que Marques de Oliveira segue inquebrantavel.

A figura de mulher no quadro — *Ao fim da tarde* — é surprehendente de naturalidade, de graça campesina e de expressão; se o animal que está ao pé não prejudicasse o quadro, este seria uma obra prima. Aquella figura rustica e poetica na sua attitude inconscientemente scismadora, no fundo tambem vago e melancolico, seria a mais bella expressão do sentir do pintor. Das suas formosas paisagens acho adoravel—*A Cascalheira.*

VIII

Malhôa, impavido, risonho sempre, atrevido, trilha sem medo carreiras novas. Onde vão dar? Que importa! A vida é o movimento, a variedade, para que estar sempre no mesmo ponto a martellar a mesma idéa? Temperamento de folhetinista, todo o assumpto lhe serve; apossa-se d'elle e depois apresenta-o de um modo que nos seduz.

Este anno a novidade é o *nu,* pintura difficil, que não se presta a *ficelles* e que Malhôa ataca corajosa e felizmente. A figura —*No descanso*— tem uma carnação deliciosa e bem modelada; os accessorios e o fundo tratados sobriamente dão valor ao quadro. A figura —*Antes da sessão*— apresenta um bello dorso, tem frescura e delicadeza, mas não gosto da maneira por que pousa.

O quadro —*Cocegas*— é uma scena rustica, viva e bem tratada, sobretudo nos primeiros planos. Nos —*Ouriços*—

é graciosa a figura da creança e estão bem encontrados os valores.

Mas, a meu ver, o melhor de todos os trabalhos que apresenta este anno é — *O retrato da sr. D. Luiz Almedina* —, muito bem modelado e feito com a simplicidade de um mestre. O fundo, procurado com arte, é de uns tons nacarados que realçam a formosura do original.

Malhôa não excedeu o que d'elle se esperava, mas sustenta o seu credito de trabalhador energico e activo; não affrouxa, nem desmerece nenhuma das bellas qualidades que sempre o têem distinguido.

IX

Vaz continúa a apresentar-nos as suas deliciosas marinhas, tranquillas, risonhas, aspectos fluviaes queridos do artista, pedaços de areial, em que as aguas se espreguiçam, barcos que se balouçam brandamente, tudo tratado com a serenidade e segurança do artista feito, que tem uma

maneira sua, e pinta como sente.—*As gaivotas*—e os—*Barcos da minha terra*—são duas formosas télas. Outras mais pequenas como—*As bateiras*—, o —*Pôr do sol*—são impressões, marcadas de um sentimento de vaga poesia. Tem todas um cunho especial, uma originalidade vaga e attrahente.

X

Ramalho expõe um quadrinho que é um poema de luz,—*O tio Jeronymo.*— Como ali cantam as côres n'um vivo e suave accorde! É uma das mais bellas e alegres notas da exposição. Mas porque será que este pintor de tão real e superior merito expõe tão pouco? Apresenta-nos o retrato da actriz Virginia, trabalho primoroso de factura, em que ha bellas rendas e velludos opulentos, um delicioso acabamento de mãos e um bom claro escuro, mas que no conjuncto é inferior a outros executados pelo mesmo artista. Expõe tambem um—*Retrato de creança*—do qual po-

demos proximamente dizer o mesmo que do retrato da actiz Virginia; uma télasinha luminosa a—*Capella do Corpo Santo*—e uma cabeça a pastel, retrato de um seu collega, desenho de um avelludado precioso.

É a producção de um artista que descansa e que em meio do seu *dolce far niente* dá umas pinceladas por desfastio. Mas por Deus, nobreza obriga. Quem possue o enorme talento de Ramalho não póde descansar assim. Encobrirá este repouso apparente o trabalho de gestação de alguma obra soberba, destinada a emocionar-nos no futuro? Se assim for, abençoados ocios.

XI

Freire não descansa; é um modesto, activo e consciencioso trabalhador. Na anterior exposição os seus trabalhos tão sinceros, de uma nobre seriedade, captivaram-me; augurei-lhe um bom futuro, e elle apresenta-se este anno de uma ma-

neira brilhante, que confirma as predições que toda a critica leal fez a seu respeito.

O seu quadro principal os — *Catraeiros* — é uma prova do que pódem o estudo e o trabalho quando auxiliam valiosas faculdades. Não é irreprehensivel, como o não póde ser, o trabalho do artista que ainda procura e hesita; mas que bella e vigorosa execução a de aquellas figuras vivas, que acerto na composição, que scena tão animada na sua rude singeleza, não apresenta aquelle quadro de Freire. Possue esse não sei quê com que nos prendem todas as obras que o talento assignala. A — *Scena rustica* — é uma téla pequena, mas de não inferior merecimento, exigindo menos esforço de composição o seu todo é mais harmonico; sobria, naturalissima, as figuras dos animaes cuidadosamente estudadas. A cabeça de velha — *Em oração* — é em extremo expressiva e de uma bella modelação. — *Fins de dezembro* — uma fria paisagem, de que as brumas nos põem arrepios no corpo, mas onde se encontra,

como em todos os trabalhos de Freire, uma naturalidade realçada pelo fulgor de um ideal largo e puro, dourando com os seus reflexos uma obra que começa scintillante de promessas feitas sem ruido, mas animadas pelo calor de uma fé ardente.

XII

Condeixa é um mestre no desenho, poucos artistas alcançam a correcção do seu lapis. É pena ter um colorido molle e uma pincelada tão uniforme que d'ella resulta no seu trabalho semelhança entre um tecido e uma pedra.

Nota-se nos seus quadros uma grande precisão nos valores, justamente encontrados, o que dá enorme relevo ás figuras pela differenciação dos planos. Estas qualidades podem apreciar-se na —*Volta da fonte*— onde a figura de mulher chama a attenção pela correcção e vigor com que está desenhada. Tambem desenhado com grande superioridade está o —*Retrato do sr. P. L.*— e tem mais vigorosos traços

de pincel. A pequena paisagem, —*Ponte velha de Carenque*— e a —*Natureza morta*— têem muito boa execução, principalmente a ultima.

Gosto muito da sanguinea —*Italiana*— que está admiravelmente desenhada. Condeixa distingue-se na exposição d'este anno entre os seus melhores camaradas.

XIII

João Galhardo é um dos novos que se apresenta fadado para a conquista de louros no futuro, se tiver perseverança, coragem e o bom senso necessario para se não cegar com os primeiros deslumbramentos de triumpho, adquirindo pelo estudo aturado e pelo trabalho consciencioso as qualidades que o hão de tornar um distincto pintor. Tem talento, audacia, originalidade, e uma irrequieta e exaltada phantasia que póde servir-lhe se souber dominal-a, mas que tambem póde perdel-o. Parece-me destinado a engrossar a fileira dos dissidentes. É um dos

artistas novos a quem conviria saír d'este meio acanhado e ir temperar a sua nervosa força em mais larga arena. As suas paisagens, todas escolhidas com intuição artistica, têem um cunho de originalidade que as torna muito interessantes, e algumas durezas que a boa execução geral resgata. Distinguem se entre ellas o —*Rio de Freixial*— e o —*Caminho de Azoia*—. Um gentil quadrinho, —*Atravessando as leiras*—. A figura da rapariga graciosamente desenhada, avança sob uma atmosphera transparente, banhada de luz, e o campo estende-se a perder de vista. Está executado com firmeza e vale. Galhardo apresenta-se pois este anno bem galhardamente e dános o direito de esperarmos bastante d'elle.

XIV

Arthur Mello, talentoso, com um atrevimento e petulancia proprios de seu caracter, de que resumam acres verduras, saltita por uma gamma de côres,

desde o vermelho alaranjado até ao violeta, e mergulharia o seu pincel nos raios obscuros do espectro, se fosse dado aos mortaes devassar esses segredos da luz. São audaciosos os seus trabalhos, e a sua exposição este anno impressionou-me. Um bocadinho mais de modestia e o joven pintor conquistará esse favor do publico que procura attrahir ruidosamente. O seu estudo, —*Ao sol*—, agrada e é bem desenhado, mas o artista procura tirar com a harmonia das côres complementares effeitos, que não estão na natureza, a qual se recusa a violencias. Precisamente o mesmo posso dizer da —*Cabeça de rapaz*—, que todavia tem bellos effeitos de luz e sombra.

O melhor dos seus trabalhos é a — *Recordação* — menos convencional, mais sincera, e de grande riqueza de tons. Agradam-me menos as outras suas télas; direi mesmo que acho banal a — *Engeitada* —. Em resumo: Mello é um artista que promette bastante para quando amadurecer mais um pouco.

XV

Ezequiel, discipulo de Silva Porto, tenta seguir as pisadas do mestre. As suas paisagens, tão larga e brilhantemente tratadas, têem um grande encanto no colorido. —*As lavadeiras no Mondego*— apesar do pouco acabamento das figuras, apenas indicadas, é uma bella paisagem, de luz clara e suave; respira-se e vive-se n'aquelle pedaço de téla em que o azul canta alegrias e a mocidade esplende. É uma linda mancha o —*Mondego*—, encantador o —*Choupal*—. Ezequiel tem qualidades para ser um delicado paisagista, possue um bello talento, sentimento, e tem muito poucos annos, o que é ainda uma garantia de futuro.

XVI

Baeta aqueceu um pouco mais a sua habitual frieza de tons. Dá-nos em o —*Crepusculo*— uma impressão vivida e sentida, e as —*Flores*— pintadas com

largueza e graça, são bellas. Apresenta um bom numero de télasinhas bem desenhadas, e que, não obstante parecerem na maior parte pintadas com indifferença, demonstram que o artista podia, se quizesse, apresentar trabalhos de maior folego e de mais completo acabamento.

XVII

Torcato Pinheiro tem feito notaveis progressos; são muito interessantes os trabalhos que mandou do Porto, dos quaes me agrada muito o — *Caminho no Regado* —. É um artista sympathico e em extremo modesto.

XVIII

D. Josefa Greno anima a exposição com o fresco colorido das suas bellas flores. As —*Papoulas*— são uma gentileza. Em alguns outros quadros os fructos têem bastante perfeição e muita verdade. As composições são sempre graciosas, o desenho, em geral, bom e em todos os seus

trabalhos se encontra alguma cousa mais que o correcto. — *Preparos para o festim* — é uma bonita composição, animada na sua insensibilidade, que é pena ter algumas imperfeições no desenho, e estarem pouco tratados os primeiros planos.

Esta senhora, uma verdadeira artista, cultiva amorosamente o genero a que se dedicou, e as suas télas offerecem sempre uma variedade e encanto seductores.

XIX

Alem dos trabalhos dos artistas a quem dediquei um pequeno estudo, varias télas me deixaram uma impressão agradavel como as marinhas de Thomás de Mello, os —*Preparativos para a caça*— de Henrique Pinto, o estudo de cabeças no quadro —*A missa*— de Teixeira Bastos; e aqui e alem, um accessorio, umas pinceladas justas, a modelação de alguma cabeça, que a brevidade com que exponho as minhas impressões me não permitte descrever minuciosamente.

Como já disse, o aspecto geral da exposição é inferior ao das antecedentes; sente-se muito a falta de Silva Porto, e, alem d'isso, os nossos principaes artistas pouco fizeram que mereça grandes applausos. O que ha de mais importante a notar são os esforços dos novos, animadoras promessas de que a idéa de um renovamento de gosto pela arte não perde terreno, antes se affirma, sem ruido, mas com persistencia.

XX

Na aguarella occupam, como sempre, o mais distincto logar as producções de Gameiro. O —*Retrato de mademoiselle Maria Gomes*—, —*Um frade*—, as paisagens, e muito especialmente o —*Estudo*—, são verdadeiros trabalhos de um artista que conhece o *métier*. E não é dado a todos este dom especial de *réussir* n'um ramo de pintura que tem recursos limitados, compromissos que se impõem, onde os effeitos se hão de conseguir ra-

pidamente, e o pincel alcançar levezas de arminho. Houve quem lhe chamasse brinquedo de arte; todavia é um brinquedo difficil.

Quem assim a trata ainda não viu as esplendidas aguarellas de Fortuny, nem as de alguns artistas eminentes. Ignora os applausos que nas exposições da rua de Sèze têem recebido os bellos trabalhos d'Harpignies, de Zuber, de Madeleine Lemaire, de Clairin, de Maurice Leloir e outros pintores que em París d'ella se occupam. Não comprehenderia o valor das soberbas figuras aguarelladas por Detaille, e se lhe dissessem que varias das aguarellas do grande Meissonier alcançaram na exposição o subido preço de 58:000 francos, superior ao de alguns dos seus melhores quadros a oleo, pensaria que era gracejo.

O nosso critico, que assim considera a aguarella, ha de apesar d'isso convir em que Gameiro é um artista de merito superior a muitos dos que expõem nas outras salas.

XXI

Na exposição d'este anno apresenta o architecto Bigaglia uma grande aguarella representando o —*Claustro dos Jeronymos*—; é um estudo de architectura, despido de sentimento, mas está tratado com uma soberba maestria, tem um admiraravel estudo de planos e o ar circula livremente pelas arcadas de que a vista alcança a profundidade enorme.

XXII

A pastel apresentam bons trabalhos alguns dos nossos mais conhecidos artistas; mas em desenhos, depois da bella sanguinea de Condeixa, o que me chamou a attenção foram as interessantes caricaturas de Celso Herminio, um talento novo, já confirmado, e que conquista largo terreno na arte de Gavarni.

XXIII

Simões de Almeida honra este anno a exposição com uma das suas mais bellas obras —*Superstição*—, estatua de uma esplendida belleza, em cuja contemplação o olhar cansado de percorrer as salas vae repousar contente. Simões de Almeida é um artista de primeira ordem, o nosso primeiro estatuario, um mestre a quem todos respeitam, e a apreciação do seu merito não cabe aqui em linhas traçadas á pressa: A —*Superstição*— é uma maravilha em que a graça, a correcção das linhas, o primor da modelação, a harmonia das fórmas encantam, deixando apenas um sentimento — a admiração.

A estatua de Simões de Almeida só por si faria o attractivo da exposição; para vel-a os amadores correriam ás salas de S. Francisco, ainda quando n'ellas nada mais se encontrasse. Aos pés depozeram-lhe flores, homenagem á belleza,

ao talento, á arte. Mas ainda mais grandiosa e sincera homenagem existe no coração dos admiradores do grande artista, que sentem, ao contemplar aquella obra prima, acceso o calor do enthusiasmo. Bravos a Simões de Almeida.

XXIV

Em esculptura mais nenhum trabalho de grandes proporções se apresenta, mas encontra-se lá arte, verdadeira arte, como n'aquella deliciosa cabecinha em bronze de Teixeira Lopes, esse talentoso esculptor, da patria de Soares dos Reis, moço ainda e já tão illustre. É um artista de valente pulso, de uma intelligencia vasta e profunda. Ha nas suas obras um grande arrojo de concepção, que não exclue o sentimento mais delicado.

Apresenta tambem na exposição alguns esbocetos em gesso de grande merecimento, principalmente a —*Caridade*— que é uma composição admiravel.

XXV

Digna de toda a consideração é D. Albertina Falker, uma namorada da arte, a quem nenhuma contrariedade esmorece, nenhum sacrificio acobarda. Conheço-a desde os seus primeiros passos n'este arduo caminho que encetou, e tenho-a visto sempre corajosa e modesta, proseguir inalteravel, rompendo com obstaculos, difficeis até para os fortes, alcançar com o seu talento um logar que a honra. É muito apreciavel a sua exposição distinguindo-se o —*Orphão*—.

Não são tambem destituidas de interesse as duas cabeças de rapaz e de rapariga, de Pereira.

Um medalhão em prata *repoussé*, —*Mater purissima*— do sr. Christofanetti, embora pertença ao ramo da arte applicada, cito-o aqui como um excellente trabalho de modelação, que muito honra o distincto artista italiano.

XXVI

Depois de apresentar as minhas impressões sobre o que vi na exposição, não posso deixar de fazer uns reparos sobre a critica que ella levantou.

Quando as primeiras exposições de arte, não officiaes, appareceram, ouviu-se de todos os lados tão vivo e espontaneo clamor, que o publico, accordando de repente, perguntou o que era.—É a arte, senhores, que renasce entre nós, abram-lhe os braços, festejem-na, lancem aos artistas flores e oiro, elles merecem tudo. O publico um pouco desconfiado, sim, mas professando o credo da letra redonda, começou a applaudir a arte e os artistas, lançando-lhes porém flores e oiro com uma certa conta e medida, para os não estragar. Isto assim alguns annos. Durante elles os artistas foram trabalhando e conseguiram bastante. Silva Porto, trabalhou incessantemente, fez pintura portugueza, original, sincera e sentida. Columbano confirmou-se um original e grande

pintor. Malhôa tem trabalhado sempre infatigavelmente, arrostando com todas as difficuldades, arrojando-se a commettimentos largos e manifestando uma preciosa plasticidade de talento. Soares dos Reis, o grande estatuario, deixa trabalhos geniaes e mata-se porque encontra o mundo pequeno para o seu ideal. Simões de Almeida está formando com a sua obra um pedestal glorioso sobre o qual o ha de venerar o futuro. Uma pleiade de artistas tem surgido, e de entre esses, como Ramalho, Salgado, Teixeira Lopes, Sousa Pinto, preciosos talentos, pois pergunta um critico, comparando a litteratura portugueza com as artes plasticas em Portugal nos ultimos dez annos, o que têem ellas dado?

Agora passou a ser moda tratar mal os artistas na imprensa, e esta moda para se parecer com todas veiu importada de París na bagagem de um jornalista que encetou uma critica, embora illustrada e com pontos de vista elevados, exageradissima pelas comparações e pelas pre-

tensões de querer medir pela grande bitola do *Salon* de París o nosso *petit salon* da rua de S. Francisco. Criticando acerbamente todos os nossos artistas não deixava de pé dois ou tres, visando, talvez, principalmente, ferir o *Gremio Artistico,* mas sendo em geral de uma grande benevolencia para com os amadores pretenciosos que o estragam.

Todavia esta critica irritante e injusta muitas vezes, não tem ainda os ridiculos de algumas outras, feitas por sujeitos que pouco enxergam de arte e vão dando bordoada de cego, macaqueando as severidades vindas de París, mas sem conseguirem alcançar ao menos o ar pedante e fino d'ellas.

Os artistas sáem de taes mãos feitos frangalhos: um atira-se ao Malhôa porque trabalha em tudo, outro ao Vaz porque só pinta marinhas, não sei quem, apresenta Marques de Oliveira, um paisagista primoroso, quasi como se fosse um mirabolante decorador de casas de jantar. É escusado citar mais.

Ora estes senhores criticos para quem os pintores, hontem cheios de merecimentos, hoje são simples borradores de télas, não pensam que o publico, na sua maioria pouco instruido, não podendo sobre tal assumpto ter opinião propria, se fia nas que elles lhe impõem, e fazendo a loucura de lhes dar credito, se julga burlado na protecção que de algum modo der aos artistas e á arte? Não conhecem estes senhores que em vez de cumprirem com a sua obrigação de educar e bem dirigir o publico o desnorteiam?

Não quero dizer que a critica só prodigalise louvores; a justa e imparcial critica é necessaria; mas chegar um sujeito á redacção de um jornal e pegar, por desfastio, n'um artista que tem consumido os melhores annos da sua vida, estudando e trabalhando pela sua arte, a que dedica, não só o seu tempo, mas todas as suas faculdades e até o seu coração, e pegando n'elle estendel-o ridiculamente n'uma tira de papel, atirando-o assim para o publico, sem mais conside-

ração pelo talento e pelo trabalho d'esse artista, com a mesma ignorante indifferença com que fuma um cigarro, será isto admissivel? O trabalho sincero e honesto merece mais attenção.

Acham que o ensino da arte em Portugal é errado ou improficuo, levante a critica illustrada uma campanha n'esse sentido, mas estude primeiro o assumpto, para que d'elle possa fallar com competencia. Procure educar e aperfeiçoar, mas não destrua descuidosamente o que tantos labores e canceiras tem custado.

A exposição d'este anno não está rica de obras de merito, mas representa bastante esforço e trabalho, revela tentativas felizes, aspirações justas e promessas de futuro; já é alguma cousa.

Estou certo de que o publico faz, ainda assim, melhor justiça aos artistas, comprehendendo que a arte não póde exceder o meio em que se desenvolve, e que, attendendo ás difficuldades com que luctam, os nossos artistas se portam corajosamente.

Dedicar a sua vida a um trabalho que absorve todos os dias e todas as horas, e entre nós apenas permitte viver na mais obscura modestia, viver orgulhosa e exclusivamente d'elle e para elle, ter de soffrer as injurias da critica, os desdens da ignorancia, não desanimar nunca, seguir inalteravel no ideal que se venera, faz dos artistas sacerdotes ante os quaes sempre me curvarei com respeito.

Maio de 1894.



INDICE

Prefacio.

Parte I — Perfis

Silva Porto........................... 3
Antonio Ramalho........................ 37
Soares dos Reis........................ 61
Columbano Bordallo Pinheiro............ 73
Henrique Casanova...................... 93
Marques de Oliveira.................... 101
José de Brito.......................... 109
Sousa Pinto............................ 115
José Malhoa............................ 123
Simões de Almeida...................... 133
Velloso Salgado........................ 141
Ricardo Hogan.......................... 147

Parte II — Notas e impressões

A pintura militar...................... 155
A galeria de S. Lazaro................. 177
A segunda exposição do Gremio Artistico.. 189
A terceira exposição do Gremio Artistico.. 247
A quarta exposição do Gremio Artistico.... 311

ACABADO DE IMPRIMIR

NA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

aos 31 dias do mez de dezembro

anno

M DCCC XCV







This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.